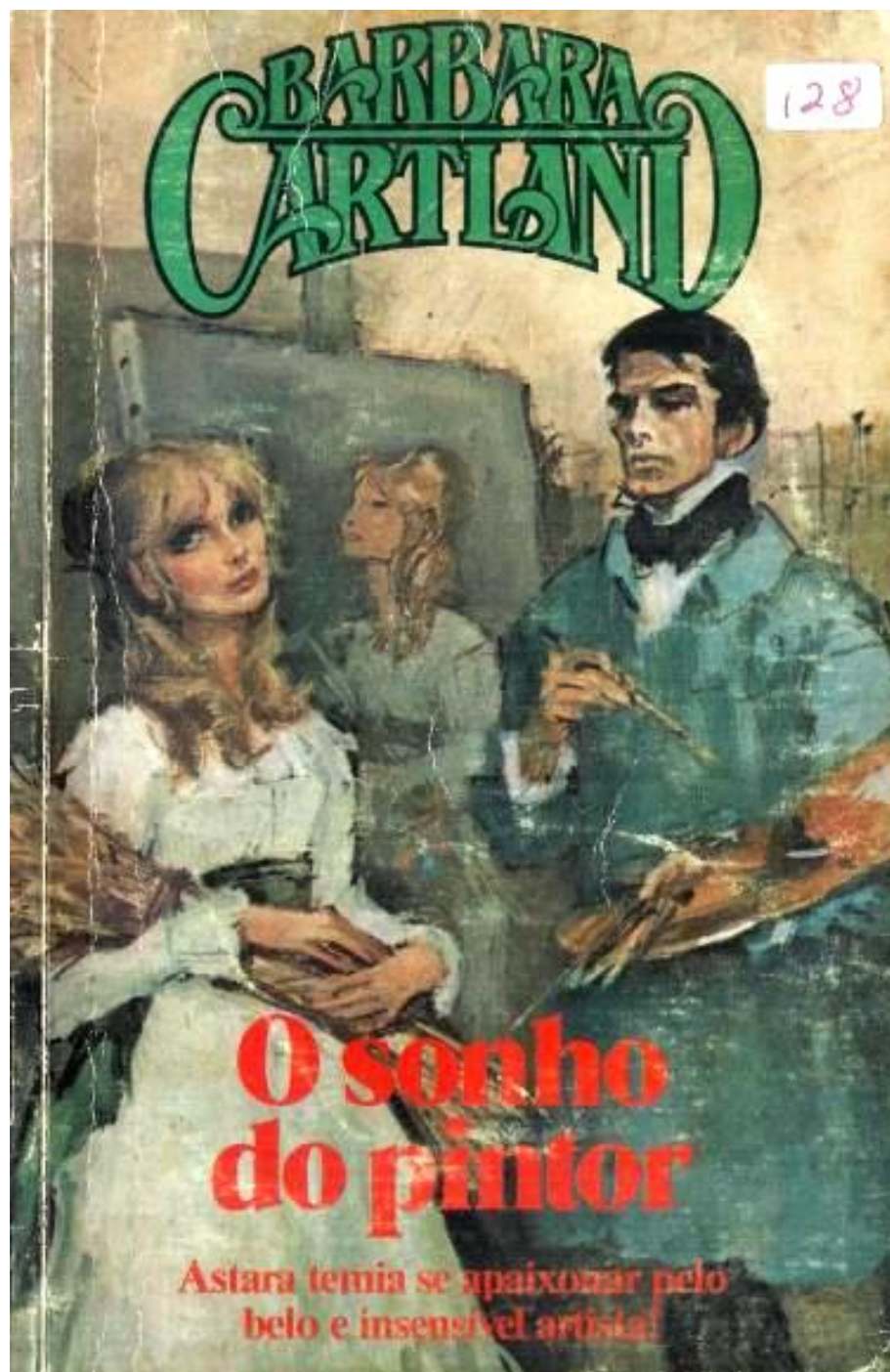




O sonho do pintor

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland nº 128



Nova Cultural

Título original: "**The Judgement of Love**"

Copyright © Barbara Cartland 1979

Tradução: Sílvia Macedo

Copyright para a língua portuguesa: 1985^Abril S.A. Cultural — São Paulo

Esta obra foi composta na Linoart.Ltda. e impressa na Editora Parma Ltda.

Três noivos! Astara custou a acreditar no que estava ouvindo! Seu tutor lhe propunha um trato: ficar solteira ou escolher entre seus sobrinhos o que iria ser seu marido. Órfã, sem ninguém que a orientasse, tinha medo de enfrentar seus três pretendentes. O mais estranho é que a felicidade de Astara dependia de um belo quadro de um jovem pintor, irresistível e famoso!

A mais famosa e perfeita autora de romances históricos, com 350 milhões de livros vendidos em todo o mundo.

CAPÍTULO I

1820

— Esta sala é perfeita para os quadros! — exclamou Astara.

— Eu sabia que você ia dizer isso — replicou sir Roderick.

Encantada, Astara observou o imenso salão georgiano de paredes brancas, com cornija dourada e três janelas que se abriam para um terraço que dava para o jardim.

Um sol pálido de abril penetrava na sala, esparramando-se gostosamente sobre os móveis franceses revestidos de damasco e sobre as flores e os cupidos do tapete Aubusson.

“Parece até que tudo isso foi criado para realçar ainda mais a beleza de Astara”, pensou sir Roderick, fitando-a, encantado.

Em toda a sua vida, nunca tinha visto nada tão bonito quanto os cabelos loiros que emolduravam seu rosto oval, parecendo às vezes ter um tom de fogo. Os olhos azuis eram da cor do Mediterrâneo, e sua pele, suave como as pétalas da magnólia em botão.

Quando Astara tinha quinze anos, depois da morte de seus pais, sir Roderick a deixara numa escola em Florença, imaginando que se tornaria uma moça muito bonita. Entretanto, ao ir buscá-la dois anos depois, verificara que ela simplesmente tinha superado todas as suas expectativas.

Naquele momento, com entusiasmo e vitalidade contagiante, Astara começou a bater palmas.

— Encontrei! — exclamou. — Descobri o lugar ideal para o nosso quadro.

— Que quadro? Se você bem se lembra, nós compramos mais de cem!

— O senhor sabe exatamente a que quadro estou me referindo. Ficaria perfeito sobre aquela cornija de mármore entalhado!

— Será que você está falando do *julgamento de Paris*, pintado por aquele artista alemão que quase ninguém conhece?

— Claro que estou falando do *Julgamento de Paris* — replicou Astara.

— É o quadro mais bonito que já vi na vida. Eu sacrificaria todos os seus Cranachs, Guardis e Poussins para possuí-lo!

– Só espero que nenhum grande conhecedor de arte a ouça falar assim. Em todo caso, concordo que Johann van Aachen fez um trabalho excelente naquele quadro. Talvez seja, entre todas as suas obras, aquela em que melhor demonstra que estudou muito bem os estilos de Tintoretto e de Michelangelo.

Sir Roderick percebeu que Astara não o ouvia. Olhava para o espaço sobre a cornija da lareira, de onde ele ordenara que retirassem um dos quadros de Wootton, que seu pai colecionara avidamente.

Aquele não era o lugar mais apropriado para uma pintura do gênero, embora sir Roderick soubesse que era de excelente qualidade. Já tinha resolvido que os trabalhos de Wootton, Stubbs e Hondecoeter deviam ser recolocados no vestíbulo e na biblioteca.

Havia muitas reformas a fazer em Worfield Park, agora que estava de volta à Inglaterra, e sir Roderick animava-se ante a idéia de redecorar a imensa casa com a ajuda de Astara. O tempo que ela passara em Florença tinha lhe proporcionado uma educação muito superior à recebida pela maioria das garotas inglesas. Quando estavam em Roma, por exemplo, ele pudera observar o quanto ela conhecia de escultura e arquitetura de templos antigos, tão abundantes naquela cidade.

“Ela própria parece uma deusa”, pensou, vendo-a atravessar a sala para abraçá-lo.

– Vai ser tão bom, tio Roderick! Faz tantos anos que não tenho um lar, que tudo na sua casa me deixa fascinada!

– Era o que eu esperava. Mas fico imaginando quanto tempo você ficará comigo, para que possamos desfrutá-la juntos...

Astara fitou-o com expressão de absoluta perplexidade, e sir Roderick apressou-se a explicar:

– A julgar pelo número de rapazes em Roma que jogaram seus corações, seus títulos e seus palácios dilapidados aos seus pés, não posso deixar de imaginar que vai acontecer o mesmo aqui na Inglaterra.

Astara deu uma risada e duas covinhas surgiram em seu rosto.

– Dilapidado é a palavra exata para descrever a maioria daqueles palácios! Desconfio até que muito da ansiedade de tantos pretendentes vinha do fato de imaginarem que o senhor me daria um bom dote.

– Pode dizer o mesmo dos nobres que a perseguiram em Paris?

– Os franceses são espertos quando se trata de negócios! – Astara

replicou graciosamente.

— O fato é que desejo que você se case com um inglês. Quero que more aqui, e gosto de pensar que, quando eu morrer, seus filhos estarão aqui, correndo pelos gramados e escorregando na Galeria de Pinturas.

— Não fale em morrer — pediu Astara. — Isso não vai acontecer durante muitos anos, e o senhor sabe que eu ficaria completamente arrasada se... o perdesse. O senhor é toda a minha família.

A voz de Astara estava tão trêmula que sir Roderick percebeu quanto ainda lhe doía a falta dos pais. Lembrou que, na última vez em que vira os três juntos, chegara a pensar que nunca tinha conhecido pessoas tão felizes.

É que os pais de Astara tinham se amado de uma maneira que poucos homens e mulheres têm o privilégio de fazer. E como haviam encontrado a morte juntos, não existia entre eles a menor desilusão, nem a dor de um viúvo ou viúva desesperados.

De tanta felicidade só tinha restado Astara, e, quando recebeu seu pedido de ajuda, aceitou-o com alegria, sabendo que devotaria os anos que lhe restassem a cuidar dela.

Sir Roderick sempre se perguntava se Charles Beverley, seu amigo mais íntimo, apesar de muitos anos mais jovem, tivera algum estranho pressentimento de que ele e sua amada esposa não voltariam daquela viagem de exploração nas montanhas da Turquia. Pois fora enquanto estavam lá que ocorrera um violento terremoto, e ninguém nas redondezas sobrevivera para contar exatamente o que tinha acontecido.

Da maneira mais acertada possível, antes de partir haviam tornado sir Roderick Worfield tutor de Astara. Eles o amavam muito, e, além disso, ele era solteiro e extremamente rico. Sir Roderick dedicara a vida à sua profissão, acumulando uma grande fortuna, e, na verdade, a única mulher que amara e com quem queria se casar tinha se apaixonado à primeira vista por Charles Beverley.

Um homem de menos caráter do que sir Roderick poderia ter ficado enciumado e ressentido por ter unido as duas pessoas de quem mais gostava no mundo apenas para, de certa forma, perdê-las. Pois a partir do momento em que se conheceram, Charles e Charlotte deixaram de lembrar que existiam outras pessoas no mundo.

Charles sempre gostara muito de viajar, e, amadoristicamente, era um explorador. Charlotte, por sua vez, ficaria absolutamente encantada em

explorar a lua, se ele a convidasse para tal.

Quando viajavam, sempre levavam Astara junto. Aos dez anos de idade, a menina já viajara num *dhow* pelo rio Nilo, caíra de uma canoa num rio infestado de crocodilos e enfrentara tantas tempestades em alto-mar que tinha se tornado uma boa navegante. Conhecia partes do mundo em que poucos adultos, que dirá crianças, jamais haviam sonhado penetrar.

Na época em que passou para a tutela de sir Roderick, não era de se surpreender que discorresse sobre uma infinidade de assuntos acerca dos quais as outras garotas de sua idade eram completamente ignorantes. E ele achou que tudo o que ela precisava era de uma educação sofisticada, que a tornasse capaz de ocupar seu lugar na sociedade e garantisse para sua beleza única e incomum a moldura correta.

Sir Roderick era um homem extremamente sociável, e como era muito rico e simpático, não existia uma capital em que não fosse bem-vindo ou uma casa cujo proprietário não se orgulhasse em recebê-lo. Os Worfield eram uma família antiga e poderosa, e sir Roderick o sétimo baronete.

Como muitos governos pediam seus conselhos e tiravam grande proveito de seu profundo conhecimento de finanças, teria sido muito fácil para ele conseguir outros títulos importantes, mas não se interessava por isso.

Entretanto, tinha muito orgulho da imensa e magnífica mansão de Hertfordshire, que pertencia à família Worfield há quase quinhentos anos.

Seu avô tinha aumentado a casa, e a ala principal fora totalmente reconstruída por Robert Adam. Eram estes os aposentos que sir Roderick achava ideais para Astara, por isso passara os dois últimos anos em que tinham ficado viajando pela Europa comprando quadros e outros objetos para embelezá-los.

Achara engraçado quando, em Paris, Astara ficara fascinada por uma tela de Johann van Aachen, que fora pintor da corte do exigente imperador Rodolfo II. Mas compreendia seu entusiasmo pelo *Julgamento de Paris*, pois ela própria tinha muita semelhança com as três deusas, lindas e etéreas, representadas diante do belo jovem, cada uma confiante de que receberia a maçã dourada que ele deveria dar para a mais bela.

Sir Roderick sempre pensava que havia algo em Astara que a distinguia de qualquer outra mulher que já conhecera. Era algo etéreo e difícil de descrever em palavras, entretanto, ele sabia que era isso o que fazia os homens caírem apaixonados aos seus pés, assim que a viam. E também o

fazia ter certeza de que Londres não seria diferente de Roma ou Paris, e que teria que passar a maior parte do tempo defendendo-a dos caçadores de dotes.

Nunca fizera segredo do fato de que considerava Astara como sua própria filha, e que ela seria herdeira de grande parte, se não de toda a sua fortuna.

Sir Roderick foi para o vestíbulo, onde vários criados desfaziam os enormes baús cheios das compras feitas durante os dois anos passados em viagem.

Chamou seu administrador, que estava supervisionando o trabalho.

— Barnes, quero que dois homens levem aquele quadro para o salão.

— Pois não, sir Roderick.

O sr. Barnes seguiu com o olhar a direção que o patrão apontava e mandou dois lacaios levarem o quadro.

A tela era bem grande, e sua moldura, grossa e entalhada. Sir Roderick mandou os criados segurarem o quadro sobre a cornija da lareira e, assim que o observou, pensou que o bom gosto de Astara era irrepreensível.

— Está perfeito! — gritou ela. — O quadro capta a cor rosada do tapete e o azul do teto, e sinto que toda a sala gira em sua volta.

— Então vamos pendurá-lo já! — Sir Roderick sorriu e deu a ordem.

Decidiram a posição de vários outros quadros. Depois sir Roderick sugeriu que seria melhor pendurá-los aleatoriamente nas paredes, e discutissem mais tarde o lugar ideal para cada um.

— Quero lhe mostrar tantas outras coisas, minha querida, que nossas novas aquisições terão que esperar sua vez.

Astara sorriu, pois já estava achando que a Inglaterra possuía atrativos maravilhosos, que não tinha encontrado em nenhum outro país. Fazia oito anos que não voltava lá, e quase chegara a esquecer sua imensa beleza.

Os narcisos formavam um tapete dourado no parque, e, no percurso entre Londres e a propriedade, notara que as cercas vivas eram cobertas de primulas e que, nos jardins, os primeiros botões de flores começavam a desabrochar.

— É tudo muito mais bonito do que eu imaginava, e, sinceramente, sinto-me voltando para casa, tio Roderick.

Depois do jantar, sentaram-se no salão, e, vendo que Astara quase não tirava os olhos do quadro sobre a lareira, como se este a prendesse com

estranha magia, seu tutor disse:

— Sabe, Astara, sua admiração pelo *Julgamento de Paris* acaba de me dar uma idéia!

— Que idéia?

— Quero que você também esteja na posição de julgar, não três bonitas moças, mas três rapazes!

Astara não entendeu e olhou-o, surpresa.

— Já lhe disse que, quando eu morrer, você vai herdar minha fortuna — continuou ele. — Entretanto, sempre existem algumas desvantagens ligadas a grandes somas de dinheiro, principalmente quando se trata de uma mulher.

Sir Roderick falou com voz grave, e Astara, saindo do sofá em que estava, ajoelhou-se ao lado de sua poltrona.

— Então não me dê muito, tio Roderick. Sei que tem medo que eu seja assediada por caça-dotes, e acho um erro proporcionar-lhes essa tentação.

— Você é tão encantadora, minha querida, que qualquer homem a amaria, mesmo que fosse mendiga. Mas, ainda assim, nós dois somos inteligentes o bastante para saber que a maioria dos homens também acha a riqueza irresistível.

— Eu quero ser amada por mim mesma — disse Astara em voz baixa.

— E você será, prometo. Ninguém que a conheça seria capaz de não amá-la, mas quero ter certeza de que meu dinheiro será bem aplicado quando eu não estiver mais aqui. — Ele ficou pensativo por um momento, e continuou: — Você sabe tão bem quanto eu que a lei dá ao homem controle total e absoluto sobre a fortuna da esposa. Assim, temos que encontrar um homem que, além de amá-la, a respeite e mereça sua confiança.

— O senhor acha que será difícil?

— Não, se você permitir que eu sugira três candidatos em quem tenho plena confiança.

— O senhor não me forçaria a casar com um homem que eu não amasse, não é? — perguntou Astara, depois de ficar imóvel por um momento.

— Quero que você conheça a mesma felicidade que seu pai e sua mãe conheceram, querida. Como acontece com você, era impossível não amar sua mãe.

— O senhor a amou profundamente, não foi? — Astara perguntou

gentilmente.

— Nunca amei outra mulher, e é por isso que, sendo você filha de Charlotte, eu ficaria muito satisfeito em poder dedicar o resto de minha vida a você. — Sir Roderick acariciou-lhe os cabelos. — Mas, além disso, você sabe que eu a amo por você mesma, e quero tentar encontrar um homem que goste de você e a proteja como eu.

— Quem o senhor está... sugerindo? — ela perguntou, hesitante.

— Meus três sobrinhos!

— Seus três sobrinhos? — repetiu Astara, espantada. — Vejo agora que tenho sido muito grosseira, pois nunca lhe perguntei sobre sua família. Sempre pensei no senhor como uma pessoa sozinha.

— E tenho sido mesmo — concordou sir Roderick. — Gosto de minha independência. Gostei muito de andar livremente pelo mundo, concentrando-me apenas nos negócios e, como você sabe, construindo uma grande fortuna. — Ele sorriu, satisfeito com o próprio sucesso. — Porém, tenho parentes, e, entre eles, três rapazes Worfield a quem eu confiaria meu tesouro mais valioso: você!

— Esta conversa está começando a me deprimir. — Astara encostou a cabeça nos joelhos do tio. — O senhor não pára de falar em me deixar! Estou tão feliz em sua companhia que não quero me casar, tio Roderick!

— Você está com dezenove anos — ele replicou. — Não posso permitir que venha *coiffer Sainte Catherine*.

Astara riu, sabendo que aquela expressão em francês significava tornar-se uma solteirona.

— Não acredito que tal aconteça, mas não há mal nenhum em tomar certas precauções — ele continuou. — Assim, quero que conheça meus três sobrinhos antes de irmos para Londres, onde estou certo que você fará o mesmo sucesso que fez em Roma e em Paris.

— Está bem, mas terei que entregar uma maçã dourada para um deles?

— Vamos deixar nas mãos do destino o resultado final do seu julgamento, Astara. Primeiro, vamos nos divertir com a resposta que darão à carta que pretendo escrever para cada um.

— Fale-me deles, tio Roderick. O senhor está me deixando nervosa!

— Não existe motivo para isso. Quero apenas que ajude um velho a realizar seus sonhos, e admito que por fim venhamos a descobrir que não

vemos as coisas sob o mesmo prisma.

— Quero pedir mais uma vez que prometa que não me forçará a casar com um homem a quem eu não possa entregar meu coração.

— Prometo, pode ficar sossegada. Mas talvez eu esteja com um pressentimento, pois tenho certeza de que você encontrará em um dos meus sobrinhos, que são muito bonitos, o homem que o destino lhe reserva como seu parceiro. — Astará ficou em silêncio, e, percebendo que ela esperava ouvir mais, ele acrescentou: — Pelos retratos, você deve ter notado que meu pai tinha uma bela figura.

— Como o senhor!

— Eu até que era bonito quando jovem, pelo menos muitas moças lindas o achavam. E meus três irmãos mais novos também não ficavam atrás. Na verdade, sempre chamávamos muita atenção, aonde quer que fôssemos.

— Gostaria de tê-lo conhecido nessa época — interrompeu Astará. — Assim, ao invés de apaixonar-se por mamãe, o senhor poderia ter-se casado comigo!

Sir Roderick acariciou com ternura o rosto de sua pupila e continuou:

— Acho que tivemos algum antepassado que nos inspirou a desejar o sucesso com uma ambição quase insaciável — murmurou sir Roderick, quase como se estivesse falando sozinho.

— Foi isso que o fez trabalhar tanto e construir uma fortuna tão grande, tio Roderick?

— Claro! Eu era louco para provar a todos que meu cérebro era melhor do que da maioria dos outros homens. — Ele deu uma risada gostosa. — Cada vez que eu resolvia algum caso financeiro de grande porte, sentia-me como um pavão abrindo a cauda para proclamar minha própria astúcia!

— Entendo exatamente o que o senhor quer dizer. — Astará riu. — Devia ser muito divertido... muito divertido!

— Meus irmãos eram inspirados no mesmo sentido. George, que é apenas um ano mais novo do que eu, dedicou-se à política. Saiu da Câmara dos Comuns e está na Casa dos Lordes. Foi nomeado conde de Yeldham depois de ser designado lorde-tenente da Irlanda.

— Ora, ele foi muito bem sucedido!

— William, o filho dele, é o visconde de Yelverton, e já se distinguiu entre os *dandies* de St. James. É um esportista, muito bonito, e não existe nenhum solteiro, acredito eu, mais procurado pelas grandes anfitriãs *whigs*.

— Sir Roderick olhava afetuosamente para Astara ao concluir: — Casando-se com William, você assumiria seu lugar na sociedade como uma rainha, e acho que vocês parecem ter sido feitos um para o outro.

Astara olhou para o quadro sobre a lareira e ficou pensativa por um momento.

— Paris teve três deusas para entre elas escolher uma — disse ela. — O senhor me ofereceu Apolo... Quem é o próximo?

— Meu irmão Mark, lorde Worfield, é no momento chanceler da Inglaterra — prosseguiu sir Roderick.

— Sem sombra de dúvida ele também realizou sua ambição! — exclamou Astara. — Acho que não existe posição mais alta em nenhum governo, com exceção da de primeiro-ministro.

— Tenho certeza absoluta de que Mark abaixa a cabeça apenas para o rei. Ele sempre foi muito estudioso, e, além disso, tinha o dom da palavra, o que o conduziu às alturas.

— E o filho dele?

— Lionel é um soldado, e acredito que eficiente e galante. Acho que deve estar com vinte e seis anos, portanto era ainda muito jovem quando teve oportunidade de se mostrar pela primeira vez num campo de batalha. E foi condecorado pelo duque de Wellington em pessoa!

— E ele também é bonito, tio Roderick?

— Pelo que sei, quando está de uniforme faz o coração de todas as mulheres bater mais depressa. Além disso, quando era príncipe-regente, o rei, que só apreciava a companhia dos rapazes mais bonitos e distintos, sempre convidava Lionel e William para irem à Carlton House.

— O senhor está pintando um quadro fascinante — comentou Astara. — É uma pena que seja com palavras e não com óleo sobre telas.

— Os retratos geralmente são decepcionantes. Isso me lembra uma coisa: quero ver você retratada. A dificuldade será escolher que artista inglês lhe fará justiça.

— Não tenho nenhuma vontade de ficar sentada durante horas, quando posso estar passeando a cavalo com o senhor ou dançando com o belo William! — Astara deu um gritinho. — Precisamos dar um baile, tio Roderick! Pense como seria divertido! E o senhor sabe muito bem que em Paris dançou melhor do que todos os rapazes que me acompanharam!

— Lá vem você com elogios novamente! Mas acho uma ótima idéia

dar um baile. Se quer saber, eu já pretendia fazer isso, não só aqui, como também em Londres...

Astara ficou por um momento com a respiração suspensa, de tanta alegria.

— ... Porém, gostaria que seu “julgamento” acontecesse antes — concluiu sir Roderick.

— O senhor está... apreensivo com minha aparição em Londres! — disse Astara, depois de um curto silêncio. — Por quê?

— Você é muito esperta e sensível em perceber isso, e é a pura verdade. Estou um pouco apreensivo, sim.

— Então diga-me por quê, tio Roderick, por favor.

— Não sei se já ouviu falar da liberalidade das regras de moral na sociedade inglesa de hoje, mas é assunto freqüentemente comentado no continente.

— Muita gente falava do príncipe-regente! — concordou Astara.

— Então você deve compreender que, como o rei ficou completamente louco, coitado, ele permitiu que as pessoas regulassem seus padrões pelo comportamento dele. — Sir Roderick fez uma pausa. — Os casos amorosos que teve durante toda a sua vida como príncipe de Gales foram um mau exemplo, e seu casamento desastroso e o fato de agora estar bobo por *lady* Conyngham não torna o *beau monde* o melhor lugar para apresentar uma pessoa como você.

— E por que eu sou diferente das outras jovens? — perguntou Astara.

— Se quer que eu diga a verdade, minha querida, porque você é a mais bonita, além de pura e inocente, com relação aos homens.

Astara enrubesceu violentamente.

— Talvez eu esteja sendo insolente, e se estiver gostaria que me perdoasse, mas desejava saber se já foi beijada alguma vez — continuou o padrinho.

— Não, claro que não! — respondeu Astara, apressada. Em seguida, sentindo que ele esperava uma explicação, acrescentou:

— Para ser sincera, tio Roderick, nunca conheci um homem pelo qual desejasse ser beijada. Muitos tentaram, mas sempre senti que um beijo é algo tão... íntimo, que eu só daria meus lábios para o homem que verdadeiramente amasse.

Havia um quê tão comovente na voz meiga de Astara que sir Roderick

disse, com um tom de triunfo na voz:

— Era exatamente o que eu achava que você sentia, e é exatamente por isso que gostaria de vê-la casada, ou pelo menos noiva, antes de levá-la para Londres.

— O senhor realmente tem medo do que... possa acontecer comigo?

— Um vento áspero é capaz de arrancar as pétalas da flor mais resistente — respondeu sir Roderick. — Além disso, detesto a idéia de você ser brindada como “incomparável”, o que você é sem dúvida, pelos bêbados que se congratulam nos clubes de St. James.

— O senhor pode ter ouvido uma coisa sobre Londres e eu outra — comentou Astara, depois de alguns instantes. — Mesmo assim, como o senhor já me mostrou Roma e Paris, eu não gostaria de permanecer ignorante sobre meu próprio país. — Astara apertou as mãos. — Somos ambos ingleses. Podemos não aprovar tudo o que vemos e ouvimos, mas, seja o que for, faz parte de nós mesmos.

— Você tem razão. Claro que tem razão! Mas, de qualquer forma, gostaria que conhecesse meus sobrinhos antes de irmos para Londres.

— O senhor sabe que farei qualquer coisa que me pedir, tio Roderick. Como poderia recusar, quando tem sido tão bom para mim e amando-o como o amo?

— Então estamos combinados. Amanhã, para poupar meus velhos olhos, você escreverá as três cartas para mim. Garanto que elas trarão meus sobrinhos para cá rapidamente.

— O senhor me falou sobre dois sobrinhos, mas não mencionou o terceiro — disse Astara, percebendo só naquele momento a falta. — Paris teve três deusas para julgar.

— Tenho três sobrinhos como tive três irmãos, mas não temos que nos preocupar com o terceiro.

— Por que não?

— Porque Luke, meu irmão caçula, foi um fracasso!

— Pensei que todos tivessem sido bem-sucedidos, tio Roderick.

— Todos, menos um. Luke foi causa de grande desgosto para meu pai.

— O que ele fez? — Astara estava curiosa.

— Nas famílias grandes, era tradicional que o filho mais velho se dedicasse à propriedade, o segundo à política, o terceiro ao exército e o quarto à Igreja.

– E seu irmão caçula recusou?

– Não, Luke aceitou, e teve oportunidade de escolher entre quinze paróquias que estavam sob o domínio de meu pai. Claro que algumas eram mais importantes e bem-dotadas do que outras, mas Luke escolheu uma paróquia muito pequena, perto daqui, e acabou casando-se antes mesmo de ser ordenado.

– E seu pai ficou muito aborrecido?

– Naturalmente – replicou sir Roderick. – Ele achava que Luke era jovem demais para tomar decisões sérias por conta própria. Além disso, ele escolheu uma moça completamente sem importância, sem nada a recomendá-la a não ser uma grande beleza. Mesmo assim, meu pai resolveu que, por mais insatisfatória que fosse a situação de Luke, ele não devia decepcionar a família. Caso se tornasse bispo, poderia levantar a cabeça junto com os irmãos, e seu casamento apressado, com uma pessoa de nível social inferior, seria esquecido.

– Posso imaginar o fim da história. – Astara sorriu.

– Não pode – disse Roderick, meneando tristemente a cabeça. – Luke foi um grande desapontamento para todos nós. Ele simplesmente recusou todas as promoções que lhe ofereceram, e foram muitas, diga-se de passagem. Recusava-se a deixar Little Milden, e permaneceu lá até a morte. Diziam que ele era adorado nas vizinhanças, mas isso não acalmava meu pai, que gostaria que ele tivesse um campo de influência muito mais extenso do que Little Milden podia oferecer.

– E o filho dele? – quis saber Astara, bastante interessada naquela história.

– Sinto muito dizer, mas Vulcan é tão difícil quanto o pai dele.

– Vulcan? Mas que nome mais estranho para um rapaz!

– Absurdamente estranho, ainda mais para o filho de um pastor. O garoto foi batizado antes que meu pai pudesse interferir. Papai ficou uma fera quando soube o nome do menino.

– Vulcan era o deus do raio e do trovão, na mitologia greco-romana – comentou Astara, pensativa. – Como deus do fogo, essa divindade passou a ser considerada como a deidade inspiradora, não é mesmo?

– Sim, você tem uma ótima memória, minha filha, mas duvido que meu sobrinho Vulcan seja alguma dessas coisas.

– E o que faz ele, tio Roderick? – insistiu, Astara, curiosa.

— Bem, ele agora tem quase trinta anos, e passou grande parte da vida subindo montanhas e percorrendo o mundo de lá para cá, à pé ou montado numa mula.

— Ah! Então tenho certeza que papai adoraria esse seu sobrinho! — exclamou Astara, num impulso.

— Seu pai era muito diferente de Vulcan, minha filha! — retrucou sir Roderick, quase rispidamente. — Pelo que sei, Vulcan tem sido apenas um andarilho, divertindo-se em lugares estranhos, sem pensar em usar seu talento.

— Mas, mesmo assim, ele continua a ser o terceiro do seu trio, não é mesmo? Mas... e se não conseguirmos encontrá-lo?

— Já fiquei sabendo, através de Barnes, que depois da morte de meu irmão ele converteu o velho moinho de Little Milden numa casa. É lá que vive, quando está na Inglaterra.

— E o senhor acha que está lá agora?

— Barnes disse que sim, portanto, poderá ser convidado, exatamente como William e Lionel.

— Tenho a sensação de que o senhor favorece muito esse tal de William.

— Nada disso, estou tentando ser imparcial e deixar a sentença inteiramente a seu critério.

— Mas não consegue deixar de empurrar seu favorito, não é mesmo?

— Astara riu.

— Acho que eu realmente sinto um pouco de inveja do rapaz que é aclamado como um dos homens mais bonitos da Inglaterra, que pode dirigir um Phaeton com uma habilidade que nunca tive tempo de adquirir, e que, sem dúvida, é adepto de resolver alguns problemas com os próprios punhos ou duelar com seus iguais.

— Tio Roderick, o senhor devia escrever um livro! — Astara riu abertamente. — O senhor descreve as coisas com muito mais vivacidade do que qualquer dos romances que li em inglês. Normalmente, os livros franceses são muito melhores.

— Mas nem sempre eu recomendo literatura francesa para alguém tão jovem quanto você — apressou-se a dizer sir Roderick.

— O senhor não está tentando só me proteger das outras pessoas, mas de mim mesma — respondeu Astara, com serenidade na voz. — Sabe,

querido tio, eu tenho que crescer! Tenho que aprender a assumir minhas decisões e também meus erros.

Ela estava tão encantadora falando sério que sir Roderick se inclinou para a frente e passou o braço em volta dos seus ombros.

— Deus sabe como quero protegê-la. Sei muito bem como este mundo pode ser difícil e assustador para uma pessoa sozinha.

— Mas eu não estou sozinha — protestou Astara. — Tenho o senhor.

— Você sabe que estou com mais de setenta anos. Tenho que pensar no seu futuro. Ajude-me, querida, a fazer o que é certo... pois ninguém sabe quanto vai durar a vida.

Sir Roderick sabia que um apelo como aquele receberia resposta imediata do bom coração de Astara. Ela pegou sua mão e pressionou-a contra o rosto.

— O senhor sabe que jamais irei contrariá-lo. Vamos escrever para seus três sobrinhos, e espero que, ao conhecê-los, eu possa realizar o desejo do seu coração e dizer que um deles, talvez William é o homem com quem quero me casar.

— Será impossível eles não se apaixonarem por você, e os Worfield, principalmente meus irmãos e eu, sempre foram muito cuidadosos e sensíveis quando se trata de dinheiro. — Sir Roderick fez uma pausa. — Nosso pai era um homem rico, e sempre foi justo. Costumava nos dar quantias razoáveis de dinheiro quando ainda éramos bem jovens. Lembro dele dizendo: “Todos vocês conhecem a parábola do talento na Bíblia. Tudo o que posso fazer é recomendar que a leiam e se lembrem de que o criado que ocultou o próprio talento foi repreendido por ser mau e indolente!”

— Vocês não fizeram isso!

— Tive inteligência e habilidade para ver meu talento multiplicado mil vezes — replicou sir Roderick. — George, conde de Yeldham, também usou o seu, e assim fez Mark, agora lorde Worfield, título que seu filho Lionel herdará após sua morte.

— Os dois parecem muito atraentes, e sinto muito por Vulcan. O que ele herdou?

— Apenas o gosto por viajar e um velho moinho! — disse sir Roderick dramaticamente, e os dois riram.

Mais tarde, naquela noite, no quarto que sabia ter sido escolhido especialmente para ela por ser o mais bonito e bem-decorado da casa, Astara

quedou-se longo tempo à janela, olhando o luar.

Tinha chovido no começo da noite, e o ar exalava um frescor que ela já tinha esquecido que fazia parte da Inglaterra. A luz pálida da lua iluminava as grandes árvores do jardim, que ali se erguiam imponentes há várias gerações. Perto da casa, mais abaixo, brilhavam as águas prateadas de um lago, alimentado por um córrego que se afastava sinuoso pelos campos verdes.

Havia ainda uma ponte de pedra de onde, durante o dia, tinha visto maravilhosos cisnes brancos deslizando como barcos com as velas abertas, movendo-se ao sabor do vento.

Era tudo tão calmo que Astara pensou que seu tio tinha razão, pois um dia gostaria de criar uma família ali.

Ainda assim, ao mesmo tempo, algo em seu íntimo a fazia ter vontade de conhecer e explorar mais o mundo. Era o mesmo sentimento que levara seu pai a terras tão distantes e que fora, na verdade, responsável por seu próprio nome. Astara era o nome de uma cidade, numa praia do mar Cáspio. Charles Beverley estava viajando pela Pérsia quando um dia, olhando para a vasta extensão de água azul, sentiu-se dominado por uma forte emoção, suscitada por toda aquela beleza estranha e constrangedora.

— É difícil explicar. Só sei que me evocou um sentimento que nunca esqueci — ele confidenciou a Astara, quando ela já tinha idade suficiente para entender. — Existem lugares que elevam o espírito de uma pessoa e a inspiram. Quanto a mim, emocionam-me os lugares estranhos e inesperados, nunca aqueles que estão mencionados nos guias de viagem. — Vendo que Astara prestava atenção, tentando compreender, continuara, quase como se falasse consigo mesmo: — São esses momentos que fazem a vida valer a pena. É neles que atingimos a plenitude, e é como se nosso espírito tocasse o infinito, e passássemos deste mundo para outro.

— Como ir para o paraíso, papai?

— Os homens têm muitos nomes para o divino, minha filha, o que mostra que o homem é, natural e sensivelmente, consciente de que existe outro mundo além deste.

— Eu acho que... estou entendendo.

— Você entenderá quando conhecer o sentimento que tentei lhe descrever, minha filha. Você entenderá quando penetrar, nem que seja durante uma fração de segundo, no mundo além deste: um mundo de

indescritível beleza.

Havia algo quase solene na expressão de seu pai, e Astara observara longamente seu rosto antes de responder.

— Vou tentar encontrar o mundo que me descreveu, papai.

— Você o encontrará! Tenho certeza absoluta de que o encontrará!

Astara nunca tinha esquecido aquela conversa, e agora pensava que era aquela busca do transcendental que levava seu pai e sua mãe a viajarem tanto.

Gostaria de ser mais velha na época para lembrar tudo o que acontecera enquanto estava com eles. Agora sabia que cada uma de suas viagens tinha sido uma descoberta, e queria, como eles, procurar o mundo além deste, fosse em alguma cordilheira distante, num rio não mapeado ou talvez ali naquela casa, sob as árvores do jardim. Não tinha importância nenhuma! Não era o tempo ou o lugar que importava, Astara sabia muito bem. Era, sim, a emoção sentida no espaço mais profundo e íntimo da alma.

Nunca pudera conversar sobre esse tipo de coisa com ninguém. Nem com a amiga chegada na escola, nem agora com seu tutor, a quem chamava carinhosamente de tio Roderick.

Ela o amava muito. Amava sua inteligência, a compaixão e a compreensão que demonstrava em cada palavra que lhe dizia. Entretanto, aquelas outras coisas plantadas em sua mente por seu pai não eram algo que pudesse colocar em palavras ou explicar, a não ser para si mesma.

— Talvez um dia eu encontre um homem que compreenda isso — pensou.

De repente, teve medo de estar sendo otimista demais. Os homens que conhecera em Roma e em Paris tinham se apaixonado por ela, era verdade, mas, por mais inocente que fosse, sabia que era seu corpo que lhes interessava, e não sua mente ou sua alma. Ela acharia embaraçoso, e eles também, conversar sobre esses assuntos. Eles a queriam apenas porque era bonita.

— Eu a amo! Você me deixa louco! Não entende que se não casar comigo a única coisa que me resta é morrer? Quero você! Quero você! Quero você!

Astara quase podia ouvi-los repetindo mais ou menos as mesmas palavras, sempre com a mesma intensidade de sentimentos.

Os italianos foram, talvez, os mais eloqüentes, e Astara achava

excitante a chama ardente que luzia em seus olhos negros. Só que, de vez em quando, eles ficavam muito dramáticos e a faziam ter vontade de rir.

Os franceses tinham sido mais sutis. Faziam o tipo de elogio que era impossível não apreciar. Entretanto, nenhum deles lhe despertara nada no coração. Quando cobriam suas mãos de beijos, surpreendia-se pensando que seus lábios eram quentes e possessivos demais, e chegava a sentir uma leve repulsa, pois tudo era teatral e exagerado.

“Talvez seja pedir demais querer encontrar o mesmo amor que papai e mamãe tiveram um pelo outro”, pensou Astara.

Mesmo assim, sabia que procurava um amor que de alguma forma se ligasse com a beleza que se descortinava à sua frente: o brilho prateado do lago, as sombras sob as árvores, o mistério do jardim, que devia ser habitado pelos espíritos das pessoas que tinham morado lá no passado.

“O que é o amor? É parte da beleza? Foi isso o que papai tentou descrever para mim como um mundo além deste mundo?”

Astara fazia as perguntas, mas não encontrava nenhuma resposta. De repente, percebeu que estava com frio.

“Talvez um dia eu descubra”, pensou, olhando para a lua.

Em seguida, tremendo um pouco, fechou as cortinas e foi deitar-se na cama larga.

CAPÍTULO II

O rei Jorge IV se levantou. Ficou parado por um momento, esperando que os dezenove cavalheiros sentados em volta da mesa de jantar fizessem silêncio.

Mesmo contra o fundo de paredes empapeladas em prateado e colunas de granito vermelho e amarelo, os cavalheiros conseguiam parecer muito decorativos.

A mesa longa, com seus imensos enfeites de ouro e porcelana azul de Sèvres, estava maravilhosa, seguindo a moda introduzida pelo rei, de não usar toalha de linho branca. Sobre sua própria superfície polida, os cálices de cristal ornamentados com belos monogramas, os talheres de sobremesa de ouro e os jarros Waterford refletiam-se como se estivessem sobre um espelho.

Quando todos os rostos se voltaram para ele, o rei ergueu sua taça.

– Cavalheiros, quero fazer um brinde... um brinde a um maravilhoso puro-sangue, que hoje apresentou uma corrida que ficará na história do turfe. Ofereço um brinde a Topsail e seu popular proprietário, o visconde de Yelverton.

Os convidados levantaram-se, com exceção do visconde, que estava na outra ponta da mesa. Ergueram suas taças, e brindaram:

– Viva Topsail! Viva Yelverton!

Quando o rei se sentou e os convidados o imitaram, o visconde levantou-se.

Era um homem muito elegante e distinto. Não havia um só homem presente que não apreciasse o modo como tinha amarrado a gravata, num estilo que nunca tinham visto.

Falando em voz baixa mas carregada, e mostrando que era um excelente orador, além de possuir várias outras qualidades, o visconde começou:

– Gostaria de agradecer a Vossa Majestade e a vocês, meus amigos, a admiração que demonstraram por meu cavalo. Entretanto, gostaria de acrescentar que, se algum de nós tem sucesso no turfe, como o que desfrutei esta tarde, é porque este “esporte dos reis” tem sido encorajado, auxiliado e, se me permitem a palavra, inspirado pelo maior esportista de todos nós: o rei!

Todos se levantaram para beber à saúde do rei, que não tentou disfarçar sua satisfação com o elogio e com a maneira como o visconde desviara a homenagem para ele.

Era a mais pura verdade que o principal prazer do rei era o turfe, esporte em que tinha sido introduzido pelo duque de Cumberland.

Quando era jovem, um dos cavaliários da Carlton House tinha chegado a comentar que o turfe era o único assunto de seus pensamentos.

Ele freqüentava corridas sempre que tinha oportunidade, e comparecia regularmente às de Lewes, Brighton e Newmarket, enquanto seus animais passavam por fases de altos e baixos.

No fim do século, seu haras tinha sido dissolvido, de acordo com sua proclamada intenção de levar uma vida mais econômica. Porém, acabou construindo rapidamente um novo estabelecimento de corridas em Newmarket, e em onze anos seus cavalos tinham ganhado nada menos do que mil cento e oitenta e cinco primeiros prêmios.

Algum tempo depois, aconteceu um escândalo com seu jóquei, Samuel Chiffney, e, para desânimo e preocupação de muitos amigos, o rei declarou que não tinha mais nada a ver com Newmarket, o que não o impediu de comparecer a todas as outras corridas e de gastar mais dinheiro com cavalos do que realmente podia.

Além disso, como o visconde de Yelverton tinha dito, o rei encorajava todos aqueles com quem tinha alguma ligação a construir estábulos e, mais lamentavelmente, a investir neles e apostar, como ele próprio sempre havia feito.

Quando todos se sentaram pela segunda vez, o convidado que estava ao lado do visconde comentou:

— Foi um discurso ótimo, William. Gostaria de falar com tanta facilidade quanto você!

— É a prática, meu caro — respondeu o visconde. — Como tudo na vida, a perícia vem de repetir a mesma coisa várias vezes, até se atingir a perfeição.

— Isso também vale para o amor, não é? — Seu amigo riu.

— Como você mesmo disse, nesse campo, como em todos os outros, a prática é que faz alcançar a perfeição!

Vários outros convidados que estavam ouvindo a conversa também riram, satisfeitos.

Todos à mesa tinham o riso fácil, principalmente depois de uma refeição constituída de verdadeiros manjares da arte culinária e de vinhos de safras excelentes.

Era sempre assim na Carlton House, pensou o visconde. Todos se retiravam sentindo que o rei conseguia se superar em tudo, menos em ganhar a confiança do povo e a popularidade que desejava.

Em jantares como aquele, quando o rei estava cercado de amigos, era impossível não admirar sua personalidade e ser quase que magnetizado por seu charme.

Um fato não se podia negar: o rei insistia, para aqueles que seguiam sua liderança, em que cortesia e charme eram absolutamente indispensáveis a um cavalheiro.

A moral podia ter se deteriorado durante sua supremacia no *beau monde*, mas as boas maneiras e a higiene tinham se aprimorado muito.

O vinho do Porto circulou na mesa, e o rei recostou-se na cadeira. Era uma pessoa tão espirituosa e divertida que todos preferiam ouvi-lo a conversar.

A noite, porém, terminou cedo. Desde que ficara mais velho, o rei Jorge não gostava de noites muito longas, e também parará de beber como bebia quando era jovem.

Quem o conhecera antigamente era capaz de contar histórias sobre como um jantar acabava chegando até as quatro horas da madrugada, quando os convidados saíam tão embriagados que tinham que ser carregados até as carruagens.

Mas ao longo dos anos, as damas que tinham sido alvo da paixão do rei (começando pela sra. Fitzherbert) tinham conseguido convencê-lo de que tantas extravagâncias faziam mal para sua saúde.

Quando o rei se levantou, indicando que estava na hora de se despedirem, vários convidados estavam pensando para onde iriam em seguida.

— Tem algum compromisso, William? Ou podemos ir ao White's juntos? — perguntou o capitão Lionel Worfield.

O visconde considerou a proposta por um momento. Pensava numa dama muito atraente que o esperava em seu *boudoir* em Berkeley Square, e também em sua amante, que, apresentando-se no Covent Garden, àquela hora devia estar torcendo para que a carruagem dele estivesse à sua espera na

porta do teatro.

— É alguma coisa importante, ou pode esperar até amanhã? — perguntou William.

— Não é urgente, mas recebi uma carta muito estranha de tio Roderick.

— Você recebeu uma carta? — perguntou William, sem conseguir disfarçar a surpresa.

— Isso mesmo.. Você também recebeu?

— Sim!

— Foi o que imaginei. — Lionel riu. — O que você acha que quer dizer isso?

— Exatamente o que está escrito — replicou William.

Sua carruagem parou na porta naquele momento, e, sem discutir mais, os dois homens entraram nela juntos.

— White's! — ordenou o visconde ao lacaio. Quando os cavalos começaram a galopar, encostou-se no banco confortável e comentou: — Sempre me perguntei o que nosso estimado tio pretendia fazer com seus milhões.

— Ele é mesmo tão rico como dizem? — perguntou Lionel.

— É o que dizem. Até o ministro das Finanças fala dele com admiração!

— E como é essa garota que ele diz considerar como filha?

— Não faço a menor idéia. Só sei que tio Roderick foi nomeado seu tutor pelos pais dela, pouco antes de morrerem, e que ele a apresentou à sociedade em Roma.

— E em Paris também — acrescentou Lionel. — Um amigo meu que estive lá há três meses descreveu uma festa que tio Roderick deu como o acontecimento mais luxuoso a que já compareceu na vida.

— Será que sua carta diz o mesmo que a minha? — William ergueu as sobrancelhas.

— Eu trouxe a minha, William. Achei que poderia ter uma oportunidade de discuti-la com você.

Lionel tirou a carta do bolso interno do paletó e entregou-a ao primo.

— Vou esperar até entrarmos no clube — replicou William. — Está muito escuro aqui, e a única coisa que dá para ver é a expressão gananciosa do seu rosto! — William riu, divertindo-se com a maldade de suas palavras.

– Admito que, no momento, alguns milhares ou até centenas viriam muito a calhar, mas também estou consciente de que, com você na parada, não tenho chance de ser o vencedor!

O visconde não o contradisse, ou, se pretendia fazê-lo, foi tarde demais, pois, como o White's era perto da Carlton House, a carruagem parou.

Os dois primos subiram os degraus e entraram no clube mais importante e exclusivo de toda St. James. Como era comum, ali encontraram vários amigos.

Esquivaram-se com alguma dificuldade daqueles que queriam cumprimentar o visconde pela vitória daquela tarde e encontraram um canto tranqüilo no salão de café.

Depois de pedir as bebidas a um garçom atencioso, William pegou a carta e leu atentamente:

“Querido sobrinho,

Voltei para a Inglaterra depois de uma ausência de dois anos e estou reabrindo a Mansão Worfield, onde pretendo promover recepções para minha tutelada, Astara Beverley.

Eu a considero como uma verdadeira filha, e, como estou ficando velho, seu futuro me preocupa.

Meu maior desejo é que Astara faça um casamento feliz, se possível com um membro de minha família, e more na Mansão Worfield.

Sei que seria impossível para qualquer jovem sustentar a manutenção de uma mansão tão enorme e da fazenda, a não ser que eu providencie isso enquanto estiver vivo. Assim, já decidi que minha fortuna, que você deve saber que é bastante considerável, ficará para Astara e o homem com quem se casar.

É com este pensamento que o convido para vir à Mansão Worfield na primeira oportunidade possível, a fim de conhecê-la.

Terei muito prazer em revê-lo e ouvir o que fez durante os dois últimos anos.

Dê lembranças aos seus pais e um grande abraço para você.

Do seu tio,

Roderick Worfield.”

William leu cada palavra atenciosamente e, devolvendo a carta para o primo, comentou:

– É idêntica à que recebi, e escrita com a mesma letra.

– Quer dizer que não foi tio Roderick quem a escreveu?

– Não, claro que não. Aposto, Lionel, que foi escrita por Astara Beverley.

Lionel examinou a carta com interesse.

– Imagino que nosso tio e Astara tramaram juntos este plano — disse William.

– Bem, como já falei, se você pretende ir a Hertfordshire, será uma perda de tempo eu viajar até lá!

– Só o corajoso... — brincou William.

– ...merece a bela! — concluiu Lionel. — Mas como saberemos se ela é bonita?

– Ela não é só bonita, é linda!

– Quem disse, William?

– Alguns amigos que a conheceram em Roma. Para ser sincero, eles comentaram que, depois de uma semana de Astara em Londres, será o único motivo de todos os brindes em St. James.

– Você está me deixando curioso.

– É bom mesmo. Penso no dinheiro, Lionel. Não acredito que se sustente facilmente com o salário do regimento. Sempre ouvi dizer que ser guarda de honra é extremamente oneroso!

– É verdade — queixou-se Lionel. — E desde que o regente passou a adotar um uniforme mais luxuoso, ficou mais caro ainda.

– Então você deve ser candidato à mão da bela Astara!

– Você acha que vai ser como uma competição, William?

– Não, acho que não vai ser bem assim. Francamente, acho que seremos colocados na frente dessa garota e ela vai escolher, provavelmente jogando um lençinho perfumado na frente do homem que preferir.

– Meu Deus! — exclamou Lionel. — Parece horrível! Não quero tomar parte em situações teatrais desse tipo!

– Pois eu acho muito divertido! Sempre gostei de tio Roderick, e admiro-o muito. Meu pai costuma dizer que ele é o gênio da família, e deve ser mesmo, pelo menos no que diz respeito a finanças.

– Você está sem dinheiro? — perguntou Lionel, curioso.

– Claro que estou! Não estamos todos no mesmo barco?

– Você ganhou quinhentos guinéus com Topsail hoje, William.

– Quantia essa que vai permitir o sustento do meu estábulo por um

mês!

— Bem, não acredito que não exista um só homem aqui que não deva para agiotas, para não falar de seus próprios alfaiates.

— Mais uma razão para aceitar a brincadeira de tio Roderick — retrucou William. — Não seja tolo, aproveite a oportunidade e divirta-se.

— Você é que tem certeza de que será divertido — comentou Lionel. — Mesmo assim, no momento não tenho vontade nenhuma de sair de Londres. Encontrei a criatura mais deliciosa do mundo, e se me ausentar por muito tempo, alguém poderia roubá-la de mim.

— Se está falando daquela ruiva charmosa com quem eu o vi ontem à noite, eu bem que seria capaz de tentar! — William riu.

— Você que se atreva! — retrucou Lionel, alterando-se. — Se você colocar as mãos em Clarise, ou mesmo se sorrir para ela, daquele seu jeito que atrai as mulheres como um ímã, juro que eu... — Lionel parou de falar de repente.

— Está pretendendo me desafiar? — perguntou William, irônico.

— Eu bem que gostaria, se você interferisse entre mim e Clarise, mas francamente não tenho intenção de passar os próximos dois meses com o braço numa tipóia — respondeu, com sinceridade.

— Você me lisonjeia, Lionel! — William riu.

— Infelizmente, só estou dizendo a verdade.

— Com Clarise ou sem Clarise, seria melhor você ir comigo à Mansão Worfield, Lionel.

— Quando?

— Amanhã. Quanto antes, melhor. Podemos ter outros concorrentes!

— Pelo que me lembro, não existem outros Worfield.

— Só Vulcan — comentou William, casualmente.

— Vulcan? Oh, sim, claro! O filho do pastor! Não tenho medo dele como concorrente!

— Nem eu — concordou William. — Na verdade, tenho quase certeza de que ele não estará lá, mesmo que tenha sido convidado. A última vez em que ouvi falar dele, há alguns anos, estava viajando pelo Saara, ou algum outro lugar estranho como esse.

— Outro dia meu pai estava comentando que somos uma família muito bem-sucedida em todos os sentidos, com apenas uma exceção.

— Uma das primeiras lembranças que tenho, de quando ainda era

muito pequeno, é de vovô e meu pai tendo um ataque de raiva porque tio Luke tinha recusado ser o leão de Westminster. — William riu.

— Não tive muito contato com ele, mas sempre me pareceu uma pessoa muito boa. Lembro que foi à minha crisma, quando nenhuma outra pessoa se importou com isso. Depois me levou para almoçar fora e, apesar de ser um pastor comum, era tão distinto que um dos garotos perguntou se ele era o arcebispo de Canterbury!

— Exemplo da beleza da família! — William riu. — Seu pai tem razão, Lionel. Não somos apenas incrivelmente inteligentes, mas também incrivelmente bonitos!

— Você é! — replicou Lionel. — É por isso que todas aquelas criaturas deliciosas do Covent Garden e de Drury Lane gravitam à sua volta como moscas em um pote de mel!

— Não sei se gosto dessa imagem! — replicou William, sorrindo, bem-humorado.

Seu primo podia ser um excelente soldado, mas deixava muito a desejar quando se tratava de usar o dom da palavra.

William tirou o relógio do bolso do colete. Era um relógio de ouro muito caro, presente de uma dama que o amara desesperadamente.

“Sempre que olhar as horas, querido William, quero que pense em mim, pois estarei pensando em você a cada hora, cada minuto e cada segundo, até estarmos juntos novamente.”

Naquele momento, entretanto, o relógio não o remeteu para a dama que o presenteara, mas sim para os lábios ardentes que o esperavam em Berkeley Square.

Terminou de beber seu drinque e disse para o primo:

— Vou apanhá-lo amanhã por volta das três horas da tarde, com meus cavalos novos, que, por sinal, custaram uma fortuna. Não levaremos mais de uma hora e meia para chegarmos à Mansão Worfield. Os lacaios podem ir na frente no landau e avisar tio Roderick da nossa chegada.

— Quanto tempo teremos que ficar lá? — perguntou Lionel.

— Vai depender de Astara.

William levantou-se e rumou para a porta de entrada, atravessando com um pouco de dificuldade a multidão de amigos.

Sir Roderick foi avisado da chegada dos dois sobrinhos e deu um sorriso de satisfação.

— Eu sabia que eles não demorariam a atender nosso convite — disse para Astara.

— Pedi à governanta para preparar três quartos — respondeu Astara.

— Será que seu sobrinho Vulcan ficará hospedado conosco, morando tão perto daqui?

— Não é tão perto quanto você pensa. Astara ficou espantada.

— Quando dei a carta para o mordomo e pedi para que mandasse entregá-la, ele disse que o laçao levaria menos de meia hora.

— É verdade, porque o laçao deve ter ido até Little Milden pelo bosque, onde existe um atalho que só permite a passagem de um cavalo ou de uma pessoa a pé.

— E pela estrada, tio Roderick?

— Little Milden fica a mais ou menos quatro milhas de distância.

— Que extraordinário!

— É simples, querida. Meu pai, assim como meu avô, se recusaram categoricamente a construir estradas na fazenda. Temos apenas a estrada principal e atalhos estreitos. É bastante surpreendente quando se pensa que a propriedade se estende por mais de três mil acres. Por outro lado, temos acesso muito fácil a Londres.

— Acho que seu pai estava certo — disse Astara. — É tão bom sentir que o mundo exterior não interfere aqui! Como o senhor mesmo disse ontem, a propriedade Worfield é auto-suficiente. É quase um Estado!

Astara tinha ficado muito impressionada com tudo o que sir Roderick lhe mostrara.

Em suas viagens, já havia visitado vários palácios, e na França ficara hospedada num antigo *shâteau* que não tinha sido destruído nem devastado pela Revolução. Mesmo assim, não estava preparada para se defrontar com a magnitude de uma imensa casa ancestral da Inglaterra, país que, não tendo sido atingido pela guerra, ainda valorizava e preservava as tradições instituídas há gerações.

— Quero que compreenda o funcionamento da fazenda, porque um dia tudo isso será seu — disse sir Roderick. Astara fitou-o, demonstrando certo temor.

— Será que o senhor não está sendo muito otimista? O senhor prometeu-me que não me forçaria a casar com quem eu não quisesse.

— Estou confiando na minha sorte e na minha intuição, querida. São

duas qualidades que já me ajudaram muito no passado.

Sir Roderick olhou para Astara e riu.

— Por que está rindo? — perguntou ela.

— Porque até hoje sempre lidei com homens e com dinheiro, e os acho absolutamente previsíveis. Agora estou lidando com uma mulher, o que é um campo novo e inexplorado.

— Não é verdade, e o senhor é um velho matreiro! — retrucou Astara.

— O senhor sabe muito bem que fez, e ainda faz, grande sucesso com muitas mulheres bonitas. Uma senhora em Roma segredou-me que o amou com loucura, mas que depois descobriu que era apenas uma entre muitas!

— Como todas as mulheres, ela exagerou! Em todo caso, se sou tão experiente quanto está dizendo, isso só confirma que não vou cometer agora um engano tão fundamental.

— Veremos! — replicou Astara, em tom de troça.

Na manhã seguinte, quando escolhia o vestido que iria usar para receber os sobrinhos de sir Roderick, Astara se perguntou, com certo cinismo, se sua roupa teria realmente alguma importância.

Em seguida convenceu-se de que pensar o contrário seria ter uma visão injusta dos dois homens que sir Roderick lhe descrevera com tanto carinho.

Será que o visconde de Yelverton, com todo o seu talento, e o capitão Lionel Worfield estariam dispostos a perder a liberdade só por dinheiro? Será que não faziam questão de estar apaixonados pela mulher que tomassem como esposa, assim como ela queria amar o homem com quem se casasse?

Depois do almoço Astara desceu, segurando um chapéu gracioso e uma sombrinha. Quando chegou ao vestíbulo, o mordomo perguntou:

— Poderia dizer-me se o jantar será servido para quatro ou para cinco pessoas, senhorita?

— Não sei, Hedges. Chegou alguma resposta da carta que mandou entregar ontem no Velho Moinho em Little Milden?

— O criado informou que bateu à porta, mas que ninguém atendeu, senhorita.

— Ele trouxe a carta de volta?

— Oh, não, senhorita. Colocou-a por baixo da porta.

— Talvez o sr. Vulcan Worfield esteja viajando.

— Não, senhorita. O criado se informou nas redondezas e soube que o

sr. Worfield está em casa, mas que quando seus criados não estão e ele está ocupado, ninguém atende a porta.

— Ocupado? — perguntou Astara, intrigada.

O mordomo não tinha mais nada a dizer sobre o assunto, e Astara rumou para a biblioteca, onde seu tio a esperava.

— Não recebemos resposta do seu sobrinho Vulcan — comentou.

— Isso não me surpreende. Sem dúvida alguma, ele só aparecerá quando estiver com vontade!

— Tenho a impressão de que o senhor é muito duro com ele. Só espero que o visconde de Yelverton corresponda à reputação que tem.

— Tenho certeza de que corresponde! Por falar nisso, agora há pouco Barnes estava me contando que a aldeia inteira está vibrando com a sensacional vitória do seu cavalo, Topsail.

Astara já tinha lido a reportagem sobre a corrida no jornal matutino, e tinha certeza de que seu tio estaria muito satisfeito.

— A paixão pelos cavalos é um ponto que William e você terão em comum — continuou sir Roderick. — Ontem à noite eu estava pensando que você monta muito bem, e que quando eu providenciar cavalos ainda melhores do que os que temos, você será imbatível!

— Tenho a sensação de que estou sendo mimada para aumentar o charme e o brilho da imagem dos Worfield. — Astara riu. — Será terrível se, por algum erro de cálculo, eu venha a me revelar um fracasso, como o pobre Vulcan.

— Isso é impossível! — afirmou sir Roderick com convicção. Depois observou-a criticamente, por um instante. — A cada dia que passa, você fica mais parecida com sua mãe e, aos meus olhos, ainda mais bonita e encantadora. Como você mesma sugeriu, eu bem que gostaria de ter quarenta anos a menos! Garanto que seria o seu fã mais ardoroso!

Astara riu com os olhos cheios de ternura, pois sabia que sir Roderick falava de coração.

Sabia também que seu tio tinha fama de rude e cruel, entre aqueles com quem fazia negócios, mas devia ser porque era muito crítico e não tinha palavras quando as coisas não lhe agradavam. No relacionamento com ela, entretanto, só mostrava seu lado terno, e Astara adorava sua inteligência e o fato de nunca lhe dar ordens, mas sempre tentar entender seu ponto de vista.

— O senhor é uma pessoa maravilhosa, tio Roderick! — Astara deu-

lhe um beijo no rosto.

— Vamos. Temos muito o que fazer esta tarde, antes da chegada de meus sobrinhos. Quero que me dê sugestões para as reformas que pretendo fazer no jardim. Amanhã virá um perito de Kew para nos aconselhar sobre as estufas.

— Está aí algo que me interessa muito. As flores fazem muita diferença na vida de toda mulher e de toda casa.

— É porque as mulheres são como as flores... ou pelo menos deviam ser.

Apesar de não dizer nada, sir Roderick pensou que Astara era como uma espécie muito rara de flor, que só poderia ser encontrada em lugares longínquos e pela qual os interessados em jardinagem arriscariam a própria vida.

Em seguida resolveu parar de pensar em sua jovem tutelada e se dedicar às reformas que pretendia fazer, não só no jardim, mas na casa e em toda a propriedade.

Passaram a tarde tão absorvidos nisso que, ao voltarem para casa, Astara só teve tempo de tomar um banho e trocar de roupa. Assim que desceu para o chá, o visconde de Yelverton e o capitão Lionel chegaram.

Ouviu suas vozes no vestíbulo, enquanto cumprimentavam o tio. Logo depois a porta do salão foi aberta e sir Roderick entrou, seguido por dois dos rapazes mais bonitos que Astara já tinha visto em toda a sua vida.

— Astara, nossos convidados chegaram — disse sir Roderick. — Este é William, meu sobrinho mais velho.

Astara fez uma reverência e o visconde retribuiu com uma graça que realçou seu porte atlético. Seus olhares se encontraram e a expressão de William era quase tão interrogadora quanto a dela.

“É quase como se eles fossem marionetes manipulados por tio Roderick”, pensou Astara. “Será que o visconde se ressentia com isso?”

Havia algo tão teatral em toda aquela situação e nas cartas que havia escrito a pedido de sir Roderick, que Astara começou a achar tudo muito engraçado.

Só quando pensou no futuro, e no fato de seu tio desejar que escolhesse um marido entre três homens desconhecidos, foi que sentiu um leve tremor de medo.

Em seguida, tratou de pensar que não precisava ter medo de nada,

pois tinha certeza de que o visconde se revelaria tão agradável quanto bonito.

Quando foi apresentada a Lionel, percebeu que, a seu modo, ele era tão bonito quanto o primo.

Enquanto William era loiro, os cabelos de Lionel eram castanhos e ele usava um bigode em estilo militar. Tinha a cintura fina e devia ficar maravilhoso de uniforme, ou montado num cavalo.

Astara serviu o chá e, quando os rapazes aceitaram, pensou que era apenas uma atitude de cortesia, pois deviam preferir um copo de vinho.

Astara era bastante experiente e percebeu que Lionel foi o primeiro a observá-la com inconfundível admiração estampada no olhar. Reconheceu também uma entonação diferente em sua voz, toda vez que se dirigia a ela.

Tinha feito uma conquista, não havia a menor dúvida.

William, por outro lado, era mais reservado, ou não queria formar nenhuma opinião depressa demais.

“Talvez porque seja muito admirado por todo mundo e procurado por todas as mulheres que conhece”, imaginou.

Sir Roderick facilitou a situação, falando dos velhos tempos, perguntando sobre seus irmãos e contando as reformas que resolvera fazer na propriedade.

— Astara está encantada com a Mansão Worfield — disse, orgulhoso.

— Eu mesmo quase tinha esquecido como o jardim fica lindo na primavera.

— É bom saber que está de volta à mansão, tio Roderick — comentou Lionel.

Sir Roderick levantou-se para mostrar a ele um retrato de seu pai quando era jovem, e Astara e William foram deixados a sós.

— É a primeira vez que visita a Inglaterra, srta. Beverley?

— Não. — Astara meneou a cabeça. — Apesar de sempre ter viajado muito, cheguei a morar aqui até os doze anos de idade. É muito bom estar de volta.

— Posso dizer como estou feliz por ter voltado?

— Só se estiver sendo sincero.

— Sou sempre rápido nas minhas impressões, assim, posso garantir que estou sendo absolutamente sincero.

— Obrigada. — Astara sorriu.

William reparou que a moça não ficara confusa nem sem graça com seus comentários.

Como Astara era muito jovem, ele esperava que, como a maioria das moças que conhecia, ela ficasse tímida, gaguejasse ou enrubescesse enquanto conversavam.

Observando-a com mais atenção, notou que Astara possuía um porte e uma sofisticação que, geralmente, eram qualidades de mulheres mais velhas.

De repente, William sentiu que não tinha mais reserva alguma. Pelo que sabia, já esperava que a protegida de seu tio fosse atraente, mas viu que Astara possuía uma beleza diferente da de qualquer outra mulher que conhecia.

— Se está achando tudo aqui novo e interessante, também sinto o mesmo — continuou William. — Não vinha a esta casa desde garoto. Como estava muito velho, meu avô se aborrecia conosco aqui, e depois que tio Roderick herdou a propriedade, passava tanto tempo viajando que, quando estava aqui, preferia receber os amigos.

— Mesmo assim ele se manteve informado sobre tudo o que o senhor tem feito, e sobre suas várias conquistas — replicou Astara.

— Tenho certeza de que grande parte disso é devido à minha mãe, que é uma inveterada escritora de cartas.

— Acho que, mesmo que não fosse ela, tio Roderick conseguiria descobrir tudo o que quisesse saber sobre o senhor. Às vezes eu o acuso de compilar uma verdadeira enciclopédia sobre as pessoas que lhe interessam.

William pareceu espantado.

— Isso o deixa apreensivo? — ela indagou.

— Não, mas surpreende-me. Sempre pensei que tio Roderick fosse ocupado demais para se dedicar a assuntos de família.

— Ao contrário! Garanto que a família é muito importante para ele.

— Fico contente em saber.

Havia uma nota de complacente satisfação em sua voz. Astara lembrou que ele era o sobrinho mais velho, e achou que o mesmo pensamento tinha ocorrido a William.

Pela tradição, sir Roderick deveria passar sua fortuna para o sobrinho William e tentar garantir que ele morasse na Mansão Worfield.

Astara sabia que o pai de William, o conde de Yelverton, tinha adquirido uma fazenda em Kent, por intermédio da esposa.

William era seu herdeiro, mas Astara tinha certeza de que sua fazenda não seria uma propriedade tão magnífica quanto Worfield.

Na realidade, fazia apenas dois dias que tinha entendido por que tio Roderick comentara que seria impossível gerir a propriedade sem uma grande fortuna.

A Mansão Worfield era uma das maiores casas ancestrais da Grã-Bretanha, e precisava de uma equipe de criados para mantê-la em ordem, sem contar todas as outras necessidades dos departamentos externos, responsáveis pela produção da fazenda.

Observando William furtivamente, Astara concluiu que ele tinha o porte ideal para proprietário da Mansão Worfield. Podia até imaginá-lo recebendo em grande estilo, como seu tio aprovaria, cumprindo seu papel nos negócios da região e, sem dúvida, representando o rei em Hertfordshire.

Parecia tudo claro e perfeito. Uma história de que se sabia o final desde a primeira página.

De repente, Astara se perguntou o que sentiria por William como homem, e o que sentiria ele por ela.

E se tivessem se conhecido em outras circunstâncias? E se ele fosse pobre e ela não tivesse importância alguma... se fosse apenas a srta. Beverley, sem a aura da fortuna de sir Roderick? Astara olhou para William interrogativamente, e, como se tivesse lido seus pensamentos, ele inclinou-se para a frente e disse:

— A senhorita é muito bonita. Muito mais do que eu imaginava!

— Tinha ouvido falar de mim?

— Ouvi falar do seu sucesso em Roma. Tenho um amigo que a conheceu lá. Percebo agora que o que ele me disse não era nenhum exagero. Era simplesmente a pura verdade.

— Ora! — Astara sorriu. — O senhor está começando a se revelar como os italianos, que conseguem fazer tudo o que dizem parecer elogio.

— O que não é nada difícil quando se conversa com uma pessoa como a senhorita.

Astara sorriu novamente, mas estava completamente segura de si e controlada.

— Como ouvimos falar tanto um do outro, seria bom usarmos nossos sentidos para determinar o que é verdade e o que não é.

— É o que sempre faço — respondeu William. — Até hoje, nunca pedi uma só referência para algum criado que empreguei, e raramente me preocupo em examinar o *pedigree* de um cavalo antes de comprá-lo.

— No Oriente, diziam que usa o seu “terceiro olho” — murmurou Astara, e, percebendo que ele ficara espantado, explicou: — Existe uma antiga lenda que diz que o primeiro ser humano tinha apenas um olho no meio da testa. Depois ele desenvolveu mais dois, e o do meio desapareceu.

— Mas a senhorita está insinuando que ainda o temos.

— Sim. É o olho que usamos para julgar as pessoas pelo que elas são para nós, e não pelo que sabemos a seu respeito.

— Então espero que seu terceiro olho funcione bem, no que diz respeito a mim.

— Digo o mesmo.

— O meu já está funcionando. — William sorriu. — Quer que lhe diga agora o que sinto, ou prefere esperar mais um pouco?

— Prefiro esperar até que o senhor tenha certeza — replicou Astara. — “Quem viaja devagar... chega em segurança.”

— Como nós chegaremos! — afirmou William, com segurança.

Neste momento sir Roderick voltou para a mesa, e não houve mais oportunidade para conversas íntimas.

Logo depois, ajudada por sir Roderick, Astara teve chance de ficar a sós com Lionel.

Propositalmente, mas com tanta habilidade que Astara teve vontade de rir, sir Roderick conduziu William para o terraço, a pretexto de mostrar-lhe uma nova raça de corças que tinha introduzido no parque.

Astara levantou-se da mesa para sentar-se num sofá, e Lionel a acompanhou.

— A senhorita é muito diferente do que eu esperava — disse sem meias palavras, e, quando Astara se mostrou surpreendida, acrescentou: — Sei que pareço rude, mas não era o que pretendia. Só que, como é inglesa de nascimento, não esperava que não parecesse inglesa.

— Sempre pensei que parecesse uma inglesa, tendo cabelos loiros e olhos azuis — protestou Astara.

— Sim, claro, são tradicionais e muito bonitos. Mas existe algo diferente em sua aparência, algo inusitado.

— Talvez seja porque minha bisavó era grega, e, sendo assim, não sou uma inglesa pura — explicou Astara.

— Então fui perspicaz, não fui? William lhe disse a mesma coisa?

— Não. Por que acha que ele diria?

– Só porque, quando vínhamos para cá, conversamos sobre como a senhorita devia ser. Meu pai sempre comenta que gostava muito do seu pai, e William disse o mesmo. Acho que nós esperávamos encontrar uma bela jovem inglesa com o mesmo caráter.

Astara riu.

– É muito franco, capitão Worfield!

– Não acha que poderíamos nos tratar pelos primeiros nomes, já que dividimos tio Roderick? Vou chamá-la de prima Astara, se me permitir, embora fique muito longo.

– Não está sendo bondoso demais aceitando-me tão depressa como membro de sua família?

– A senhorita é tão mais atraente e, sem dúvida, milhares de vezes tão mais encantadora do que qualquer outra parente minha, que estou ansioso para aceitá-la em qualquer papel. Entretanto, sei muito bem qual prefiro.

Lionel estava começando a cortejá-la depressa demais, e Astara teve a sensação de que ele estava tentando tirar o máximo proveito da ausência de William.

– Obrigada – disse em voz alta. – Ficarei encantada em tratá-lo de Lionel, e você pode me chamar de Astara.

– Você precisa conhecer meu pai. Ele é uma grande autoridade a respeito da Grécia. Acho que uma vez passou as férias inteiras lá, quando ainda estudava em Oxford. Além disso, dedica-se à literatura grega, como lazer. Mas não posso dizer que eu tenha o mesmo interesse.

– O que você costuma ler, Lionel?

– Leio muito pouco, a não ser jornais e esse tipo de coisa. Para ser sincero, é melhor você saber logo o pior: não sou tão inteligente quanto o resto da família.

– Mas disseram-me que é muito corajoso – replicou Astara, com delicadeza.

– Tento ser um bom soldado e aprecio uma batalha. Astara não respondeu, e depois de alguns momentos ele continuou:

– Talvez uma mulher não compreenda, mas existe algo gratificante em desafiar um inimigo, em enfrentar outros homens numa situação difícil.

– Inclusive arriscando a própria vida?

– Não se pensa nisso na hora. Depois, quando vemos que continuamos vivos, agradecemos a Deus, mas durante a luta um soldado se

preocupa apenas em derrotar o inimigo.

Pelo brilho dos olhos de Lionel e o entusiasmo de sua voz, Astara concluiu que ele estava certo ao dizer que era uma experiência gratificante.

Astara gostou do jeito como ele era honesto a seu respeito e de seus interesses. Também gostou do jeito como a olhava, pois seu olhar era aberto e quase infantil.

— Devo dizer que você foi uma surpresa — disse Lionel, de repente.

— Eu quase não vinha para cá, mas agora estou muito feliz em tê-lo feito.

— Você teria recusado um convite de seu tio?

— Achei que não adiantaria muito, já que William também viria.

Astara fitou-o com um sorriso nos lábios, diante dessa explicação:

— Sabe, William é boa companhia e um grande esportista. Não me sobra muita chance para brilhar.

— Tenho a sensação de que você brilha nas batalhas.

— Gosto de minha atuação no regimento, mas quando se trata de sucesso social, bem... William é sempre o primeiro.

— Acho que você está sendo modesto demais. Tio Roderick disse-me coisas muito gentis a seu respeito. Quer um conselho? Seja você mesmo, e não se preocupe tanto com seu primo!

— Está falando sério?

A voz de Lionel estava tão ansiosa que Astara percebeu que tinha dito mais do que pretendia. Não tinha parado para pensar nele como um pretendente à sua mão, mas sim como um rapaz solteiro e com um visível complexo de inferioridade em relação ao primo.

Agora, entretanto, pensava desanimada que talvez o tivesse encorajado demais.

— Posso estar enganada, mas acho que seria melhor não tomarmos nenhuma decisão sobre cada um de nós ou sobre William, até todos nos conhecermos melhor — disse, apressadamente.

— Sinto que já a conheço e tenho certeza absoluta de uma coisa.

— O quê?

— De que farei o máximo que puder para evitar que William ou qualquer outro atrevido de Londres tentem tirá-la de baixo do meu nariz!

Astara não conseguiu conter o riso.

CAPÍTULO III

Astara penetrou por entre as sombras das árvores e começou a percorrer o atalho que cortava o bosque na direção de Little Milden.

Acabara de se despedir de sir Roderick, William e Lionel. Eles tinham resolvido visitar uma feira de cavalos em Potters Bar, que acontecia duas vezes por ano. William comentara que às vezes, nessa feira, era possível encontrar cavalos decentes, principalmente potros.

— Um amigo meu comprou lá um cavalo, há quatro anos, e já ganhou cinco corridas com ele — disse William. — Não está na primeira classe, mas, sem dúvida, foi um bom negócio.

Sir Roderick e Lionel ficaram interessados.

— Então vamos até lá ver o que podemos encontrar — sugeriu Lionel, apressado. — Vários colegas meus do regimento estão precisando de cavalos baratos. Se eu conseguir o que eles querem, posso lucrar um pouco em cada venda.

— Isso mesmo, rapaz! — Sir Roderick sorriu. — Ganhe um tostão honesto sempre que puder!

— Eu só estou interessado em encontrar algumas éguas — comentou William com orgulho, como se a idéia de tirar lucro de um cavalo nunca tivesse lhe passado pela cabeça.

— De qualquer forma, será divertido ir até lá, mesmo que não encontremos nada que nos interesse — sentenciou sir Roderick. E virando-se para Astara, sorrindo, perguntou: — Vai nos dar licença por uma tarde, querida? Acho que uma feira de cavalos não é um bom lugar para você.

— Claro que não é! — concordou William imediatamente, antes mesmo que Astara pudesse responder. — É um ambiente muito vulgar e sempre sai briga entre os ciganos.

“Bem que eu acharia interessante!”, pensou Astara, um pouco desanimada.

Porém, como estava claro que os cavalheiros não queriam sua companhia, aquiesceu graciosamente e, depois do almoço, acenou para eles da escadaria da frente da casa.

Já tivera uma idéia de como poderia aproveitar a tarde, e resolveu

colocá-la em prática.

Durante os três dias passados na Mansão Worfield, Astara percebera que William e Lionel a cortejavam arduamente. Eram muito circunspectos, principalmente quando estavam juntos, procurando demonstrar que não tentavam passar um adiante do outro. Mas sempre que possível faziam-lhe efusivos elogios e deixavam suas intenções muito claras.

Astara não sabia ao certo por quê, mas sentia que William estava absolutamente seguro de que ela aceitaria seu pedido de casamento e que, quando chegasse a hora, tomaria o lugar de seu tio como proprietário da casa e da fazenda.

De vez em quando Astara até detectava um deslize em algum comentário seu, ou na tentativa de disfarçar a ansiedade para ser o dono não só dela, mas da fortuna do seu tio.

— Vou mudar isso — tinha dito ele na noite anterior, num momento de descuido.

Estavam falando de uma festa oferecida aos fazendeiros todo ano, no dia de São Miguel. Houve uma breve pausa e em seguida William acrescentara:

— Acho que esse costume, mantido em grande parte do país, na realidade revela-se uma perda de tempo e dinheiro. Tenho certeza de que os trabalhadores prefeririam o dinheiro no bolso.

Sir Roderick começara a argumentar que as festividades e comemorações quebravam a monotonia da vida do trabalhador rural e mais tarde Astara se perguntara se tio Roderick tinha entendido exatamente toda a extensão do comentário de William.

Sentia que tanto sir Roderick quanto o próprio William não tinham dúvidas sobre qual dos dois candidatos à sua mão ela realmente preferia.

Não havia a menor dúvida de que William era magnífico, e Astara compreendia perfeitamente que o fato de ele ser um esportista, o líder do clube Four-in-Hand e um competente pugilista amador impressionava seu tio. Era, além de tudo, muito bonito, e Astara tinha certeza de que, sob o terno de corte perfeito, possuía músculos fortes.

Entretanto, quando saíam todos para cavalgar de manhã, Astara achava que Lionel era melhor cavaleiro. Era como se fizesse parte do cavalo que montava, e a impressão dela era de que os animais respondiam a ele com carinho, enquanto simplesmente obedeciam a William.

Assim, ainda não tinha certeza absoluta de nada com relação aos dois primos. Num determinado momento se via favorecendo William, e no próximo, Lionel. Como os dois se comportavam da melhor maneira possível, porque a estavam cortejando, era difícil analisá-los com objetividade.

Agora, caminhando sob a copa das árvores, perguntava-se se realmente gostaria de passar o resto da vida com qualquer um deles.

O que tinham em comum com ela? Logo descobrira, por exemplo, que nenhum dos dois se interessava particularmente por livros. Sabia que não devia ter muita expectativa nesse sentido, pois o próprio sir Roderick não era de ler muito, a não ser as colunas de assuntos financeiros dos jornais. Também era capaz de se concentrar nos documentos que lhe chegavam diariamente do escritório de Londres, os quais, para uma pessoa não familiarizada com assuntos monetários, eram tão difíceis de entender quanto uma língua estrangeira.

Como ela própria adorava ler, e isso significava tanto em sua vida, Astara tentou imaginar se conseguiria conversar apenas sobre assuntos do dia-a-dia, que incluíam necessariamente as fofocas locais, um assunto bastante restrito.

Enquanto William circulava num ambiente mais importante, e naturalmente mais escandaloso, Lionel vivia profundamente envolvido com os assuntos do seu regimento. Astara achava interessante conversar com ele sobre a vida no exército e os soldados que comandava, e tinha certeza de que, se continuasse na Guarda, como desejava, Lionel acabaria se tornando general. Mas não sabia se ela própria gostaria dessa vida.

Além de todas as impressões confusas a respeito dos dois primos, uma coisa a intrigava. Por que Vulcan Worfield não tinha respondido à carta de seu tio?

Astara achava que, em vista disso, sir Roderick já o tirara completamente da cabeça e não o considerava mais como candidato à “maçã dourada”.

— Não recebeu nenhuma resposta do seu terceiro sobrinho? — perguntara a sir Roderick na noite anterior, quando tivera oportunidade de ficar a sós com o tio. Sir Roderick meneou a cabeça.

— Vulcan deve ter ido novamente para o exterior, ou então simplesmente não está interessado em me ver — replicou, com aspereza na voz.

– Talvez não tenha recebido sua carta, tio Roderick.

– Interroguei o criado que foi entregá-la. Ele me disse que colocou a carta por baixo da porta e que não existe possibilidade de ela não ter sido vista ou ter sido perdida. – Olhou para Astara antes de acrescentar: – Acho que podemos desconsiderar Vulcan.

Astara olhara para o quadro que tanto admirava.

– Havia três deusas: Hera, Atenas e Afrodite. Não me parece justo esquecermos Vulcan, tio Roderick!

– Parece que ele é que quer ser esquecido!

O tom de sua voz não deixou margem de dúvida. Sir Roderick estava irritado e ressentido. Astara não teve possibilidade de responder, pois William e Lionel entraram no salão.

Ela achava muito divertidas as refeições que faziam juntos. Os rapazes queriam se mostrar galantes e inteligentes, e o humor de sir Roderick era sempre invejável, embora ele não parasse de observá-la, tentando imaginar o tempo todo quem seria o favorito. E se a escolha fosse dele, não havia margem de dúvida sobre quem seria o vencedor.

O clima estava quente para abril, e, ao se encontrar no meio do bosque, Astara tirou o xale que usava sobre o vestido.

Tinha intencionalmente colocado um vestido bem simples, que comprara na Itália. Na realidade, era simples apenas na aparência, pois tinha custado muito caro, assim como o chapéu de palhinha enfeitado apenas com uma fileira de flores silvestres.

Depois de uma curva, o atalho seguia à margem das árvores, e logo Astara ficou incomodada por ter que carregar o xale. Parou por um momento e decidiu deixá-lo entre as flores de um arbusto, achando que ninguém que estivesse passando ali por acaso repararia nele.

Continuando a caminhar, tirou também o chapéu e segurou-o pelas tiras. Assim, podia sentir a brisa e o calor agradável do sol nos cabelos.

Um perfume de primavera pairava no ar, e ela teve vontade de parar e colher algumas primulas amarelas que cresciam por toda parte, produzindo um forte contraste com os narcisos silvestres. Mas, relutando, convenceu-se de que não tinha tempo, e, poucos minutos depois, avistou os primeiros telhados das casas de Little Milden.

Parou para observar de longe o vilarejo e, à distância, viu a torre quadrada e cinzenta de uma igreja. Esperava ver também um moinho acima

da altura dos outros telhados, e, não vendo nenhum, resolveu seguir e pedir informação.

Na frente da primeira casa da rua, uma mulher atendia um garotinho que tinha caído e machucado o joelho.

Astara parou junto ao portão.

— Por favor, pode me dizer qual o caminho para o Velho Moinho?

— Vire à esquerda na primeira esquina — respondeu a mulher, com um leve sotaque de Hertfordshire. — Vai visitar o sr. Worfield?

— Sim, isso mesmo.

— Então diga a ele que nossa Moll não vai mais visitá-lo — disse a mulher asperamente. Como Astara não respondesse, continuou: — Se ele estiver interessado, pode dizer que nossa Moll foi embora com um viajante, e que o fazendeiro Jarvis ficou muito aborrecido.

— Por quê? — Astara não pôde deixar de perguntar, tentando imaginar o que Moll, fosse ela quem fosse, tinha a ver com Vulcan Worfield.

— Porque eles têm muito trabalho na fazenda nesta época do ano — explicou a mulher. — Além disso, o fazendeiro Jarvis não gostou do fato de nossa Moll ter ido embora sem uma palavra. É, essas meninas de hoje!

— Moll é sua filha?

— Sim, minha primeira filha, e muito bonita, mas egoísta. A gente acha que o sr. Worfield só a deixava mais convencida. Ficava toda orgulhosa quando ele lhe pedia para ir ao Velho Moinho, embora isso não ajudasse em nada o fazendeiro Jarvis, como a gente vivia dizendo a ela.

Astara estava bastante espantada, mas achou que seria inconveniente fazer mais perguntas.

— Muito obrigada pela ajuda. A senhora disse para eu seguir e virar à esquerda? — repetiu.

— Isso mesmo — respondeu a mulher, ainda ocupada com o joelho do garoto. — Não esqueça de avisar ao sr. Vulcan que Moll não vai mais.

— Não esquecerei. Até logo!

Astara prosseguiu seu caminho, muito curiosa em saber por que Vulcan Worfield queria que Moll fosse ao Velho Moinho. Que utilidade teria para ele uma garota bonita que trabalhava numa fazenda?

Astara não quis pensar duas vezes na resposta mais lógica para essa pergunta.

Seguiu adiante, virou à esquerda e viu o Velho Moinho, ao lado de um

lago imenso.

Não era uma construção tão alta quanto imaginava, e a enorme roda de ferro que antigamente girava água estava imóvel e enferrujada. O resto do moinho tinha sido pintado de branco, e as vigas, escurecidas.

Astara se aproximou e, ao ver que a única porta de entrada estava aberta, perguntou-se se não seria porque Moll estava sendo esperada. Procurou em vão uma aldrava, e depois de hesitar por um momento, resolveu entrar percorrendo um corredor longo e estreito.

O único som que quebrava o silêncio absoluto era o ruído de seus passos ao longo do corredor. Astara sentia que estava prestes a viver uma grande aventura; ao mesmo tempo achava que sua curiosidade, bem como aquela maneira tão pouco convencional de entrar no moinho, poderiam ser mal interpretadas.

No fim do corredor havia outra porta, também aberta, e ao cruzá-la Astara viu que encontrara o que estava procurando. Era uma sala que pegava toda a extensão lateral do moinho, e completamente diferente de qualquer outra que já tivesse visto na vida.

De costas para a entrada, um homem estava sentado diante de um cavalete, em frente a uma janela que ia do chão ao teto.

Ele devia ter ouvido o rumor de seus passos, pois disse em virar a cabeça:

— Você está atrasada, como sempre! Não perca mais tempo. Suba no estrado depressa, pelo amor de Deus!

Vulcan falou com voz grave e num tom de tanta urgência, que Astara sorriu. Já tinha visitado estúdios de artistas, e no mesmo instante entendeu porque Vulcan Worfield pedia a Moll para ir ao moinho.

O estrado do artista ficava ao lado da janela. Era coberto por um pedaço de brocado verde e, sobre uma cadeira ao lado, havia um feixe de trigo.

— Depressa! — repetiu Vulcan, enquanto Astara continuava parada, indecisa. — E tente segurar o trigo como um símbolo da fertilidade, e não como se fosse um monte de bambu velho!

Astara atravessou resolutamente a sala e, depois de colocar o chapéu sobre uma cadeira, subiu no estrado. Pegou o trigo e segurou-o como seguraria uma criança.

Ficou imóvel e olhou para o homem concentrado na tela sobre o

cavalete.

— A luz estava perfeita há meia hora atrás! — resmungou ele. — O fazendeiro deve ter segurado você. É claro que acha que o que estou fazendo não é tão importante quanto ordenhar aquelas vacas barulhentas. — Sua voz agora parecia divertida. Depois de uma breve pausa, acrescentou: — Se não conseguir acertar sua cabeça hoje, acho que vou ficar louco!

Vulcan virou-se de repente, e ficou completamente paralisado. Ao mesmo tempo Astara, que agora o via de frente, percebeu que Vulcan Worfield era tão bonito quanto os dois primos, mas de um jeito muito diferente e mais marcante.

Seus cabelos eram negros e a pele, morena, sem dúvida por ficar muito tempo exposta ao sol. Vulcan era magro e tinha as maçãs do rosto e o queixo proeminentes. Seus olhos, surpreendidos pelo impacto da presença de Astara, eram inquisidores e penetrantes.

Vulcan observou-a por um longo momento. Ela não se mexeu, nem disse nada. Continuou imóvel em seu vestido branco, segurando o feixe de trigo como ele tinha pedido.

Depois de alguns instantes, também sem dizer nada, Vulcan voltou-se para a tela. Apagou o que tinha pintado e começou a usar o pincel de maneira rápida e decidida.

Trabalhou alguns minutos antes de perguntar:

— Como você se chama? — Em seguida, antes que ela pudesse responder, continuou: — Não, não diga! Você é Afrodite e veio do Olimpo, para tomar o lugar da pastora teimosa!

— Moll não pôde vir — Astara falou em voz baixa.

— Graças a Deus! Levante o queixo um pouquinho... isso, perfeito! Não se mexa!

O pincel parecia dançar sobre a tela enquanto Vulcan pintava, intercalando olhares para ela e para o quadro.

Depois do que pareceu a Astara uma eternidade, ele comentou:

— Como soube que eu precisava tão desesperadamente de você? Ou devo acreditar que, quando os deuses resolvem prestar atenção, os apelos dos homens são sempre atendidos?

— Moll foi embora com um viajante.

— Eu sabia que no fim ela acabaria cedendo à corte que ele lhe fazia. Bem, e por que não deveria? Afinal, ele pode oferecer a Moll uma vida mais

emocionante do que a que tinha aqui.

— Ele vai se casar com Moll? Sem parar de pintar, Vulcan encolheu os ombros.

— Espero que não! Para passar a vida cuidando de crianças, não precisaria ter saído de casa!

— Pela maneira como fala, imagino que você não considere o casamento como uma coisa boa — comentou Astara.

— É sufocante para o homem e para a mulher.

— E qual é a outra alternativa?

— Ser livre para percorrer o mundo e desenvolver a mente e os sentidos, mas talvez você não compreenda o que quero dizer.

— Você acha que eu preferiria viver confinada com um monte de crianças e, claro, recebendo uma boa mesada?

Astara falou com tamanha ironia que Vulcan fitou-a e disse asperamente:

— Levante mais o queixo! Tente pensar em como Perséfone olharia para o céu!

— A procura da luz?

— Claro! Como se os gregos jamais tivessem feito outra coisa! — Vulcan ficou em silêncio por alguns instantes, depois continuou, como se estivesse falando sozinho: — Quando Apoio corria pelo céu, brilhante como um milhão de pontos de luz, curava tudo aquilo em que tocava e desafiava os poderes da escuridão!

Astara prendeu a respiração. Era exatamente o que tinha sentido ao visitar a Grécia com seus pais, um ano antes da morte deles. Conhecera aquela luz diferente de qualquer outra no mundo, e, apesar de ser difícil descrevê-lo, sentira a presença de Apoio na Grécia.

Encontrava-o em tudo o que via: nas ondas do mar, nos peixes agitando-se nas redes, nos olhos brilhantes dos próprios gregos e até nas rochas que se elevavam ameaçadoramente sobre os vales.

Havia uma luminosidade na Grécia que parecia ter sido cristalizada e era mais intensa, mais pura e mais espiritual do que em qualquer outro lugar que conhecia.

— Para que está pintando esse quadro? — perguntou a Vulcan.

— Para um livro.

— Que livro? Escrito por você?

– Claro!

– E o livro trata de quê? – insistiu Astara.

– Duvido que você se interesse por isso.

– Estou interessada.

– Você é perfeita! – comentou Vulcan, olhando-a novamente. –

Estou disposto a ficar de joelhos ou fazer qualquer sacrifício por você, pois é exatamente a pessoa de que eu precisava.

– Fico feliz por ser tão... útil.

– Útil! – exclamou ele. – Você é muito mais do que isso! Eu estava desesperado porque achava que não terminaria este quadro a tempo. E agora você está aqui! Nem sei como expressar minha gratidão.

– Você quer terminar o quadro a tempo para quê? – perguntou Astara.

– Para o dia da publicação.

– Ainda não me disse de que trata o seu livro. Vulcan sorriu e seu rosto pareceu mais suave.

“O rosto dele é duro”, pensou Astara. “É o rosto de um homem que deve ter lutado com inúmeras dificuldades.

Segundo sir Roderick, Vulcan era apenas uma pessoa à toa, um andarilho sem nenhum objetivo definido. Não era de se surpreender que sir Roderick, sempre preocupado em vencer nos negócios, desprezasse uma pessoa que parecia apenas querer aproveitar a vida.

– Gostaria que me contasse sobre o que está escrevendo, principalmente agora que disse que estou sendo tão... útil – insistiu Astara.

– Já que faz questão, gostaria de informá-la que, no momento, você está participando do mistério de Elêusis.

Astara sorriu. Era o que esperava.

Seu pai tinha lhe contado sobre as grandes cerimônias que aconteciam em Elêusis, perto de Atenas, quando pessoas de todas as partes se reuniam para celebrar os mistérios do templo e para algumas serem iniciadas.

Astara sabia que os adoradores se reuniam no décimo nono dia do mês sob a Acrópole, para a viagem de vinte e dois quilômetros pelo Caminho Sagrado. Usavam mantos de cor púrpura, carregavam longos galhos de erva-doce e eram coroados com mufta.

A parte mais importante da longa e exaustiva cerimônia era quando Perséfone aparecia, carregando um feixe de trigo.

Os que iam se iniciar nos mistérios eram mantidos na escuridão, como se estivessem debaixo da terra, sendo atordoados continuamente pelos sons de água corrente, de música, de trovões e outras estratégias assustadoras, que os deixavam num estado emocional propício à recepção do mistério final. Eram agarrados por mãos invisíveis e, aterrorizados, chegavam à beira da loucura.

Ninguém sabia quanto tempo um iniciante caminhava pela escuridão até que, de repente, emergia para uma luz que parecia emanar dos deuses: velas, o brilho de um santuário e Perséfone, carregando o feixe de trigo.

Ela dava um pouco de trigo e um jarro com água para o iniciado. E quando ordenava: “Deixe a chuva cair! Deixe a semente brotar” os sacerdotes começavam a dançar em volta do iniciado, pois ele próprio se tornara parte da fonte da vida e da luz.

Quando pensou em tudo isso, Astara compreendeu como Vulcan a estava retratando. Mesmo assim, perguntou-se se um ser humano seria capaz de captar aqueles, momentos sagrados, tão misteriosos que era impossível descrevê-los em palavras.

O silêncio de Astara devia ter surpreendido Vulcan, pois ele perguntou:

- Acabou-se sua curiosidade, ou está cansada?
- Estou um pouco cansada — ela admitiu.
- Então descanse, mas só um pouco. Preciso continuar pintando, pois pode ser que eu não seja abençoado com a sua presença outra vez.

Astara colocou o feixe de trigo sobre a cadeira, sentindo que de repente ele parecia estar muito pesado.

Em Roma, posara para dois artistas que haviam feito seu retrato (nenhum dos quais agradara a sir Roderick), portanto, conhecia bem o cansaço de ficar na mesma posição muito tempo!

Desceu do estrado e perguntou:

- Posso ver o quadro?
- Pode ver, se quiser, mas provavelmente não é o tipo de pintura de que você deve gostar — respondeu Vulcan com indiferença.

Ele falou quase que com desprezo, provavelmente imaginando que Astara só apreciava obras acadêmicas e cor-de-rosa.

Astara aproximou-se da tela e ficou espantada com o que viu.

Perséfone aparecia em primeiro plano, e Vulcan tentara imprimir em

sua tela toda a mística e o simbolismo que a figura da deusa representava.

Estava pintando o quadro num estilo diferente de qualquer outro pintor que Astara conhecia, com pinceladas firmes e marcantes e um forte jogo de luz e sombra.

Parecia não haver nenhuma forma concreta delineada no fundo, que, no entanto, transmitia os horrores vividos pelos iniciantes na escuridão.

Quase que se ouvia o chiado das chicotadas, o ruído das pedras caindo sobre eles. Quase se podia sentir a fumaça que os sufocava e as cobras enrolando-se em seu corpo!

Ali estava insinuado tudo o que era capaz de despertar o mais profundo terror, e então, em primeiro plano, iluminando Perséfone, estava a luz da iniciação.

A tela ainda não estava terminada, mas mesmo assim toda a história estava contada.

— E então? — perguntou Vulcan. — Por que não diz que está desapontada, como eu previa?

Vulcan falou com bastante ironia, e Astara sabia que ele não imaginava que ela tivesse a mínima idéia do que desejava transmitir.

Mas não respondeu logo. Continuou parada, observando que Vulcan a retratara como se ela estivesse com medo.

Não era um retrato convencional. Suas feições estavam esmaecidas, mas, mesmo assim, era absolutamente indiscutível que os olhos eram os seus.

Vulcan tentara transmitir não só os sentimentos do iniciado, mas também os de Perséfone: a alegria de voltar à terra, a felicidade de reencontrar a luz, depois de quatro longos meses de escuridão no mundo dos mortos.

Ele representara Perséfone muito jovem, o que estava correto, pois toda a cerimônia era voltada para a juventude — o trigo novo, a jovem deusa —, mas Astara sentia que ainda havia mais do que isso na tela. Havia algo dela mesma, de sua incerteza e seu medo.

Era apenas uma impressão, mas inequívoca. Tentou acreditar que isso era o que Vulcan pretendia realizar muito antes de ela aparecer no Moinho Velho, mas não conseguia deixar de pensar que havia algo dela no quadro.

— Diga o que está pensando — insistiu Vulcan, ao seu lado.

— Não é uma questão de pensar, mas de sentir — respondeu Astara.
— É o que estou fazendo.

Seus olhares se encontraram e ele observou-a por vários segundos, antes de perguntar:

— Por que diz isso?

Ela sorriu.

— Acredito que você seja Afrodite! — exclamou ele. — Você não é de verdade... não é humana!

— Sou exatamente como você me pintou... e isso me dá um pouco de medo.

— Eu sabia que você estava com medo, mas não de mim, não é?

— Não. De mim mesma.

— Como Perséfone estava até a luz tranqüilizá-la — comentou Vulcan.

— Como eu gostaria de ser tranqüilizada.

De repente, como se estivessem num sonho, Astara percebeu que, pela primeira vez na vida, sentia intensamente a presença de um homem.

Vulcan usava o avental azul dos artistas. Era alto e um tanto dominador. Porém, não era sua presença física, com toda a sua beleza, o que a afetava, mas sim as vibrações que emanavam do seu corpo.

Fazendo grande esforço, pois tinha medo do que diria caso continuassem conversando, Astara falou:

— Se quiser... estou pronta para continuar.

— Não, espere um pouco. Quero saber quem é você, e por que veio aqui.

Ele falou como se também estivesse se forçando a voltar à realidade e a pensar com clareza.

— Isso tem alguma importância? — replicou Astara. — Foi a mãe de Moll que me mandou aqui. Não é suficiente?

— Devia ser, mas estou curioso.

Astara afastou-se, temerosa de que ele a forçasse a contar o que ainda não estava pronta para revelar.

— Posso olhar o estúdio?

— É todo seu! — respondeu Vulcan, fazendo um gesto com a mão.

Vulcan olhou para a tela e, sem dizer uma palavra, sentou-se à frente dela e voltou a trabalhar.

Astara começou a andar pelo estúdio. Viu que, além da ampla janela que dava para o norte, havia outra que se abria para o lado oposto. .

As cortinas eram de cetim maravilhosamente trabalhado,

provavelmente chinesas, e os tapetes persas, de excelente qualidade.

“Vulcan deve ter comprado tudo isso em suas viagens”, pensou.

As paredes brancas do estúdio estavam nuas. Apenas sobre a lareira havia uma grande máscara pendurada. Astara sabia que era um tipo de trabalho oriental, talvez de Bali, onde acreditavam que as máscaras afastavam os maus espíritos.

O ambiente era fascinante e completamente diferente do que ela esperava de um moinho que fora transformado na casa do filho de um pastor.

“Eu deveria mesmo imaginar que nenhum Worfield seria medíocre ou vulgar”, pensou.

Astara deslizou o olhar sobre os móveis, observando que muitos eram de carvalho. Havia uma arca com um magnífico trabalho de entalhe que devia ter pertencido aos pais de Vulcan, uma mesa pequena e uma escrivaninha que tio Roderick teria orgulho em possuir. Devia ter sido feita no reinado de Jaime II.

Astara se deteve algum tempo contemplando a bela escrivaninha e ficou surpresa com sua arrumação, pois imaginava que todos os artistas fossem bagunceiros. Ali, porém, os livros e papéis estavam meticulosamente organizados.

Na frente de um tinteiro antigo havia uma pilha de cartas cuidadosamente arrumadas. Estavam todas fechadas, e, meio escondida sob outro envelope, Astara reconheceu sua letra.

Sorriu. Ali estava a explicação de por que Vulcan não tinha ido à Mansão Worfield. Ele simplesmente não lera o convite!

Entretanto, era estranho que não abrisse suas cartas, mas as arrumasse tão meticulosamente sobre a escrivaninha.

Astara tentou imaginar um jeito de abordar o assunto com ele. Precisava, pelo menos, mostrar que tio Roderick queria vê-lo.

Em seguida pensou que talvez fosse mais interessante deixar as coisas como estavam, deixá-lo acreditar que era apenas uma amiga de Moll.

Como se lesse seus pensamentos, Vulcan falou, sem se virar:

— O que você está fazendo em Little Milden? Não acredito que esteja trabalhando numa fazenda.

— Estou hospedada nos... arredores da cidade.

— Sorte minha!

— Fico feliz por você pensar assim. Posso dizer que admiro sua casa?

- Obrigado.
- Suas cortinas são muito bonitas.
- São chinesas.
- Você esteve na China? – perguntou Astara.
- Sim. Volte para o estrado. Quero captar corretamente o brilho dos

seus olhos. Não precisa segurar o trigo.

Astara obedeceu, voltando naturalmente à pose em que ficara antes.

– Isso mesmo! Perfeito! Ah, que pena, agora tem pouca luz. Pelo amor de Deus, venha o mais cedo possível amanhã. Os dias são tão curtos!

Houve um silêncio antes de Astara responder:

- Eu não disse que... poderia vir... amanhã.
- Mas você tem que vir! Preciso de você!
- A essa hora talvez... seja impossível.
- Pelo amor de Deus, menina, você estará presa a algum emprego ridículo? Seja quanto for que você ganhe, pago mais.

– Não é uma questão de dinheiro.

– Então é questão de quê?

Astara fez um exercício mental para resolver o que responderia.

– É que tenho... alguns compromissos importantes.

– Compromissos? Que compromissos? – retrucou Vulcan, parecendo alterado. – No momento, nada é mais importante do que eu conseguir finalizar este quadro.

– Seu quadro é para um livro – disse Astara, depois de alguns momentos.

– O quadro terá que ser impresso, o que não diminuirá de forma alguma o que quero transmitir. Além disso, também ficará em exposição.

– Onde?

– Em Paris.

– Em Paris? – Astara surpreendeu-se.

– Está espantada? Bem, vou explicar, mas duvido que você entenda uma só palavra da minha explicação.

Astara ficou tão furiosa por ele considerá-la ignorante que não disse nada.

– No ano que vem os franceses fundarão a Société des Géographes, e um dos primeiros livros que decidiram publicar é o meu – continuou Vulcan. – Os quadros que pintei especialmente para o livro ficarão em

exposição.

Vulcan falou com muita indiferença, realmente convencido de que Astara não entenderia nada, mas ela entendera muito bem.

Pouco antes de voltar para a Inglaterra, seu tio a levava a um jantar oferecido por um famoso intelectual de Paris, onde Astara foi apresentada a um senhor que conheceria seu pai.

Tinham conversado bastante sobre as descobertas que vinham sendo feitas em todas as partes do mundo, e ele comentara:

— Se seu pai estivesse vivo, srta. Beverley, sei que ele gostaria de saber que no ano que vem pretendo fundar a Soci    des Géographes, e vou inaugur   -la com uma exposi   , com trabalhos de vários viajantes exploradores.

— Papai ficaria encantado em saber!

— Tenho certeza de que ele contribuiria para essa exposi   , se eu lhe pedisse alguns textos. — O cavalheiro fez uma pausa. — Seu pai sempre fazia tudo o que descrevia parecer tão interessante! Se pelo menos tivesse escrito mais sobre suas viagens, teríamos algum material em nosso arquivo.

— Papai sempre achou um transtorno escrever o que sentia ou pensava sobre os lugares que visitava. — Astara sorriu. — Acho que papai era um viajante egoísta. Fazia isso por prazer, e nunca se preocupou com a posteridade.

Naquele momento Astara concluiu que Vulcan Worfield era diferente. Pelo menos tinha escrito um livro, e ela estava muito curiosa em saber o que continha.

De repente, sem saber por que razão, Astara resolveu manter sua identidade secreta. Não daria nenhum indício para que ele descobrisse quem era. Seria fácil, pois, como Vulcan não tinha aberto a carta que ela escrevera, não fazia a menor idéia de que sir Roderick estava novamente morando na Mansão Worfield, muito menos em companhia de uma sobrinha.

Pela maneira como Vulcan estava concentrado em sua tela, via-se que era um homem que se entregava de corpo e alma ao que o absorvia no momento, sem se preocupar com mais nada no mundo.

Alguém entrou na sala, mas Astara não se virou para olhar quem era.

— Estou de volta, senhor. — Era uma voz masculina, com um estranho sotaque cantado.

— Acho que minha modelo gostaria de tomar um chá, Chang.

- Sim, senhor. Quer que faça chá de pétalas de rosas ou de jasmim?
- Qual você quer? – Vulcan dirigiu-se a Astara. – Ou prefere o punhado de folhas fortes que os ingleses chamam de chá?
- Gostaria de um chá de jasmim, por favor – replicou Astara.
- Estranho. Nunca conheci uma mulher que não pedisse pétalas de rosa. – Vulcan olhou para a tela e continuou: – Mas você é diferente, muito diferente. Como já disse, estou curioso.
- Você chamou-me de Afrodite, e deve se lembrar de que os deuses eram sempre punidos por serem curiosos demais.
- Então você conhece sua mitologia! Estou ficando cada vez mais intrigado, Afrodite, se é que é assim que você se chama.
- É assim que quero ser chamada.
- Que mulher não gosta de ser misteriosa? – comentou Vulcan. – Bem, estou disposto a aceitar o jogo, contanto que você continue posando para mim, embora só Deus saiba como recompensá-la por isso.
- Quanto Moll recebia? – perguntou Astara, sorrindo.
- Quatro *pence* por hora. Ela achava que era muito mais do que merecia.
- Receio que eu seja muito mais cara – retrucou Astara.
- O que você pretende pedir para mim? Metade do meu reino? Como você pode ver, não é muito grande.
- Vou pensar em alguma coisa, fique sossegado. Seu reino, como o chama, é muito bonito. Eu estava me perguntando como você conseguia manter tudo tão limpo e arrumado. Agora sei quem é o responsável.
- Está se referindo a Chang? Nem imagino em que confusão eu viveria se não o tivesse comigo.
- Foi você que o trouxe da China? – perguntou Astara.
- Sim. Ele se afeiçoou a mim e me escolheu como seu amo. Eu não tinha por que me opor.
- Sempre ouvi dizer que os chineses são excelentes criados.
- Chang é muito mais do que isso. – Vulcan sorriu. – Ele é meu companheiro, meu amigo e, às vezes, comporta-se como a velha babá que cuidava de mim quando pequeno.
- Quando você morava no vicariato?
- Então você sabe disso! – exclamou Vulcan, surpreso. – Era um lugar ideal para viver, e sem dúvida alguma formou meu caráter antes de eu

ter sete anos de idade, a época que os jesuítas consideram a mais importante de nossas vidas.

— Como era o vicariato?

— Era uma casa enorme, esquisita e completamente inadequada ao parco salário de um pastor. Tinha fantasmas nos corredores e bruxas que gritavam em volta das chaminés, em dias de tempestade. — Ele sorriu e continuou: — Havia porões enormes que eu tinha certeza de serem esconderijos de perigosos ladrões, e no imenso jardim eu acreditava que moravam peles-vermelhas e tribos de selvagens violentos! Astara riu.

— Você tinha muita imaginação para um garoto tão pequeno.

— Precisava compensar o fato de ser filho único.

— Também sou filha única.

— Então temos algo em comum — sentenciou Vulcan. — Geralmente, os filhos únicos são diferentes das outras pessoas.

— Em que sentido?

— São pessoas mais sensíveis e mais próximas do mundo espiritual. Possuem a percepção mais aguçada simplesmente porque tiveram tempo para desenvolvê-la, enquanto as outras crianças, estando sempre no meio de uma multidão, não têm tempo para isso.

— Nunca pensei nisso, mas acho que você tem razão.

— Foi por isso que você sentiu meu quadro. Você não estava mentindo? Sentiu mesmo o que estou tentando transmitir?

— Senti.

— Então diga o que sentiu. — pediu Vulcan.

Sem pensar, calmamente, Astara citou o retórico Aristides:

— “De todas as graças divinas concedidas ao homem, Elêusis é o mais terrível e o mais maravilhoso!”

Vulcan virou-se para ela impetuosamente, com uma expressão de total assombro.

— Meu Deus, quem é você? Como sabe essas coisas e como veio parar aqui em minha casa?

Astara sorriu e felizmente não precisou pensar numa resposta, pois Chang entrou, carregando uma bandeja.

— Posso tomar meu chá de jasmim? — perguntou ela.

— Terei que deixá-la — resmungou Vulcan. — Sabe de uma coisa? Está ficando difícil eu me concentrar para trabalhar.

– Desculpe. Prefere que eu fique em silêncio?

– Não adiantaria. Mesmo que você fique calada, estarei pensando em você e imaginando o que poderia estar dizendo.

– Parece que não tem solução. Você precisa controlar sua curiosidade, ou talvez seja melhor eu ir embora e não voltar mais.

Astara dissera isso para provocá-lo, e Vulcan levantou-se da banquetta num salto.

– Você que se atreva! Juro que lanço uma maldição contra você, e pode ter certeza de que conheço algumas muito eficientes!

– Não tenho medo. Você pode ter o poder de amaldiçoar, mas; como Afrodite, possuo o antídoto.

– O amor pode ser uma maldição.

– Foi isso o que você... descobriu?

– Agora quem está sendo curiosa?

Os dois atravessaram a sala até a mesinha, onde Chang colocara uma toalha e arrumara os utensílios para o chá, que tinha sido preparado num bule chinês. As xícaras sem alças eram de uma porcelana belíssima.

– Que linda! – exclamou Astara, tocando na sua com delicadeza. – Você possui objetos maravilhosos! Vai me mostrar o resto do Velho Moinho antes de eu ir embora?

– A que horas você precisa ir?

Astara pensou rápido. Duvidava que seu tio e os primos chegassem antes das cinco horas, mas ela precisava chegar à Mansão Worfield antes deles.

– Quando for embora, para onde você vai? – perguntou Vulcan antes que ela respondesse. – Não posso deixá-la ir assim, pois pode ser que não apareça mais, como já ameaçou.

– Prometo que voltarei, mas pode ser que não consiga fazê-lo na hora exata que você deseja – replicou Astara, servindo o chá.

– Ficarei grato. Pelo menos você virá.

– Vou tentar. Por favor, acredite que vou tentar, mas não posso prometer o impossível.

Vulcan levantou-se e abriu as cortinas da janela do lado sul.

O sol penetrou na sala e os raios dourados banharam os cabelos de Astara, realçando seu brilho avermelhado.

Vulcan ficou a observá-la por um longo momento, antes de ir sentar-se

novamente ao seu lado.

— Deixe-me olhar para você — disse. — Você não é inglesa?

— Não totalmente. Tenho parentesco com gregos...

— Gregos! — interrompeu Vulcan. — Eu poderia dizer que você tem sangue grego, pelo formato do seu nariz!

— Minha bisavó era grega — concluiu Astara.

— É estranho como certos traços persistem, mas você não poderia mesmo ter outra ascendência.

Astara sorriu e, quando seus olhares se encontraram, de repente ficou tímida.

Não sabia explicar por quê.

Permanecera impassível diante dos elogios de William, Lionel e dos outros homens que conhecera em suas viagens, mas algo no olhar de Vulcan era diferente e mexia com ela.

Era um olhar que a fazia sentir-se mais jovem sem deixá-la exatamente embaraçada, mas sim tímida, como uma mulher fica quando está com um homem muito másculo e a quem é sensível não apenas com a mente, mas também com o corpo.

“Nunca aconteceu isso comigo”, pensou Astara.

Levou a xícara aos lábios, aspirando o perfume suave do chá, ao mesmo tempo que sentia intensamente o olhar de Vulcan.

— Você é bonita, inacreditavelmente bonita! — disse ele. — Como eu poderia adivinhar que encontraria aqui na Inglaterra, na cidade em que nasci, exatamente a pessoa de que precisava para o último quadro do meu livro?

— Você vai me mostrar os outros?

— Talvez, mas não hoje. Quando você for embora, quero que pense que ainda está representando Perséfone. Quero colocar seus pensamentos na minha concepção do que ela é.

Astara sorriu.

— Está sugerindo que eu não pense em outra coisa até voltar aqui de novo?

— E o que mais tem importância? Ao completar meu quadro, você fará parte da história. Da história do passado e da história do futuro.

— Para a Société des Géographes?

— Exatamente! E, se está interessada, aqui na Inglaterra meu livro será publicado pela Associação de Promoção de Descobertas do Interior da África.

Astara reprimiu uma exclamação, pois em várias ocasiões seu pai tinha participado de reuniões da associação para falar de suas viagens ao continente africano.

– Que lugares da África você visitou?

– Vários, mas você precisa se concentrar em Perséfone e no Olimpo, que deve conhecer muito bem.

– Sempre achei que os deuses interferiam tanto com os mortais porque com o tempo não achavam mais graça nas mesas de ouro e nos néctares celestiais do Olimpo.

– Acho que tem razão, e fico feliz por meu nome sugerir atitudes mais ativas.

– Claro, Vulcan! Você pode lançar raios e trovões a qualquer momento... – Sorrindo, Astara levantou-se. – Agora preciso ir.

– Posso acompanhá-la?

– Não!

– Promete que volta?

– Já prometi. Sempre cumpro minha palavra.

– Então, obrigado. Obrigado, Afrodite, mas depois que você for embora, acho que terei dificuldade em acreditar que esse encontro foi real.

– Posso dizer que sou tão real quanto seu quadro? – replicou Astara.

– Tão real quanto os mistérios de Elêusis?

– Então você é real e voltará para mim – concluiu Vulcan, com segurança.

Astara atravessou a sala e pegou seu chapéu.

Gostou do modo como Vulcan não fez nenhum movimento para segui-la. Continuou parado, apenas observando-a. Astara virou-se e sorriu, mas ele não retribuiu nem disse nada.

Ela percorreu de volta o corredor e atravessou a porta da frente, ainda aberta.

Quando chegou à esquina, começou a correr para o bosque. Não sabia ao certo se corria para chegar logo à Mansão Worfield ou se para fugir de Vulcan.

CAPÍTULO IV

— Você não respondeu à minha pergunta.

Astara teve um sobressalto quando William falou, percebendo que tinha se perdido em pensamentos e não ouvira o que ele dissera.

— Desculpe. Eu estava distraída.

— Eu esperava que você sonhasse comigo, mas não na minha presença.

Havia uma nota de reprovação em sua voz, e Astara compreendeu que ele estava aborrecido porque ela tinha se distraído quando conversavam a sós.

Tinham terminado de jantar, e sir Roderick e Lionel haviam desaparecido. Pelo jeito como William a olhava, Astara teve a desconfortável sensação de que ia pedi-la em casamento.

Astara conhecia esses momentos muito bem pela experiência que tivera com vários rapazes que, como dizia tio Roderick, tinham lançado os corações aos seus pés, em Roma e em Paris.

— Onde estará tio Roderick? — perguntou. — Pensei que ele viesse nos fazer companhia.

— Não quero tio Roderick nem Lionel conosco agora — replicou William. — Quero conversar com você. — Pegou a mão de Astara. — Acho que já sabe o que vou dizer.

— Não... por favor.

Acreditando que Astara estivesse embaraçada, William continuou, impedindo-a de dizer qualquer outra coisa:

— Sei que não nos conhecemos há muito tempo, mas nós dois somos sensíveis o bastante para perceber o que meu tio deseja. Eu quero, Astara, quero muito que você se torne minha esposa.

Astara enrijeceu a mão e desviou o olhar para a janela aberta, por onde se descortinavam o céu avermelhado pelo pôr-do-sol e as primeiras estrelas que surgiam.

— Acho que seremos muito felizes juntos — continuou William. — Nossos interesses são os mesmos, e eu sei, Astara, que a farei feliz.

William falava com tanta segurança que Astara percebeu que ele tinha

certeza de sua resposta, e em nenhum momento imaginara uma recusa.

— Por favor, William, não... diga mais nada. Ainda é muito cedo para eu resolver... alguma coisa.

— E o que acha de eu resolver por você? Ou prefere que eu converse diretamente com tio Roderick? Ele está convencido de que fomos feitos um para o outro, mas o importante, é nós dois também termos essa certeza sobre nossa futura felicidade.

William aproximou-se para abraçá-la, mas, Astara levantou-se rapidamente.

— É... muito cedo.

Disse isso olhando para o quadro sobre a lareira. Lembrou-se de ter lido que cada uma das três deusas estava muito segura de que receberia a maçã de Paris, confiando não apenas em sua beleza, mas também na importância do que tinham a oferecer-lhe.

Astara pensou em Hera, e no que ela tinha dito na tentativa de influenciar a decisão de Paris:

— Se você me conceder a maçã, eu o farei senhor de toda a Ásia!

“É isto o que William está me oferecendo”, pensou. Como se tivesse lido seus pensamentos, ele disse:

— Como minha esposa, você poderá receber todas as pessoas importantes de Londres. Desde o rei, que sempre me ofereceu sua amizade, até a nata do *beau monde*. — William fez uma pausa. Em seguida, como que entusiasmado pela perspectiva que tinha levantado, continuou: — Você terá condições de competir com todas as grandes damas da sociedade, como a duquesa de Devonshire e *lady* Bessborough, e faremos com que as festas de nossa casa em Londres sejam mais brilhantes do que todas as outras!

— É isso o que você quer? — perguntou Astara, calmamente.

Ela não se virou para olhá-lo, mas tinha certeza de que William sorria ironicamente quando respondeu:

— Existem muitas outras coisas. Quero por exemplo ampliar e melhorar meu estábulo, para arrebatá-los todos os prêmios de todas as grandes corridas. — De repente, temendo dar a impressão de que só pensava nele mesmo, acrescentou rapidamente: — Sei que você gosta de cavalos. Com os meus animais, você será a amazona mais rápida e mais elegante que já foi vista no Park.

William ficou esperando uma resposta e, quando não a recebeu,

levantou-se e parou um pouco atrás de Astara.

— Existem outras coisas que vão interessar a nós dois, mas o mais importante, claro, é o amor.

Em seguida forçou-a a se virar, e Astara viu que tinha razão em pensar que ele estava sorrindo.

Havia também um brilho estranho nos seus olhos, e Astara perguntou-se se seria realmente provocado pelo amor. Não conseguia deixar de sentir que ele tinha se impressionado com a própria descrição de como poderia ser sua vida de casados.

William abraçou-a, mas, quando baixou a cabeça para beijá-la, movimentando-se rapidamente e com tanta perícia que mais parecia um profissional no assunto, Astara libertou-se e caminhou para a janela.

— Astara! — Uma inegável nota de surpresa transpareceu em sua voz.

— Eu já disse, é muito cedo. Não nos conhecemos muito bem.

— Eu conheço você! Sei que você é tudo o que eu quero: a mulher que terá o meu nome e com quem quero passar o resto de minha vida!

Seu jeito eloqüente de falar, não deixando margem a argumentos, começou a irritar Astara.

“Talvez eu esteja sendo crítica demais”, pensou.

Astara ficou parada, olhando para o jardim. Era tão bonito, tão romântico, pensou, que, se fosse ela o homem que estivesse pedindo a mão de uma mulher em casamento, daria um jeito de levá-la ao jardim, onde a luminosidade difusa do pôr-do-sol e as primeiras estrelas cintilantes fariam melhor do que quaisquer palavras.

— Você está sendo evasiva, Astara, mas compreendo sua atitude — comentou William, aproximando-se novamente dela. — O casamento é um passo muito grande e importante para uma mulher.

— E para um homem?

— Também! Porém, quando um homem encontra a pessoa ideal para partilhar sua vida, é fácil tomar uma decisão rápida e segura.

— Entendo, e agradeço por me oferecer a posição de sua esposa, mas ainda preciso de mais tempo para pensar.

— Quanto tempo?

Astara sentiu nitidamente a impaciência por trás de sua pergunta, e sorriu ao responder:

— O que são algumas horas, alguns dias ou alguns meses, quando

pode ser que passemos anos na companhia um do outro?

— Tentarei ser paciente, mas não me faça esperar muito. William beijou sua mão, e nesse momento sir Roderick e Lionel entraram na sala, para completo alívio de Astara.

— Estão admirando as estrelas? — perguntou sir Roderick.

— O céu está lindo, tio Roderick, e acho que amanhã fará um dia muito bonito.

Assim que falou, Astara pensou que o tempo estaria ideal para ir ao Velho Moinho, como prometera a Vulcan.

Não fazia idéia de como poderia ir sem despertar a curiosidade de sir Roderick, mas de uma coisa estava certa: não deixaria que William e Lionel desconfiassem de que estava mantendo contato com seu primo.

Arrumaria um jeito inteligente de contar a Vulcan sua verdadeira identidade e de mostrar a ele que, sobre sua escrivadinha, havia um convite muito interessante, que poderia transformar sua vida.

Entretanto, tinha a sensação incômoda de que ele poderia não se interessar. Nada em Vulcan demonstrava que estivesse precisando de dinheiro, e Astara tinha certeza de que não escrevera o livro por essa razão.

— Agora é minha vez de conversar com você — disse Lionel em seu ouvido. — Você prometeu que me deixaria ensiná-la a jogar *poquer*.

— Não esqueci — replicou Astara. — Vamos à primeira lição!

Observou que William ficara aborrecido por ela o abandonar com tanta facilidade. Devia estar acostumado ao tipo de mulher que o adulava, e que não sairia de seu lado por nada no mundo, o que não era absolutamente o seu caso.

Enquanto atravessava a sala para o canto onde os criados haviam arrumado uma mesa com o baralho, sentiu que ele a observava, ressentido.

Sir Roderick conseguiu contornar a situação e começou a conversar sobre cavalos com William. Logo ficaram absorvidos pelo assunto, e, como estavam sentados ao lado da lareira, Astara sabia que não ouviriam uma palavra do que ela e Lionel conversassem.

Assim, não ficou nem um pouco surpreendida quando, logo depois de se sentarem à mesa, Lionel embaralhou as cartas e disse:

— Posso ler o seu futuro?

— Você é vidente?

— Só com você.

— Então acho melhor meu destino ficar em segredo até eu encontrar um cigano. Devia haver muitos na feira de cavalos que seriam capazes de prever o meu futuro.

— Eu posso fazer isso — respondeu Lionel, com firmeza. — Você está numa encruzilhada, e pode virar à esquerda ou à direita, mas, qualquer que seja o caminho tomado, não poderá voltar atrás, nem mudar de idéia.

— Você acha que eu iria querer voltar atrás?

— Se descobrisse que tinha cometido um erro.

— Espero não cometer.

— O que não é fácil, quando se trata de uma pessoa tão encantadora quanto você.

Lionel falou seriamente, como se estivesse lhe fazendo um elogio, mas na verdade a estava advertindo.

— Eu amo você, Astara! — continuou. — Você já percebeu, mas eu sei que tenho pouca chance de ser aceito como seu marido.

— Por que diz isso?

— Porque eu sempre estive em segundo lugar, e acho que continuarei assim.

— Está querendo dizer em relação a William, Lionel?

— A quem mais poderia ser? Sei exatamente o que ele estava lhe dizendo quando entrei na sala, agora há pouco.

— Era tão evidente assim?

— Para mim, sim, e William fez todo o possível para me afastar de você.

— Como ele poderia fazer isso? Lionel sorriu.

— Não sou bobo, Astara, nem tentaria ganhar você de uma maneira desleal. Entretanto, eu a amo, e acho que você é a pessoa mais bonita que já vi em toda a minha vida!

— Obrigada, mas não acho que beleza seja uma base sólida para se construir um casamento. Existem muito mais coisas além disso, Lionel.

— Você deve estar se referindo à inteligência, mas não sou tão inteligente quanto os outros Worfields. — Lionel engoliu em seco. — Para ser sincero, meu pai é tão inteligente, e fez tanta questão de que eu fosse igual, que eu odiava e negava tudo o que me ensinavam em Eton.

— Entendo — disse Astara. — Meu pai sempre dizia que a pior coisa para as crianças é o adulto projetar nelas seus próprios interesses.

– Seu pai era um homem compreensivo. Eu sempre ficava terrivelmente angustiado quando ia passar férias em casa, pois sabia que assim que chegasse haveria uma briga por causa das minhas notas.

– E as brigas não lhe davam força para se esforçar mais?

– Claro que não! Só me faziam ficar cada vez mais convencido de que o conhecimento, todo conhecimento, é uma chatice!

Astara riu.

– Estou vendo que você desafiava seu pai e seus professores, colocando uma barreira entre você e tudo o que queriam que aprendesse.

– Pois é! Garanto a você que já sofri muito por causa da inteligência da família Worfield.

– Eu sinto muito – disse Astara impulsivamente, comovida pelo jeito infantil de Lionel falar.

– Você não pode imaginar o que era ter tio Roderick e tio George como exemplos brilhantes, e mais tarde, claro, o próprio William.

– William é inteligente? – quis saber Astara.

– Ele sempre deu um jeito de estar por cima.

– O que está querendo dizer com isso? Houve um breve silêncio.

– Esqueça o que eu disse – pediu Lionel.

– Está bem – concordou Astara. – Então William sempre esteve por cima, não apenas nos esportes, mas também na escola.

– Ele sempre voltava para casa com um prêmio, ao passo que o que eu tinha para mostrar eram marcas de doloridas chibatadas!

– Pobre Lionel – Astara sorriu. – Realmente, sinto muito por você, mas tenho certeza de que compensou tudo isso depois de adulto.

– Eu gosto muito de estar no regimento, o que não impede meu pai de menear a cabeça e viver dizendo que esperava que seu filho brilhasse na política, como ele.

– Seria impossível ter dois oradores na mesma família! – Astara riu.

– Foi o que sempre pensei, o que aliás nos leva de volta ao começo da conversa, Astara. – Lionel encarou-a e disse com sinceridade: – Não sei exprimir com palavras o que sinto por você. Só posso dizer que a amo, e que casar com você seria como chegar ao paraíso. Acredito, no entanto, que jamais atingirei essa felicidade.

– Ainda é muito cedo para eu resolver qualquer coisa.

– E quando resolver, sem dúvida escolherá William – prosseguiu

Lionel com amargura. — Não preciso ler as cartas para saber.

— Agora há pouco eu estava olhando para aquele quadro e lembrei que as três deusas que apareceram para Paris tentaram influenciar sua escolha, fazendo-lhe promessas tentadoras.

Lionel levantou o olhar para o quadro sobre a lareira, mas era evidente que não significava nada para ele.

— Atena prometeu a Paris que ele sempre seria vitorioso nas batalhas — continuou Astara.

— É mesmo? — perguntou Lionel, surpreso. — Eis aí algo que valeria a pena. Imagino que ela não estivesse se referindo apenas às lutas em campos de batalha.

— Acho que ela quis dizer que, em tudo o que ele se esforçasse para conseguir, sairia vitorioso — explicou Astara.

— É uma pena que essa deusa não esteja aqui agora. Como você disse mesmo que ela se chama? Ah, sim, Atena! Ela bem que poderia favorecer-me com esse encanto, para que eu pudesse conquistar você!

— Se isso acontecesse, não acha que eu seria um incômodo? — perguntou Astara. — A vida livre parece ser melhor para os soldados.

— Por que pensa assim?

— Bem, e se seu regimento fosse enviado para algum lugar distante? Uma esposa e uma família seriam inconvenientes.

— Você está dizendo que eu teria que decidir entre deixá-la aqui ou sujeitá-la aos desconfortos que as esposas de soldados têm de enfrentar. — Lionel coçou o queixo. — Bem, acho muito improvável que os guardas de honra sejam enviados para a Índia ou para qualquer lugar desse tipo. Sempre tenho a sensação de que somos mais decorativos do que qualquer outra coisa.

— Seu regimento teve uma bela atuação em Waterloo, e, pelo que entendi, foi lá que você foi condecorado.

— Sim, e foi muito excitante! — comentou Lionel com os olhos brilhantes. — Acho que nunca senti emoção tão forte em toda a minha vida.

Ficaram em silêncio por alguns instantes.

— Depois todos falaram sobre o massacre, o horror, os homens que morreram, mas gosto de lembrar-me da emoção que sentia — continuou Lionel. — Talvez por eu ser muito jovem na época, em nenhum momento me passou pela cabeça que não iríamos sair vitoriosos. Além disso, quem não confiaria em Wellington?

Pelo jeito como ele falava, com um quê de heroísmo no tom de voz e na expressão, Astara concluiu que era aí que estava centrado todo o seu amor: no regimento, nos homens que comandava e no general que o comandava.

Astara compreendeu que a esposa de Lionel sempre estaria em segundo plano em sua vida, e que ele sempre se dedicaria realmente não ao amor, mas à guerra.

William interrompeu a conversa, aproximando-se da mesa.

— Parece que vocês não avançaram muito na primeira lição — comentou, mal-humorado.

— Estávamos conversando — replicou Lionel.

— Foi o que percebi. Também gostaria de participar da conversa — disse puxando uma cadeira, mas Astara se levantou no mesmo momento.

— Tenho certeza de que vocês todos estão cansados, depois de passar a tarde na feira de cavalos — justificou-se. — Eu também estou cansada, por isso vou me retirar. Boa noite!

— Não, fique mais um pouco! — disse William com firmeza, e Astara sentiu que seu pedido mais parecia uma ordem.

Sem responder, Astara foi em direção a seu tutor, que a olhou interrogativamente antes de se levantar do sofá.

“Com a inteligência e a sensibilidade que possui, tio Roderick deve ter percebido que recebi dois pedidos de casamento esta noite”, pensou.

— Boa noite, tio Roderick.

— Boa noite, querida. Durma bem e tenha sonhos agradáveis.

— Se eu sonhar, espero que seja com as coisas que ainda temos para fazer juntos, tio Roderick. Lembre-se de que muitos dos nossos planos ainda não foram realizados.

Uma expressão de tristeza surgiu no rosto de sir Roderick, pois percebeu que Astara havia recusado, ou pelo menos ainda não aceitara, nenhum dos seus sobrinhos.

Em seguida deu-lhe um beijo no rosto e cochichou com delicadeza:

— Menina reservada e difícil de satisfazer!

— Esta é uma das grandes vantagens de ser mulher! Astara viu o brilho voltar aos olhos do tio, e, depois de fazer uma reverência graciosa para William e Lionel, saiu da sala.

Não conseguiu adormecer imediatamente. Ficou deitada, pensando

nos estranhos acontecimentos daquele dia e na sua visita a Vulcan Worfield.

Um problema martelava insistentemente sua cabeça: como faria para vê-lo de novo. Não tinha dúvida de que desejava fazê-lo, pois achara-o intrigante e diferente de tudo o que esperava.

Quem poderia imaginar que, enquanto seus parentes o recriminavam por correr irresponsavelmente pelo mundo, Vulcan já tinha escrito um livro e pintava quadros que, por sua originalidade, despertariam discussões e controvérsias importantes no campo da arte?

Por influência de seu pai, Astara nutria grande respeito pela Associação de Promoção de Descobertas do Interior da África.

Seu pai sempre falava da associação com entusiasmo, e Astara sabia que se tratava de uma instituição que pretendia tornar as partes mais remotas do mundo familiares àqueles que nunca teriam condições de viajar.

Era o que sua mãe também pretendia quando insistia para que seu pai escrevesse suas experiências. Desejava que outras pessoas pudessem desfrutá-las.

— Talvez Astara faça isso quando for mais velha — replicava Charles Beverley.

— Pode ser. Por outro lado, acho que as pessoas nunca dariam atenção a uma mulher, em trabalhos desse tipo.

Agora Vulcan estava realizando o que seu pai não tivera disposição de fazer, e Astara não sossegaria enquanto não lesse seu livro e visse os outros quadros.

Na manhã seguinte, entretanto, ainda não sabia como escaparia para Little Milden.

Saíram todos para cavalgar de manhã, e depois participaram de um movimentado almoço oferecido aos vizinhos, que tinham descoberto que sir Roderick estava morando novamente na Mansão Worfield.

Sir Roderick recusara os convites feitos por eles, preferindo oferecer um almoço em sua casa. Divertida, Astara notara como os vinte convidados olhavam para seu padrinho com absoluta admiração.

Uma vez, em Paris, tinha dito a sir Roderick:

— Parece que o senhor tem uma aura de ouro e significa, para as pessoas, como que um símbolo sagrado.

Sir Roderick rira de seu exagero, mas sabia que sua riqueza o tornava respeitado e quase reverenciado aonde quer que fosse.

Depois do almoço, os convidados pediram para visitar a mansão, e, quando finalmente partiram, a tarde tinha quase terminado.

— Vamos dar um passeio no jardim, Astara — convidou William.

Ela meneou a cabeça e foi procurar sir Roderick.

— Estou com um pouco de dor de cabeça e, se não precisar de mim, gostaria de me deitar um pouco, até a hora do jantar.

— Claro, querida! — sir Roderick passou o braço em seus ombros. — Você foi uma anfitriã encantadora, meu bem. Tenho certeza de que meus sobrinhos também o notaram.

— Não esqueça que o senhor é sempre um anfitrião extremamente encantador.

Assim que entrou no quarto, Astara trocou o vestido sofisticado que estava usando por um mais simples e, descendo por uma das escadas de serviço, saiu pelos fundos da casa.

Ia com tanta pressa de rever Vulcan que correu pelo bosque e pelo atalho que ladeava as árvores. Estava quase sem fôlego quando chegou a Little Milden, e só quando entrou na cidadezinha é que conseguiu andar mais devagar, desejando que seu coração parasse de bater tão acelerado.

A porta do moinho estava aberta, como esperava, e, assim que pisou no estúdio, Vulcan perguntou, antes de vê-la:

— É você, Afrodite? Pensei que tivesse esquecido promessa.

— Sempre cumpro minhas promessas — ela entrando.

Vulcan se virou e, quando seus olhares se encontraram, Astara sentiu que, por ter corrido, seus cabelos formavam cachos sobre a testa e seu rosto devia estar bastante corado.

Não conseguindo sustentar seu olhar, e sem esperar instruções, Astara subiu rapidamente no estrado. Tomando o ramo de trigo, que estava exatamente onde o deixara no dia anterior assumiu a pose que Vulcan queria, olhando para cima, como se estivesse enxergando uma luz divina.

Vulcan não se moveu por alguns momentos, mantendo os olhos fixos em sua figura.

— Perfeito! Agora já sei onde estava errando. — Deu algumas pinceladas rápidas e perguntou: — Por que você precisou correr?

— Eu... achei que você estava à minha espera.

— Estava mesmo, mas tenho a fantasia de que você percorreu uma distância longa.

Ela não respondeu e Vulcan sorriu.

— Vai continuar misteriosa? — perguntou. — Ainda quer que eu fique tentando adivinhar as coisas?

— Por que não? As explicações são cansativas e quase sempre... decepcionantes.

— Quem lhe disse isso? — ele perguntou, divertido.

— Por que não poderia ser uma conclusão tirada a partir de minhas próprias observações?

— Porque você não parece ter sofrido decepções em sua vida

— E como é uma pessoa que já sofreu decepções?

— Cínica, mas você é jovem demais para isso! Ou afetada e você é ingênua. Você parece uma pessoa segura de que sempre conseguirá o que quer.

— E o que eu quero? — perguntou Astara.

— Amor, é claro! As mulheres não desejam outra coisa!

— E os homens?

— Os homens precisam de muitas outras coisas.

— Como dinheiro? — provocou Astara.

— O dinheiro não é importante em si, mas ajuda muito em alguns aspectos. Pode-se perder muito tempo procurando um meio de pagar por algo de que se precisa com urgência.

— É isso o que você tem que fazer?

— Passei por isso algumas vezes no passado.

— E agora?

— Graças a Deus, do ponto de vista financeiro, tenho tudo o que preciso, e dinheiro não é meu principal objetivo.

— Claro que não! Você quer que seu livro e seus quadros sejam um sucesso — afirmou Astara, entusiasmada.

— E eles serão!

— Como pode ter tanta certeza de que as pessoas vão entendê-los?

— As pessoas? Quem está preocupado com as pessoas? Estou falando dos poucos, dos muito poucos que entenderão minhas obras e o que estou tentando transmitir.

— Era justamente isso o que eu queria lhe perguntar: o que você está tentando transmitir? — Vulcan não respondeu e, temendo tê-lo deixado contrariado, Astara continuou: — Você ainda não me disse sobre o que trata

seu livro. Só disse que tem uma relação com o mistério de Elêusis.

– Esse não é o único mistério do mundo.

– Quer dizer que está escrevendo um livro sobre mistérios?

– Sim!

– Que maravilha! Que outros mistérios você incluiu?

– Meca.

Astara ficou tão surpresa que virou o rosto para fitá-lo.

– Você esteve em Meca como peregrino? – perguntou, com a respiração quase suspensa.

– Sim!

– Nem posso acreditar!

Astara lembrava-se de ter ouvido seu pai contar sobre as peregrinações de oito dias que os muçulmanos faziam em direção à cidade secreta do Islam. Sabia que nenhum infiel conseguia entrar na cidade santa e continuar vivo. Seu pai contava que muitos exploradores e cristãos haviam tentado essa façanha, mas que nenhum deles voltara para relatar o que tinha visto ou descoberto por lá.

– Como você conseguiu entrar... e sair da cidade secreta? – perguntou Astara, bastante curiosa e apreensiva pela possibilidade de ele ter corrido sérios perigos.

– Não foi uma viagem particularmente agradável, mas tive a sorte de conhecer um fiel muito influente, que acabou conseguindo para mim o direito de usar o turbante verde!

Astara quase disse como gostaria que seu pai tivesse sabido daquela experiência emocionante. Mas, conseguindo se controlar, perguntou:

– E você chegou a pintar alguma tela sobre esse assunto? O tema é realmente muito interessante!

– Sim, cheguei a pintar uma tela, mas a obra infelizmente não faz jus à realidade. Os mistérios que envolvem a cidade secreta dos árabes são simplesmente indescritíveis!

Astara suspirou profundamente, não deixando de invejar Vulcan por ter tido a sorte de conhecer tantos lugares misteriosos e cheios de perigos!

– Gostaria tanto de conhecer Meca!

– Sinto muito dizer, minha cara, mas isso é algo que nunca poderá fazer. – Vulcan sorriu. – Para ser sincero, estou quase resolvendo não incluir esse mistério no meu livro, e nem mesmo expor o quadro que pintei

lá.

— Por que não? Seria uma ótima oportunidade de esclarecer um grande número de pessoas sobre os mistérios árabes!

— Sem dúvida, mas acontece que eu gostaria muito de voltar a visitar aquela cidade, e também outros países muçulmanos. Se souberem que os enganei, eu sofreria severas restrições, e minha vida correria sério perigo.

Astara achava que “restrição” era uma palavra que o preocupava profundamente.

— É uma pena desperdiçar uma experiência como essa, mas acho que entendo — disse ela.

— Entende que não quero sofrer restrições?

— Sim, entendo.

— Duvido muito — Vulcan retrucou sorrindo. — As mulheres nunca entendem essas coisas. Querem amarrar os homens e mantê-los bem aprisionados!

— Nem todas as mulheres agem assim — replicou Astara, pensando em sua mãe.

— Todas! — insistiu Vulcan. — Se existe alguma mulher prodígio que não seja assim, não a conheço! — Olhou para Astara, depois falou com voz divertida: — Claro que, se ela for uma deusa como Afrodite, pode ser diferente.

Astara não sabia por quê, mas ficou deprimida com as palavras de Vulcan. Era quase capaz de senti-lo afastar-se, desaparecendo no deserto, disfarçado de muçulmano, usando o turbante verde a que tinha direito e deixando-a para sempre!

— Em que está pensando? — ele perguntou, de repente.

— Em você atravessando o deserto — Astara respondeu com sinceridade. — Atravessando o deserto sob um céu terrivelmente azul, cheio de uma luminosidade esplendorosa, mas ao mesmo tempo cruel e assassina!

— Você tem um ótimo vocabulário, garota! Aposto que deve ter uma boa biblioteca no Olimpo.

Ele calou-se e ficou pintando por alguns momentos.

— Que outros mistérios você abordou em seu livro? — perguntou Astara, voltando ao assunto.

— A dança dos dervixes.

— Você... a viu?

– Vi, e é fantástica, horrível e, ainda assim, maravilhosa.
– Gostaria de ter visto a dança com você.
– Não é coisa para mulher, ou para qualquer pessoa de estômago fraco... – retrucou Vulcan.
– Posso ver o quadro que pintou sobre a dança?
– Talvez. Você está me deixando nervoso com esse seu jeito de quem compreende tudo. Não gosto nem um pouco de ser compreendido.
– Desculpe, meu caro. Vou me fazer de idiota e burra. Quem sabe assim eu lhe agrade mais...

Astara falou com tanto sarcasmo que Vulcan largou o pincel para encará-la.

– Maldição! Passei a noite inteira acordado, pensando em você. Você está me perturbando e me deixando intrigado, e não gosto nem um pouco disso!

– A solução é muito simples, meu amigo!
– Se você disser que vai embora e não voltará mais, acho que eu serei capaz de enforcá-la!

– Por quê?
– Porque quero você aqui, ora! Você sabe muito bem que *quero* você aqui! Mas acontece que você é demais para a paz de espírito de um homem!

Astara teve a impressão de estar ouvindo as batidas do próprio coração, quase sem fôlego diante do que Vulcan estava dizendo.

– É muito difícil agradar-lhe, sr. Worfield – conseguiu dizer, afinal.
– Nem tanto, só que não estou acostumado à perfeição, e estou tendo sérias dificuldades em me adaptar a ela. – Vulcan continuou a fitá-la e acrescentou, como se pensasse em voz alta: – Você *deve* ter algum defeito, não é possível!

E depois de olhá-la mais uma vez, da cabeça aos pés, voltou para o cavalete.

– Talvez tenha um marido e seis filhos escondidos em algum lugar – sugeriu, zombeteiro.
– E, ainda assim, continuaria parecendo-me com Perséfone? Vulcan riu.

– Está bem, está bem, você ganhou! Mas não se esqueça de que Perséfone deve ter tido experiências eróticas com Plutão, no Hades.
– Acho que ela era esperta o suficiente para conseguir mantê-lo

afastado — retrucou Astara. — Devia dizer que pensaria nas propostas dele no inverno seguinte... depois no outro... depois no outro...

— É isso o que você faria?

“É exatamente o que estou fazendo”, pensou Astara, divertida, ao lembrar-se de como vinha se esquivando de William e Lionel.

— Por que diz isso?

— Porque sinto que você tem considerado essa possibilidade. As mulheres precisam casar-se. Não existe nenhum outro caminho aberto para elas.

— Você não pensava assim em relação a... Moll.

— Você é muito diferente de Moll, e não acredito que o rapaz que porventura a tenha pedido em casamento seja um caixeiro-viajante!

— N-não... não é mesmo.

— E o que é, então?

— É um cavalheiro de muitos talentos.

— Está apaixonada por ele?

A pergunta foi direta, e enquanto Astara pensava no que diria, o próprio Vulcan respondeu:

— Não precisa dizer nada. Você nunca amou alguém!

— C-como... sabe?

— Olhando para você. Percebendo o que você pensa e sente. Sua inocência a protege mais efetivamente do que qualquer armadura.

Astara ficou tão surpresa que parou de posar e encarou-o.

— Como pode... saber essas coisas?

— Talvez minha iniciação em tantos mistérios do mundo me tenha tornado mais sensível do que a maioria das pessoas.

— Em quantos mistérios você foi iniciado?

— Estávamos falando de você!

— Pois eu acho que estávamos falando das suas viagens e das coisas que viu e fez.

— Não estou com vontade de falar de mim — concluiu Vulcan. — Bem, você deve estar cansada, e pode descer um pouco. Quero que veja meu quadro.

— Está bem.

Astara colocou o feixe de trigo sobre a cadeira e desceu do estrado. Aproximou-se do cavalete e notou que Vulcan trabalhara muito no quadro,

desde o dia anterior.

Agora Perséfone aparecia quase como uma fonte de luz; na verdade, a luz parecia emanar de sua figura. Estava pintada num estilo que Astara nunca tinha visto, mas sabia que, mais do que retratar uma imagem, Vulcan pretendia evocar emoções.

— Está gostando? — perguntou ele.

— Eu sou assim mesmo?

— Em alguns aspectos, é muito melhor. Não consegui mostrar como você está insegura de si mesma.

Astara fitou-o com os olhos arregalados.

— Insegura? — questionou.

— Minha impressão é de que você se sente como se estivesse sendo empurrada para um precipício — ele respondeu, prendendo-a com o olhar.

— Está com medo e, ao mesmo tempo, sente que o que tem que fazer é inevitável.

— E o que eu tenho que fazer?

— Não tenho bola de cristal, mas, se quer minha opinião, acho que fará exatamente o que é esperado de você.

— Por que eu agiria assim?

— Porque você é mulher, e porque duvido que exista outra alternativa.

— E se... existisse?

— Então acho que deveria arriscar. Você tem um potencial a ser desenvolvido que a tornaria menos submissa do que as pessoas pensam.

— É assim que quero ser! — disse Astara, apaixonadamente. — Entretanto, você tem razão... estou com medo!

Vulcan ficou parado, como se hesitasse. Em seguida caminhou para um canto da sala, onde várias telas estavam encostadas.

Virou uma, e Astara viu retratada, viva e quase violentamente, a dança dos dervixes.

Era possível sentir com toda a intensidade o que se passava: os movimentos inquietos dos corpos hipnotizados, o burburinho das vozes, os dentes cerrados, as narinas ofegantes e os olhos dilatados das pessoas...

Era horrível, mas, como Vulcan dissera, maravilhoso.

— É o que você esperava? — ele quis saber.

— De você? Sim! Vulcan virou outra tela.

Era completamente diferente: nela se via a paz, a tranqüilidade e o

estranho simbolismo de um jardim zen-budista, o cascalho branco pintado em linhas rítmicas, as pedras que representavam o rio da vida e a reencarnação do homem.

O quadro transmitia muita serenidade e, de novo, aquela luz estranha. Astara chegou a se perguntar se ela estava realmente pintada nas telas ou se existia somente na sua cabeça.

– Você estudou o zen-budismo? – perguntou.

– Então você sabe o que é isso?

Astara assentiu e Vulcan observou-a curiosamente, antes de virar mais um quadro.

Este representava um sacrifício no Templo de Kali: o sangue dos animais e a participação atônita dos adoradores eram tão vívidos que se tornava desagradável olhar para a tela por mais de um momento.

Percebendo o que ela sentia, Vulcan virou os quadros de costas e disse:

– Por hoje já chega. Mostrarei as outras seis telas em outra oportunidade.

– Quero ver todas! – insistiu Astara, mas ele meneou a cabeça.

– O dia está acabando e quero terminar seu quadro.

– E depois?

– Vou levá-lo para os gravadores. Os outros já foram. Vulcan falou com indiferença, e Astara notou que ele já estava de novo totalmente voltado para o trabalho.

Voltou para o estrado e pegou o ramo de trigo, tentando imaginar o que Vulcan sentia por ela.

Ele era um homem estranho e diferente de qualquer outra pessoa que conhecia. Ainda assim, havia nele algo de familiar, algo que reconhecia naquele homem, mas não conseguia definir, que era compreensível da mesma maneira como era possível entender o que ele queria expressar em seus quadros.

Ele tinha razão quando dissera que pintava apenas para algumas poucas pessoas, e Astara perguntou-se se tio Roderick seria uma delas. Sabia que ele preferia um tipo de pintura mais convencional, como as de Rubens, Van Dyke ou Leonardo da Vinci. Era certo que seu bom gosto era inquestionável, mas baseado nos princípios que os críticos de arte postulavam. Astara tinha certeza de que os trabalhos de Vulcan não se encaixariam nessa categoria.

“Tenho certeza de que pessoas como papai considerariam o trabalho de Vulcan como um novo tipo de arte, necessário para uma nova compreensão da realidade”, pensou, convicta.

Sem perceber, ela havia permanecido imóvel por um longo tempo, perdida em seus pensamentos. De repente, Vulcan exclamou:

— Pronto! Terminei! Seria um erro alterar mais alguma coisa.

— Terminou mesmo?

— Venha ver.

Astara obedeceu, e achou que a tela inteira brilhava com a luz que emanava de Perséfone, enquanto ela evocava algo além dela própria, algo que procurava no céu.

Ficou em silêncio por tanto tempo que Vulcan não se conteve:

— E então? Quero ouvir sua opinião!

— Não tenho... palavras — Astara respondeu em voz baixa. — Eu... sou parte da tela, mas... ela é também parte de mim!

— É exatamente o que eu queria. — Vulcan olhou para o cavalete, depois para as telas encostadas na parede. — Logo que esta aqui for gravada, levarei todas para Paris. Você vai comigo?

Astara fitou-o, achando que não tinha entendido direito, e viu-o sorrir com uma expressão que a fez estremecer.

— Será uma experiência nova para você — continuou Vulcan. — Uma experiência que quero lhe proporcionar.

Vulcan abraçou-a e pousou os lábios sobre os dela.

Vagamente, quase como se fosse outra pessoa, Astara pensou que devia resistir, mas era tarde demais.

Os lábios de Vulcan a aprisionavam completamente, e logo compreendeu que era isso mesmo o que queria. Uma sensação estranha e incontrolável dominou seu corpo, e uma chama ardeu seu peito.

Era como se os dois estivessem envolvidos por uma luz brilhante... a luz que estava presente nos quadros, a luz que emanava de Perséfone, a luz dos deuses! A sensação era tão maravilhosa e tão inesperada, que Astara sentiu-se renascer ao toque dos braços e dos lábios de Vulcan.

Ele abraçou-a com mais força e afastou ligeiramente a boca, fazendo Astara pensar que iria libertá-la. Entretanto, voltou a beijá-la com mais insistência e paixão, e ela sentiu nesse momento que não era mais a mesma pessoa de minutos atrás.

Finalmente, depois do que poderia ser uma hora, um século ou uma eternidade, Vulcan levantou a cabeça e olhou dentro de seus olhos, como se procurasse algo.

Astara não sabia o que ele procurava, mas compreendeu que o encontrara assim que Vulcan colou novamente os lábios nos seus.

Ele beijou-a até fazê-la sentir-se tocar as estrelas, banhada pela luz do sol e da lua.

Quando finalmente seus lábios se separaram, Astara estava tão assombrada e estonteada que a única coisa que conseguiu fazer foi esconder o rosto no peito de Vulcan, certa de que, se não estivesse em seus braços, cairia no chão.

— Minha pequena Afrodite! — ele falou com voz rouca. — Você entrou na minha vida, e nunca mais a deixarei sair!

Astara se sentia brilhante como um raio de sol, e ao calor dos lábios de Vulcan em seus cabelos, conseguiu levantar a cabeça e murmurar:

— Eu amo... você!

Sua voz saiu fraca e atônita, como se aquelas palavras fossem maravilhosas e inacreditáveis demais para serem ditas.

— Era o que eu queria ouvir — disse Vulcan. — Agora, querida, tudo ficou muito simples, e não precisa mais haver mistérios entre nós.

Astara esforçou-se para pensar com clareza. Tinha sido beijada e se sentia parte de um homem que nem ao menos sabia o seu nome! Um homem que a convidara para ir a Paris, sem nenhuma intenção de pedi-la em casamento!

— Preciso ir — disse ela, com uma voz que não parecia sua. — Prometo que voltarei amanhã... e aí poderemos... fazer planos.

Foi difícil articular cada palavra. Astara sentia o corpo todo latejando pelas novas emoções que Vulcan lhe despertara.

— Vou para Londres de manhã cedo, e estarei de volta mais ou menos a esta hora — disse ele. — Então faremos nossos planos, como você falou.

— Preciso ir... agora.

— Por quê? — Vulcan perguntou, e beijou-a de novo, intensa e apaixonadamente.

Astara teve a impressão de que ele sugava a sua alma, além de tomar seu corpo. Era impossível pensar em qualquer coisa, a não ser nas sensações que a deixavam sem fôlego e inundada de um prazer até então desconhecido.

Só quando ele levantou novamente a cabeça é que Astara conseguiu murmurar:

— P-preciso ir... por favor... não me impeça.

— Eu nunca faria nada contra a sua vontade, mas quero você, Afrodite! Meu Deus, como a quero!

Vulcan ia abraçá-la novamente, mas Astara conseguiu impedi-lo, sentindo que, se permitisse, não seria mais dona de si e faria qualquer coisa que ele pedisse.

— Por favor... — insistiu.

— Está bem — concordou Vulcan. — Vá embora, se precisa, mas você vai voltar amanhã? Prometa que voltará, ou então terei que levá-la comigo para Londres.

— Prometo.

Astara já tinha se afastado um pouco quando Vulcan a chamou:

— Venha aqui!

Ela meneou a cabeça, temendo o poder que ele exercia sobre sua vontade, ao mesmo tempo em que ansiava por obedecer-lhe.

— Eu tenho que ir!

— Eu disse para você vir aqui!

Seus olhares se encontraram e Astara não conseguiu se conter. Sem querer, voltou para os braços de Vulcan, que a beijou novamente.

Só quando Astara parou completamente de pensar, entregando-se por inteiro ao desejo de que ele continuasse a beijá-la por toda a eternidade, é que Vulcan libertou-a.

— Vou contar cada segundo até amanhã à noite, minha deusa — disse com a voz entrecortada.

Não ousando ficar mais um só minuto naquela sala, Astara virou-se e saiu correndo.

Quando chegou à porta do moinho, encostou-se um pouco para recuperar o fôlego e fez força para voltar à realidade, pisar de novo no chão — era um ser humano com problemas muito humanos.

CAPÍTULO V

Na manhã seguinte, quando descia a escadaria principal da mansão, Astara viu que sir Roderick estava no vestíbulo, conversando com o sr. Barnes.

— Está combinado, então — disse ele. — Conversarei com aqueles homens amanhã às nove horas. Isso significa que só sairei para cavalgar mais tarde, mas é urgente, não?

— Eles estão ansiosos por suas instruções, para que possam começar a trabalhar.

— Está bem. Amanhã às nove horas. Diga a eles para não se atrasarem.

Sir Roderick foi para a sala de jantar, e o sr. Barnes, depois de pegar seu chapéu, dirigiu-se para a porta principal. Já estava quase saindo quando Astara teve uma idéia.

— Sr. Barnes! — chamou, descendo a correr os últimos degraus.

O secretário parou e olhou para trás. Fez um movimento para entrar novamente na casa, mas Astara foi mais rápida e levou-o para o jardim.

Quando estavam bem longe dos criados de plantão no vestíbulo, Astara perguntou:

— Será que me faria um favor, sr. Barnes?

— Claro, srta. Beverley. Qualquer coisa que esteja ao meu alcance.

— É algo que diz respeito a tio Roderick... — Astara hesitou por um instante. — Embora não admita, sei que tio Roderick está muito magoado porque seu sobrinho, o sr. Vulcan, que mora em Little Milden, ainda não veio visitá-lo.

— Eu também estranhei, mas acredito que o sr. Vulcan seja uma pessoa muito temperamental — replicou o sr. Barnes.

— Também ouvi dizer isso, e o capitão Lionel me contou que ele raramente responde a cartas, se é que se importa em abri-las!

— Quer dizer que sir Roderick escreveu para ele?

— Sim, escreveu, mas o sr. Vulcan não deu resposta, nem veio visitá-lo. Só posso concluir que ele não leu a carta.

— E o que quer que eu faça, srta. Beverley?

— Será que o senhor, sem mencionar nada ao tio Roderick, é claro, não

poderia procurar o sr. Vulcan e dizer que seu tio está magoado pelo seu comportamento negligente?

O sr. Barnes parecia inseguro, como se considerasse essa missão muito difícil. Astara continuou rapidamente:

— Tenho certeza de que, quando souber que tio Roderick está idoso e deseja muito vê-lo, o sr. Vulcan virá à Mansão Worfield.

— Tenho certeza que sim — concordou o sr. Barnes, embora não parecesse muito seguro.

— Tente convencê-lo a vir jantar esta noite. — Astara sorriu para encorajá-lo.

— Farei o possível, srta. Beverley.

— Será muita bondade sua. E, por favor, não fale de mim para o sr. Vulcan, nem comente com tio Roderick que conversamos sobre seu sobrinho. Não quero que ele perceba que estou interferindo.

— Não, claro que não. Entendo sua posição — replicou o sr. Barnes.

Astara sorriu e entrou em casa.

Quando terminaram de tomar o café da manhã e sir Roderick informou que estaria pronto para cavalgar dali a quinze minutos, Astara foi para o estábulo.

Sam, o cavaleiro-chefe, admirava muito seu jeito de cavalgar, e estava sempre disposto a fazer tudo o que ela pedisse.

Astara entregou-lhe um envelope lacrado.

— Ficaria muito agradecida, Sam, se você mandasse o mesmo laçao que foi à casa do sr. Vulcan Worfield na semana passada levar este envelope. Diga a ele para colocá-lo por baixo da porta, como da outra vez.

Sam pegou o envelope e observou-o surpreso, mas, como um criado bem-treinado, não comentou nada.

— Por favor, não diga nada a tio Roderick, senão vai estragar uma surpresa — disse Astara.

— Pode deixar, senhorita.

— Obrigada, Sam, e mande o laçao ir logo.

— Pode deixar, senhorita, vou mandá-lo assim que saírem para cavalgar.

Astara voltou à mansão, ansiosa para que seus planos dessem certo.

Tinha passado a noite acordada, pensando no que faria com Vulcan. Sabia que agora ele teria que saber quem era ela e, mais importante, o que sir

Roderick queria.

Descobriria que o amava desesperadamente, e que as emoções que seus beijos lhe haviam despertado deviam ser algo que poucas pessoas tinham o privilégio de sentir.

Aqueles momentos tinham sido tão perfeitos que era impossível descrevê-los. Entretanto, mesmo que Vulcan tivesse sentido o mesmo, não se poderia dizer que a pediria em casamento!

Vulcan deixara muito claro o que pensava sobre o casamento. Tinha sido muito sincero em dizer que não desejava se sentir sufocado, nem sofrer quaisquer restrições.

Existiria ou não um lugar para ela em sua vida?

Astara tinha medo da resposta, e a única coisa que conseguia era esconder o rosto no travesseiro e repetir:

— Eu amo você! Eu amo você!

Logo que amanheceu, Astara levantou-se da cama, abriu as cortinas e ficou admirando a beleza dos raios de sol dissipando a névoa sobre o lago.

Existiria algum homem comum que trocaria aquele lugar maravilhoso por um horizonte desconhecido? Vulcan não era um homem comum, e talvez tio Roderick estivesse certo ao pensar que ele possuía uma personalidade selvagem, que nunca seria apaziguada.

Astara sentia que nada no mundo o desviaria do caminho que tinha escolhido, que jamais permitiria que alguma coisa viesse a interferir em seus desígnios. Para um homem de personalidade tão vibrante, será que o amor poderia ter grande importância?

Inquieta, Astara percorreu o quarto. Pela primeira vez, o luxo e a beleza da Mansão Worfield não lhe diziam mais nada. Tudo o que queria era estar com Vulcan, fosse numa tenda no deserto, numa gruta nas montanhas ou sobre o dorso de um camelo.

— Eu o amo! Eu o amo! — falou, desesperada.

Sua voz, entretanto, foi abafada pelo cortinado de seda de sua cama e pelo tapete grosso.

Não querendo enfrentar a realidade, voltou para a cama e, fechando os olhos, relembrou as sensações que tivera ao ser beijada por Vulcan.

Ficara extasiada com os lábios dele colados aos seus, com a proximidade do seu corpo, com a rouquidão de sua voz. Tinha visto os olhos de Vulcan ardendo em chamas, e acreditava que ele fora sincero ao dizer que

a queria.

Mas quanto? E por quanto tempo?

Durante o café da manhã, Astara não conseguiu conversar tranqüilamente com William e com Lionel. Não conseguia deixar de pensar nos planos que fizera para que Vulcan jantasse na Mansão Worfield aquela noite.

Esperava que ele ficasse desapontado quando lesse o bilhete que o lacaio entregaria no Velho Moinho.

“Não posso ir hoje, mas estarei com você amanhã cedo.

Afrodite.”

Se Vulcan ficasse desapontado, talvez concordasse mais facilmente com a sugestão do sr. Barnes e resolvesse deixar seu tio feliz, indo jantar aquela noite na Mansão Worfield.

Astara procurara disfarçar a letra, para que ele não a reconhecesse se acontecesse de compará-la com a da outra carta.

Tinha, porém, a impressão de que, mesmo assim, Vulcan imaginaria quem ela era, e não saberia o que fazer se ele se recusasse a visitar o tio por causa disso.

De repente, sentiu um medo terrível de que Vulcan preferisse partir imediatamente para Paris a ser apresentado formalmente a ela, como tutelada de seu tio Roderick.

Astara sentiu vontade de gritar ante esse pensamento. Em seguida lembrou que, antes de deixar a Inglaterra, Vulcan teria que esperar que o quadro de Perséfone fosse gravado, para poder levá-lo junto com os outros. Entretanto, embora não pudesse ir direto para Paris, nada o impedia de sair de Little Milden.

— O que está acontecendo, Astara? Você parece preocupada! — disse Lionel.

Astara pensou que era significativo que, dos dois primos, Lionel fosse o único a perceber seus sentimentos, enquanto William, tinha certeza absoluta, só prestava atenção nos próprios.

— Está com algum problema, minha filha? — perguntou sir Roderick, antes que ela pudesse dizer alguma coisa. — Não está doente?

— Não, claro que não! — respondeu Astara. — Estou ansiosa para sairmos logo para cavalgar. É uma sorte que o clima esteja tão agradável nesta época. Li nos jornais que este é o abril mais quente dos últimos vinte

anos!

Seu comentário distraiu sir Roderick, que começou a falar dos meses de abril de outros anos, quando fazia muito frio.

Mais tarde, já montada em seu cavalo, Astara pôde dar vazão aos próprios pensamentos, sem chamar atenção.

Achou que nunca tinha sentido um dia passar tão devagar, e na hora do chá teve que fazer um grande esforço para controlar a vontade irresistível de ir até Little Milden para ver se Vulcan tinha voltado de Londres.

Eram seis horas quando um laçao a procurou na sala e lhe avisou que o sr. Barnes desejava falar-lhe.

Astara levantou-se de um salto e saiu para o vestibulo, encontrando o secretário de sir Roderick à sua espera.

— Pensei que gostaria de saber que o sr. Vulcan aceitou o convite para jantar com sir Roderick esta noite, srta. Beverley. Ele estará aqui por volta das sete e meia da noite.

— Muito obrigada, sr. Barnes. Foi muita gentileza sua ter ido conversar com ele, e também me avisar.

— Ele me pareceu surpreso ao saber que sir Roderick estava morando aqui. Embora Little Milden seja tão perto, às vezes parece ficar em outra região, só porque um denso bosque nos separa.

— Acho que deve ser esta a explicação para o sr. Vulcan não ter vindo visitar tio Roderick até hoje — disse Astara. — Sei que ele ficará muito feliz em ver o sobrinho.

— Tenho certeza que sim, srta. Beverley.

Astara agradeceu novamente e subiu correndo as escadas, indo para seu quarto.

Seu coração batia descompassadamente, e ela sentia uma indescritível emoção, não só porque veria Vulcan novamente, mas porque lhe revelaria sua identidade.

Mesmo assim, enquanto tomava banho e depois escolhia o vestido mais bonito que possuía, reconheceu que estava nervosa e com um pouco de medo.

E se Vulcan ficasse bravo quando descobrisse que tinha sido enganado? E se a decepção matasse o sentimento que existia entre eles, se liquidasse a poderosa magia dos dois primeiros encontros, mais forte do que qualquer coisa que Astara imaginava existir?

“Eu o amo!”, pensava, olhando para o retrato de sua mãe sobre a penteadeira.

Agora entendia perfeitamente por que sua mãe recusara o brilhante e rico sir Roderick Worfield pelo pobre e desconhecido Charles Beverley.

Era estranho pensar que, se ela tivesse aceitado o amor de sir Roderick, aquela casa e a propriedade seriam suas por herança. Não seria necessário considerar seus três sobrinhos como considerava agora.

“Eu poderia escolher meu marido com mais liberdade”, pensou Astara. “Mas tenho certeza de que tio Roderick vai cumprir sua promessa e não me forçará a casar com um homem que não amo.”

Entretanto, ficaria inevitavelmente desapontado se esse homem não fosse William. Deixara clara sua preferência pelo visconde desde o primeiro momento, e nunca perdia uma oportunidade de comentar suas qualidades, ou observar como ficaria perfeito como proprietário da Mansão Worfield.

Porém, por mais que gostasse deles, Astara sabia que nem William nem Lionel jamais seriam capazes de evocar nela o prazer que sentira nos braços de Vulcan.

Mesmo antes de se beijarem, Astara sentira uma forte atração pela personalidade e pela energia que emanava de Vulcan. Nunca antes se sentira tão atraída por um homem, em toda a sua vida.

— Já estive apaixonada alguma vez, Emma? — perguntou à criada que a ajudava a abotoar o vestido.

Emma era uma jovem corada que morava em Worfield desde que nascera. Aprendera as tarefas de criada de quarto com a governanta, que trabalhava na mansão há quase trinta anos.

— Sim, senhorita. — Emma enrubesceu.

— Está amando no momento? — indagou Astara.

— Sim, senhorita.

— E você está feliz?

— Oh, sim, senhorita! É maravilhoso! — respondeu a jovem. Astara sorriu. Emma achava que o amor era só maravilhoso, mas ela sabia que também poderia ser muito doloroso.

Entrou no salão e encontrou sir Roderick e William. Os dois conversavam num canto da sala, e Astara achou que deviam estar falando sobre ela.

Quando se aproximou, seus rostos assumiram aquela expressão típica

das pessoas que, desconcertadas por terem sido interrompidas pelo objeto de sua conversa procuram se mostrar muito à vontade.

Astara cumprimentou-os com naturalidade, fingindo não ter percebido o desconforto dos cavalheiros. E pela expressão dos olhos de William, notou que ele a admirava particularmente aquela noite.

Seu vestido de tecido branco, com leves brilhos prateados, deixava-a com uma aparência ainda mais etérea do que a habitual. Além disso, tinha se preocupado bastante com o penteado que usaria, e seus cabelos estavam quase tão brilhantes quanto as presilhas de diamantes com que Emma arranjara seus cachos. Nos braços e no pescoço cintilavam um colar e uma pulseira também de diamantes.

Escolhera aquelas jóias com a intenção de mostrar a Vulcan que realmente não era uma camponesa, como ele chegara a imaginar, e sim uma deusa, em sua própria esfera.

A porta principal se abriu e Astara virou-se rapidamente, mas foi Lionel quem entrou na sala.

— Você está linda, Astara! — comentou, ao se aproximar do grupo perto da lareira. — Teremos convidados esta noite?

Astara estava pensando no que responderia quando a porta foi aberta novamente e o mordomo anunciou:

— O sr. Vulcan Worfield!

Sir Roderick voltou-se, parecendo muito surpreso.

Quando Vulcan entrou na sala, Astara teve dificuldade de encará-lo. Sentiu o corpo tenso e os olhos tão embaraçados, que foi como se ele se aproximasse através de uma névoa.

Tentando controlar a emoção, reparou que Vulcan também estava diferente, e percebeu que era a primeira vez que o via sem o avental de pintor. Vestira-se convencionalmente e com um terno de corte tão elegante quanto os de seus primos.

“A diferença é que Vulcan não dá a impressão de ligar a menor importância para a roupa”, pensou.

— Vulcan, meu rapaz! — exclamou sir Roderick. — Que surpresa agradável!

— Preciso pedir desculpas por não ter vindo visitá-lo antes, tio Roderick, mas, para ser sincero, ando tão ocupado que só abri sua carta hoje.

— Antes tarde do que nunca! — respondeu sir Roderick. — Estou

muito feliz em vê-lo!

— Eu também! — replicou o sobrinho. — Acho que já se passaram quatro anos desde a última vez que nos vimos.

— Quase cinco — corrigiu sir Roderick. — Cheguei a pensar que nunca mais o veria!

— Bem, agora estou aqui, e é muito bom saber que o senhor está na Inglaterra e que a Mansão Worfield está aberta novamente.

— Como sempre estará para você, Vulcan. E agora, deixe-me apresentar-lhe minha tutelada, Astara.

Astara não tirara os olhos de Vulcan durante todo o tempo em que ele conversava com sir Roderick, e agora, quando parecia que ele a notava pela primeira vez, sentiu um intenso rubor cobrir-lhe o rosto.

Ele parecia absolutamente tranqüilo, e Astara teve certeza de que percebera quem ela era ao ler a carta que sir Roderick lhe enviara.

Vulcan fez uma reverência à qual ela retribuiu.

— Seus dois primos também estão aqui, como pode ver — disse sir Roderick. — Como você não respondeu à minha carta, tanto William quanto Lionel estavam certos de que devia estar em alguma parte distante do globo.

— Não, eu estava aí mesmo, em Little Milden — replicou Vulcan. — Como vai, William?

Cumprimentou William com a cabeça e depois estendeu a mão para Lionel.

— Não nos vemos há muito tempo, mas fiquei sabendo que você foi condecorado em Waterloo. Meus parabéns!

— Tive sorte — respondeu Lionel.

— Senti inveja de você — confessou Vulcan. — Deve ter sido uma grande experiência.

— Foi mesmo! — concordou Lionel, com os olhos brilhantes de satisfação por Vulcan entender o que aquela condecoração significava para ele.

— Pensei que você estivesse percorrendo alguma região do Equador!

— William falou, de modo arrogante. — A última vez em que tive notícias suas, você estava a bordo de um cargueiro, rumando para a costa leste da África.

— Isso já faz alguns anos — respondeu Vulcan. — Foi uma viagem interessante.

– Quero saber tudo a respeito de suas viagens, meu caro, mas, antes de começarmos, vamos tomar uma taça de champanhe – sugeriu sir Roderick.

Os criados já estavam na sala, servindo a bebida, e só Astara recusou.

Com a taça na mão, Vulcan olhou para o quadro sobre a lareira. Astara observava, tentando imaginar qual seria sua reação.

Ele contemplou o quadro por alguns segundos e, ao ver o brilho zombeteiro em seus olhos, Astara notou que ele percebera a intenção implícita na carta que recebera do tio.

– *O julgamento de Paris* – disse Vulcan. – Sempre gostei dos trabalhos de Van Aachen.

– É o favorito de Astara – disse sir Roderick. – Não há dúvida de que ele possuía uma técnica aprimorada, mas não faz meu gênero.

– Acho que ele retrata melhor do que quase todos o que existe por baixo das aparências – retrucou Vulcan.

Astara sentiu o coração dar um salto. Ele sentia como ela! Compreendia por que ela gostava mais daquele quadro do que de outros mais famosos existentes na casa.

Como se soubesse o que Astara estava pensando, Vulcan voltou-se e fitou-a. Por uma fração de segundo, tudo desapareceu e ficaram a sós no mundo. Em seguida, como Astara não o conseguisse, ele desviou o olhar e disse:

– Vejo que o senhor adquiriu novos quadros, tio Roderick. Quero que me conte tudo sobre eles.

– Teremos muito tempo para isso, mas agora o jantar está servido – replicou sir Roderick.

“Que situação estranha”, pensou Astara, enquanto se acomodavam na imensa sala de jantar. Quase não conseguiu comer, atenta às intensas correntes de sentimentos que percorriam a mesa.

Como sir Roderick estava feliz com a presença de Vulcan, e mostrava muito interesse pelo terceiro sobrinho, William parecia profundamente aborrecido, enquanto Lionel observava Astara quase que com apreensão.

Astara percebeu que, como Lionel a amava, sentia que ela demonstrava por Vulcan um interesse muito diferente do que se poderia esperar que demonstrasse por um homem a quem acabara de conhecer. Ela tentava inutilmente esconder seus sentimentos, pois era impossível impedir

que seus olhos se voltassem para ele a cada instante, interessada em tudo o que dizia. Sentia que seus corpos vibravam magneticamente, emitindo ondas um para o outro.

Astara estava sentada à direita de sir Roderick, e Vulcan à esquerda. William estava do outro lado, e Lionel, à esquerda de Vulcan.

Disposto a conseguir a atenção de Astara a qualquer custo, William disse de repente, como se estivesse dando uma ordem:

- Depois do jantar quero conversar com você.
- Sobre o quê?
- Direi quando estivermos a sós.

Astara não respondeu e, achando que ele estava sendo grosseiro, virou-se para acompanhar a conversa de sir Roderick com Vulcan.

Para seu completo espanto, ouviu seu tio dizer:

- Você precisa me contar sobre Harrar com detalhes, meu rapaz. Pelo que sei, nenhum homem branco jamais saiu de lá com vida.
- Quer dizer que você esteve em... Harrar? – perguntou Astara, surpresa. – Não é possível!

Muitos anos antes seu pai tinha lhe falado de Harrar. Era o centro do tráfico de escravos do leste da África, além de uma cidade sede da religião muçulmana.

Estranhas e misteriosas lendas circulavam sobre a cidade impenetrável, e, embora fosse um lugar que seu pai desejasse conhecer, sua mãe o dissuadira de fazê-lo, pois só o fato de tentar entrar em Harrar já era extremamente perigoso.

- Quem lhe contou que estive em Harrar, tio Roderick?
- Tenho meus próprios meios de obter informações. – Sir Roderick sorriu.
- Conhecendo o senhor como conheço, não deveria estar surpreendido, mas confesso que estou! – comentou Vulcan.

– Na minha opinião, foi muita imprudência sua realizar essa viagem, mas não deve ter sido mais perigosa do que sua ida a Meca – disse sir Roderick.

Vulcan jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

- Tio Roderick, o senhor é incorrigível! É o homem mais bem-informado do mundo!
- Você está esquecendo que é meu sobrinho e que sempre me

interesse por meus parentes, embora não conviva com eles o tempo que gostaria.

Se Vulcan estava surpreso, Astara o estava ainda mais.

Sir Roderick tinha dito que Vulcan era um andarilho sem objetivos. Como conciliava essa idéia com a inacreditável coragem de um homem que conseguira realizar o impossível, que tinha feito a peregrinação a Meca e penetrado nos segredos de Harrar?

— Eu particularmente acho toda essa história sobre cidades secretas e rituais misteriosos uma chatice e, na maioria dos casos, exagerada — observou William. — Que bem estas viagens fazem para as pessoas, ou para você mesmo?

Astara pensou que Vulcan iria contar como a associação na Inglaterra e a *société* em Paris estavam interessadas nas suas descobertas. No entanto, ele retrucou:

— Estou curioso para saber de suas aventuras no turfe, William. Topsail tornou-se um campeão popular em Little Milden!

— Eu bem que achava que Topsail seria um bom assunto para os jornais locais — replicou William, cheio de si. — Você apostou nele?

— Para ser sincero, esqueci — respondeu Vulcan.

Vendo o sorriso arrogante de William, Astara percebeu que achava que a verdadeira razão por que Vulcan não tinha apostado era falta de dinheiro. Depois reparou em sir Roderick, para ver se estava percebendo a hostilidade entre os dois primos, e concluiu que sim.

Perguntou-se se seria a causa da declarada antipatia de William por Vulcan. Achou que em parte devia ser porque Vulcan era uma pessoa que causava certo impacto, e muito diferente dos dois primos.

Vestido convencionalmente, tão elegante quanto Lionel e William, aparentemente havia pouca diferença entre eles. Entretanto, Vulcan possuía uma personalidade tão forte que brilhava como um farol numa noite escura. Ele fazia os dois primos parecerem insignificantes, e o próprio sir Roderick parecia muito impressionado por sua presença magnética.

Como fazia todas as noites depois do jantar, Astara se retirou para a sala, deixando os homens a sós.

Geralmente eles a procuravam depois de dez minutos, e Astara compreendeu que aquela noite cada segundo ia parecer uma eternidade, pois no fundo esperava por Vulcan. A única coisa em que conseguia pensar era no

que ele estaria sentindo e o que pensaria a seu respeito, depois que viera à Mansão Worfield. No dia anterior, ele tinha dito que nunca mais a deixaria sair de sua vida, e fora sincero ao confessar:

— Contarei cada segundo até amanhã à noite, minha deusa. Astara passara o dia inteiro a contar os minutos que a separavam dele, e agora não sabia o que Vulcan estava sentindo, nem ao menos se ainda desejava abraçá-la e beijá-la, como fizera na véspera, depois de convidá-la para ir a Paris.

Vulcan ainda a queria? Será que agora se casaria com ele? Seu amor seria mais forte do que seu desejo de aventuras? As perguntas jorravam em sua cabeça, repetindo-se num louco redemoinho que a deixava tonta.

Astara ouviu os homens entrarem na sala, e teve a impressão de que seu coração saltaria do peito.

Vulcan entrou na sala ao lado de sir Roderick, conversando tão à vontade que Astara teve que dominar-se para não se jogar em seus braços e pedir que a abraçasse com carinho.

“Não deixe de me amar. Não deixe!”, implorou intimamente.

Quando se aproximou, entretanto, ele não a olhou, mas sim para os quadros nas paredes.

— Vejo que tem um Van Dyke novo — observou, indicando uma tela pendurada no centro da parede, entre a porta e a lareira.

— Gosta dele? — perguntou sir Roderick.

— Para mim, é o único artista que poderia ter feito justiça ao senhor, tio Roderick.

Sir Roderick sorriu, encantado com o elogio.

— Também acho. E quem você acha que seria o artista mais indicado para pintar Astara? Pois italianos que tentaram retratá-la falharam completamente.

Pela primeira vez desde que voltara para a sala, Vulcan olhou para Astara, e sua expressão parecia cheia de desdém.

Astara fitou-o, ansiosa, desejando que ele sentisse o quanto o amava e como queria que compreendesse por que o enganara.

— Só duas pessoas poderiam fazer justiça a Astara — respondeu Vulcan, afinal. — Botticelli e... eu próprio!

Astara quase engasgou ao ouvi-lo dizer as últimas palavras, ao passo que sir Roderick exclamou:

— Que idéia maravilhosa! Quando pode pintá-la?

— Duvido que o senhor gostasse do resultado, mas, como tudo, é apenas uma questão de tempo.

— Devemos supor que vai viajar novamente? — perguntou William.

William entrara na sala atrás de sir Roderick, e Astara nem percebera que ele estava lá.

— Dentro em breve — respondeu Vulcan.

— Então Astara pode se considerar uma garota de sorte por não precisar posar para você, principalmente porque você não é famoso o suficiente para ter o privilégio de retratar uma modelo de beleza tão esplendorosa.

William não deixou a menor dúvida de que queria ser grosseiro. Sir Roderick, no entanto, não estava disposto a deixar que a tensão entre os dois primos aumentasse, e disse para Vulcan:

— Vamos ver os quadros que adquiri nos últimos dois anos. Venha junto, Astara. Afinal de contas, nós os escolhemos juntos.

Astara foi rapidamente para junto de Sir Roderick. E ao notar a expressão de William, teve vontade de rir.

Pela primeira vez desde que chegara à Mansão Worfield, William estava totalmente deslocado e, como um garotinho mimado, muito ressentido com isso.

Sir Roderick mostrou a Vulcan todas as suas novas aquisições, com indisfarçado orgulho.

Percorreram a sala, observando todos os quadros pendurados nas paredes. Astara não ficou surpreendida em ver como Vulcan entendia do assunto, conseguindo descrever a essência de cada obra e de cada artista muitas vezes com uma só palavra, ou uma frase curta.

— Um gênio inconstante! — fora seu comentário a respeito de Piera de Cosimo. Astara achou que ninguém seria capaz de descrevê-lo melhor.

— E o que acha desta obra de Jan Van Eyele? — perguntou ela, com a voz ligeiramente entrecortada.

— Seu trabalho sempre revela uma fascinante presença de espírito e segurança — replicou Vulcan.

— E Rubens? — perguntou seu tio.

Astara aguardou seu comentário em suspense. Sabia como sir Roderick se orgulhava dos Rubens que comprara em Paris. Se Vulcan o desconsiderasse, mesmo que levemente, ele ficaria muito magoado.

— Rubens “pensava” com o pincel — respondeu Vulcan. — Ele valorizava e glorificava a vida.

Sir Roderick ficou deliciado.

— Transferi os quadros de gênero, que pertenceram ao meu pai, para a biblioteca e para o vestíbulo — disse quando chegaram à porta da sala. — Gostaria que me desse sua opinião sobre um Wootton que adquiriu pouco antes de falecer. Não sei se é legítimo. Para mim, ou foi feito por um de seus discípulos ou é falso mesmo.

Dirigiram-se para a biblioteca, e, aliviada, Astara percebeu que William e Lionel não os seguiam.

Havia poucas velas acesas na biblioteca, e sir Roderick mandou um criado acender as outras.

No imenso aposento, cujas paredes estavam recobertas de livros, Astara aproximou-se de Vulcan enquanto ele examinava o quadro.

Tinha esperanças de que num momento em que sir Roderick estivesse distraído, ele tocasse em sua mão ou dissesse algo para tranqüilizá-la.

“Ele deve saber como estou me sentindo”, pensou. “Deve saber como estou ansiosa por uma demonstração de que não ficou zangado comigo!”

Porém, se Vulcan sabia como estava se sentindo, não deu o menor sinal disso. E quando, afinal, ele se despediu, Astara pensou, desesperada, que seria impossível esperar até a manhã seguinte para vê-lo a sós.

Sir Roderick acompanhou-o até a porta e, embora Astara estivesse ao seu lado, Vulcan continuou a conversar apenas com o tio.

— Gostaria que você ficasse hospedado aqui, mas deve estar muito bem instalado no Velho Moinho — falou sir Roderick. — Fiquei sabendo que você o reformou, e que ficou um verdadeiro paraíso!

— O senhor precisa ir visitá-lo, tio Roderick, embora o Velho Moinho nem se compare à magnitude da Mansão Worfield!

— Quero fazer muitas melhorias, agora que estou morando aqui novamente — comentou sir Roderick. — Espero que você me ajude, Vulcan, pelo menos no que concerne aos quadros.

— Gostaria muito, mas logo estarei de partida para outra de minhas viagens, e tenho muita coisa para acertar antes de ir.

— Tente reservar para mim um pouco do seu valioso tempo — respondeu sir Roderick, com uma inflexão mais forte na palavra “valioso”.

— Tenho certeza de que meus primos poderão ajudá-lo mais do que

eu – respondeu Vulcan, dando um significado definitivo a suas palavras.

Os dois homens se encararam.

– Tem certeza? – perguntou sir Roderick.

– Absoluta! – Vulcan estendeu a mão. – Boa noite, tio Roderick, e muito obrigado por esta noite agradável.

Astara prendeu a respiração. Será que Vulcan tinha falado sério? Só teria certeza quando tocasse nele, mas antes que tivesse tempo de estender a mão, Vulcan fez uma reverência.

– Boa noite, srta. Beverley. Tive muito prazer em conhecê-la!

Vulcan partiu e Astara só não saiu correndo atrás dele porque conseguiu concentrar toda a força que possuía em manter o autocontrole.

“Como pode me deixar assim? Como pode ser tão cruel?”, Astara sentia ímpetos de gritar.

Como se estivesse num sonho, ouviu a voz de sir Roderick perguntando se desejava se retirar.

Devia ter dado a resposta certa, pois o próximo momento de que teve consciência foi quando já estava sozinha em seu quarto, com as lágrimas rolando abundantemente pelo rosto.

Tinha perdido tudo o que lhe importava no mundo!

CAPÍTULO VI

Astara atravessou o bosque quase correndo. Eram apenas sete horas da manhã, mas tinha certeza que Vulcan devia se levantar cedo, como seu pai.

Temia que já tivesse partido para Londres e nem queria pensar na eventualidade de não conseguir vê-lo.

Não conseguira dormir e passara a noite inteira pensando no que faria. Todas as soluções, porém, se mostravam impossíveis ou impraticáveis, e a única coisa que lhe restava era chorar descontroladamente.

Amava Vulcan com desespero, e quase morria de angústia em pensar que ele estava disposto a nunca mais vê-la.

Naquela manhã, não reparou na beleza do bosque, nem nos primeiros raios de sol buscando seu caminho por entre as árvores. Uma única idéia dominava seus pensamentos: chegar a Little Milden o mais depressa possível, a tempo de encontrar Vulcan.

— Talvez eu não tenha entendido bem o que ele quis dizer a tio Roderick — tentava se convencer.

Entretanto, se fosse sincera, teria que admitir que tinha sido muito significativo e convincente o simples modo como Vulcan a ignorara a noite inteira, e como evitara tocar nela ao se despedirem.

Chegou ao Velho Moinho e, pela primeira vez, encontrou a porta fechada.

A princípio, desesperada, pensou que era tarde demais: Vulcan tinha ido embora, e nunca mais o veria! Em seguida conseguiu se controlar e, como ainda era muito cedo, imaginou que ele poderia ainda não ter se levantado ou que talvez estivesse tomando o café da manhã.

Astara não bateu na porta. Apenas virou a maçaneta e entrou.

Tudo estava em silêncio, e ela teve que fazer força para não gritar seu nome e saber logo se ele ainda estava no moinho.

De repente ouviu um barulho no estúdio e, quando chegou à porta, viu Vulcan arrumando suas telas num caixote.

Teve certeza de que ele sentira sua presença, mas Vulcan continuou guardando as telas, uma por uma, sem se virar, como se ela não estivesse ali.

Finalmente, não conseguindo mais se conter, Astara falou:

— Eu... eu quero... conversar... com você, Vulcan. — Ficou surpresa com o som da própria voz. Como estava estranha!

— Não temos nada para conversar — replicou Vulcan sem olhar para ela, aparentemente muito concentrado no que estava fazendo.

— Você... vai me ouvir?

— Posso ouvir, mas será perda de tempo.

— Por quê? Por que está agindo assim, Vulcan?

— Você sabe a resposta. Você vive num mundo e eu em outro, e não existe nada que possamos fazer para mudar isso.

— Não é verdade...

Astara se aproximou lentamente e parou ao lado do caixote. Vulcan pareceu não se abalar e pegou outra tela.

— Você está... zangado comigo? — ela perguntou.

— Não, por que deveria estar? Se você, porém, quis brincar com fogo, devia saber que podia se queimar.

— Você pensou que eu fosse uma camponesa e queria que eu posasse para seu quadro.

— Se bem me lembro, pensei que você fosse Afrodite e que descera do Olimpo para me ajudar a resolver o verdadeiro dilema que eu estava vivendo.

— Eu queria ajudá-lo... Fiquei feliz por consegui-lo, mas agora você acha que... não sirvo para... mais nada.

Sua voz estava tão cheia de tristeza que, sem querer, pela primeira vez naquele dia, Vulcan encarou-a.

Astara estava parada do outro lado do caixote e, como as cortinas estavam abertas, a luminosidade brilhante do dia se refletia em seus cabelos, dando impressão de que ela estava envolta por uma auréola de ouro.

Seus olhos, porém, que pareciam dominar todo o seu rosto, estavam escuros e tristes, e seus lábios tremeram, ao implorar:

— Por favor, Vulcan... não me abandone!

Por um momento ele não conseguiu responder. De repente, com voz rouca e muito alta, que ecoou pela sala inteira, disse:

— Pelo amor de Deus, não torne a situação ainda pior! Você sabe tão bem quanto eu que não podemos ficar juntos.

— Mas por quê? Eu amo você! Não tenho vergonha de dizer... eu amo

você!

— Você vai me esquecer.

— Será... impossível!

— Você é muito jovem. Por mais infeliz que esteja se sentindo agora, tudo isso vai passar. Quando for mais velha, compreenderá que estou fazendo o que é certo.

— Será certo recusar o amor? — Virar as costas para uma coisa tão perfeita... tão maravilhosa? Sei que pertencemos um ao outro... ou pelo menos... eu sei que sou sua.

A voz de Astara vibrava de emoção e, por um instante, ela pensou que tinha conseguido derrubar as defesas de Vulcan e que ele a tomaria nos braços.

Foi só por um instante. Vulcan voltou-lhe as costas e caminhou para a outra janela, ficando imóvel a olhar os campos verdes que circundavam Little Milden.

— Vá embora, Astara, e pense nos planos que meu tio tem para você: o dinheiro, a posição social e o papel que ocupará na Mansão Worfield.

— Tudo isso poderia... ser seu. — Astara apenas sussurrou as palavras, mas Vulcan ouviu.

— Não sou o homem certo para ocupar uma posição como essa. Será muito melhor você se casar com um dos meus primos, e, se eu fosse você, escolheria Lionel. Ele é, de longe, muito melhor do que William.

Vulcan falou com frieza, mas Astara sentiu que, apesar da indiferença que tentava demonstrar, estava sofrendo tanto quanto ela.

— Você realmente acredita que, amando-o como o amo, eu seria capaz de casar-me... com outro homem? — perguntou Astara.

— Claro que vai se casar! — De novo Vulcan tentou falar com indiferença. — O que você está sentindo é uma paixão repentina, que toda garota sente pelo primeiro homem por quem é atraída. Posso lhe garantir, por experiência própria, que é uma paixão muito fácil de se esquecer.

— Você acredita mesmo que é assim que me sinto, Vulcan? Acha que se eu fosse tão vazia e inseqüente, poderia ter representado Perséfone como você queria? Não sabe que foi o amor que despertou em mim que o fez vê-la envolta pela luz... divina?

Conscientemente, Astara não havia pensado antes naquelas palavras. Mesmo assim, por alguma estranha magia, mais forte do que ela própria,

sentia aquela certeza cravada em seu coração.

Vulcan não respondeu. Continuou imóvel, de costas para ela, e de repente, com os olhos turvos de lágrimas, Astara teve a sensação de que ele já a abandonara, que estava totalmente sozinha.

Com um grito de profunda dor, correu para Vulcan, colocando-se entre ele e a janela. Com as lágrimas correndo pelo rosto, fitou-o desesperada e disse:

— Eu amo você! Oh, Vulcan, eu amo você! Farei... tudo o que você quiser! Não precisa casar-se comigo... Irei com você para Paris... ou para qualquer outro lugar do mundo. Leve-me. Por favor, leve-me com você!

A voz de Astara falhou e, não conseguindo mais resistir, Vulcan a abraçou e colou os lábios nos dela.

Beijou-a impetuosamente, quase com brutalidade. Primeiro os lábios, depois os olhos, as lágrimas em seu rosto, e depois novamente os lábios.

Era como se uma tempestade avassaladora caísse sobre seu corpo, mas Astara não tinha medo. Só sabia que os lábios de Vulcan lhe despertavam o mesmo êxtase de antes. Sentia seu corpo invadido pela mesma luz divina que ele pintara no quadro. Era uma luz forte, quente e acolhedora, como se viesse do coração do sol.

Vulcan beijou-a até Astara não conseguir mais pensar em nada, a não ser nele e na intensidade das emoções que a dominavam. Depois pegou-a no colo, ainda mantendo seus lábios prisioneiros. Com os olhos fechados, Astara sentiu que estavam atravessando a sala.

“Eu o amo. Oh, Vulcan, como eu o amo!”, tinha vontade de gritar, mas o momento era maravilhoso e perfeito demais para usar de palavras.

De repente, mas tão de repente que Astara não conseguiu entender o que estava acontecendo, Vulcan colocou-a de pé no chão.

— Vá para casa e trate de me esquecer — disse duramente. — Só Deus sabe como, mas também tentarei esquecê-la. Astara não sabia o que estava acontecendo, nem onde estava! A rapidez do movimento de Vulcan ao colocá-la no chão fez com que perdesse o equilíbrio e, ao esticar o braço para se apoiar, percebeu que estava se apoiando em um batente de porta. A porta de saída do moinho!

Vulcan fechou a porta, trancou-a e afastou-se com passos pesados e lentos.

Astara ficou do lado de fora, sozinha, e, apesar do esplendor do sol,

sentiu-se invadida por um frio imenso.

Sem saber como, Astara chegou à Mansão Worfield. Sentia o corpo todo amortecido e a mente enevoada, quase incapaz de pensar. Não soube como subiu para seu quarto, mas tinha que tê-lo feito, pois pouco tempo depois, surpreendeu-se descendo as escadas e dirigindo-se à sala de refeições.

Era como se o seu corpo agisse por conta própria, independente de sua vontade. Não conseguia pensar em nada, e já secara todas as lágrimas que tinha para chorar.

— Bom dia, Astara! — cumprimentou-a sir Roderick.

Ela deu-lhe um beijo no rosto, como sempre fazia, e tomou seu lugar à mesa.

William e Lionel, que tinham se levantado à sua entrada, sentaram-se novamente e continuaram a tomar o café da manhã. Astara recusou os vários pratos que os criados lhe ofereceram e tomou apenas um copo de leite.

— Não vamos poder sair para montar antes das dez e meia — comentou sir Roderick. — Sei que é um aborrecimento, mas tenho que me encontrar com os responsáveis pelas reformas.

— Eles costumam gostar de conversas compridas — observou Lionel.

— Não comigo — replicou sir Roderick.

— Enquanto estivermos esperando tio Roderick, poderíamos dar uma volta com meus cavalos novos — disse William, dirigindo-se a Astara. Como ela não respondesse, ele continuou: — Eu os conduzirei até esquentá-los e, se você quiser, poderá dirigi-los de volta para casa. Sei que vai gostar de descobrir como é fácil manejá-los.

Astara lembrou vagamente que sempre tivera vontade de conduzir um grupo de quatro cavalos, mas isso agora não tinha a mínima importância.

— Vamos? — insistiu William.

Sabendo que ele ficaria muito espantado se recusasse um convite daqueles, Astara teve que concordar:

— Sim... sim, claro! — respondeu.

— Vou mandar preparar o faetonte para as nove e meia — disse William. Em seguida, virou-se para Lionel: — Sinto muito, mas só cabem duas pessoas no meu faetonte.

— Sei muito bem disso — respondeu Lionel.

William sorriu com ar vitorioso, ao mesmo tempo em que sir Roderick se levantava da cabeceira da mesa.

— Imagino que os rapazes já estejam à minha espera, mas garanto a vocês que estarei de volta pontualmente às dez e meia — disse antes de sair.

— Estaremos prontos, tio Roderick — replicou Lionel. Logo depois que sir Roderick se retirou, Astara também se levantou. Lionel abriu a porta da sala para ela e acompanhou-a até o pé da escada.

— Não deixe William monopolizar você por muito tempo, Astara. Ele apelou ao convidá-la para dirigir um faetonte com quatro cavalos. Eu bem que poderia convidá-la para dividir comigo a sela do meu cavalo de batalha, se o tivesse trazido!

Astara tentou sorrir com a brincadeira, mas foi um esforço inútil. Por um momento, considerou a possibilidade de recusar o convite de William e ceder ao desejo de se trancar no quarto. Mas logo se convenceu de que lágrimas não a ajudariam. Aliás; nada poderia ajudá-la.

Vulcan tinha falado sério ao recusar seu amor, e, apesar de não saber como, sua vida teria que continuar, embora ela estivesse ferida e magoada de um jeito que só ele seria capaz de entender.

“Ele deve saber como, ao me mandar embora, ao recusar o amor sincero que lhe ofereci, desferiu um golpe mortal na minha alma”, pensava.

Ninguém mais no mundo poderia compreender o quanto o amor que os unira não era apenas físico, mas espiritual e elevado. Sem Vulcan, todas as emoções que havia experimentado aqueles dias definhariam e acabariam morrendo. Aí, a única coisa que lhe restaria seria viver um fantasma de si mesma.

“Como ele pôde fazer isso comigo?”, perguntava-se ela sem cessar.

Mesmo estando à beira de uma crise de desespero, a educação que recebera, o treino, o autocontrole que seus pais tinham lhe ensinado a exercitar desde pequena, permitiam que Astara se comportasse de maneira que qualquer observador menos avisado consideraria normal.

Disse à criada de quarto que chapéu queria usar e qual dos belos xales levaria para se proteger caso fizesse frio no faetonte. Agora que o sol já estava alto, dava para perceber que o dia seria quente, por isso não trocou o vestido branco que vestira logo ao se levantar.

Escolhera aquele vestido de propósito, pois era o que usara para posar como Perséfone, e esperava que lembrasse a Vulcan os sentimentos que o haviam inspirado a chamá-la de “Afrodite” e de “minha deusa”.

O vestido era inteiramente branco, e o chapéu que escolhera tinha uma

fileira de flores cor-de-rosa e fitas da mesma cor, para amarrar sob o queixo. Astara estava encantadora ao descer as escadas para encontrar William, que já estava à sua espera no vestíbulo.

Seria preciso ser uma pessoa mais sensível do que ele para perceber que ela estava muito pálida e que seus olhos estavam vítreos, como se ela tivesse sofrido um choque.

O faetonte estava estacionado na frente da mansão. Os belos cavalos de William pareciam indóceis para partir, e os lacaios estavam tendo alguma dificuldade para segurá-los.

Lionel ajudou Astara a subir no veículo.

— Tomem cuidado — recomendou. — Estes veículos podem ser perigosos em estradas estreitas.

— Está duvidando da minha perícia? — retrucou William, arrogante.

— Estou mais preocupado com a possibilidade de Astara não ser tão experiente quanto você — replicou Lionel, e, como William não respondesse, acrescentou: — Sei que não tenho nada com isso, mas acho que seus cavalos são muito impetuosos para que uma mulher os conduza.

— Pode confiar no meu bom senso, caro Lionel — respondeu William com petulância. — Além disso, tio Roderick me garantiu que Astara dirige de maneira excelente!

— Estou absolutamente convencido de que você é excelente em tudo o que faz! — Lionel segurou a mão de Astara. — Mas ficarei esperando ansiosamente sua volta.

William fez um som com a boca que tanto poderia ser de irritação quanto de desgosto, e depois deu sinal para que os lacaios largassem os cavalos. Fustigou-os com uma chicotada forte e Lionel foi obrigado a recuar, mas permaneceu vendo Astara e William se afastarem até eles desaparecerem entre as enormes árvores do parque.

Em seguida, com um suspiro profundo, caminhou para o estábulo.

Astara sentia-se totalmente dominada por um doloroso vazio.

Em outras circunstâncias, estaria fascinada por esse passeio ao lado de um condutor tão excelente, e puxada por duas parelhas tão maravilhosas.

Como conhecia cavalos muito bem, sabia que aqueles baios absolutamente semelhantes, com duas manchas brancas apenas nos machinhos, eram parelhas que as pessoas só podiam comprar uma vez na vida. O faetonte também era levemente mais recuado e muito mais elegante

do que qualquer outro que vira em Paris. Com a cartola ligeiramente inclinada para o lado, a figura de William dava um toque de estilo à carruagem, com um requinte que, com certeza, só se encontraria na Inglaterra.

Apesar dos conselhos de Lionel, rodavam em alta velocidade pela estrada ladeada de rosas, violetas e outras flores que, como já notara quando viera de Londres, ela havia passado muitos anos sem ver.

A natureza parecia em festa e o ar estava agradavelmente perfumado.

No coração de Astara, porém, só havia um gélido frio de inverno, e parecia-lhe impossível vibrar de novo com o milagre da primavera, pois tudo a fazia recordar o quadro de Perséfone que Vulcan pintara.

“Como pôde fazer isso comigo? Como foi capaz de me fazer sofrer assim?”, pensava obsessivamente, na ilusão de que seu pranto mudo e cheio de dor pudesse trazer Vulcan de volta.

Será que ele sabia a que ponto a havia ferido, profunda e cruelmente?

William não dizia nada, atento à condução das duas parelhas, e, imersa na própria infelicidade, sem nada para desviar o rumo dos seus pensamentos, Astara continuou pensando em Vulcan.

Ainda podia sentir a pressão dos lábios dele sobre os seus, e sua boca ainda estava até levemente magoada pela violência de seus beijos. Vulcan fora capaz de despertar em seu íntimo algo de primitivo e selvagem. Desde o primeiro momento em que o vira, percebera instintivamente que ele era o homem que completava sua feminilidade.

Vulcan era sua outra metade, o homem que tinha sido, talvez, seu amor em outras encarnações, aquele que sempre procurara e que agora havia encontrado. E embora ele não quisesse admiti-lo, Astara tinha uma certeza inquestionável de que Vulcan sentia o mesmo por ela.

Os dois haviam se fundido irremediavelmente numa só pessoa assim que seus olhares se encontraram pela primeira vez, e quando ele a beijara, Astara soube que a tinha despertado e tomado posse de sua alma para sempre.

“Como ele pôde ser capaz de negar tudo isso?”, gritava interiormente. “E para quê? Para continuar explorando o mundo, penetrando em lugares desconhecidos por outros homens, descobrindo civilizações esquecidas? Será que isso pode ser mais importante que o amor?”

A conclusão era uma só: para Vulcan, sim!

Astara sentia-se como se Vulcan a tivesse arrancado cruelmente do paraíso para o qual o seu amor a conduzira e a tivesse lançado num inferno horrível, muito pior do que aquele em que Perséfone tinha sido encarcerada.

Na verdade, não tinha perdido somente Vulcan. Perdera também o próprio amor e qualquer possibilidade de ser feliz.

Sua vida continuaria incompleta e vazia. Continuaria respirando e envelhecendo, mas nada mais teria sentido, pois Vulcan não estaria ao seu lado.

Voltou à realidade com um sobressalto ao ouvir a voz de William:

— Pensei que você gostaria de ver esta região. Eu a acho muito bonita, e por isso a trouxe aqui.

Astara olhou em volta. Era um lugar realmente muito bonito, com árvores imensas dos dois lados da estrada, por entre as quais de vez em quando se podiam avistar os campos verdes e árvores frutíferas em flor.

— Que horas são? — Astara lembrou-se de repente. — Não podemos deixar tio Roderick esperando.

— Se ele estiver nos esperando, receio que o esteja fazendo em vão — replicou William.

— O que está querendo dizer com isso? Você sabe muito bem que ele não gosta de ficar esperando quando já está pronto. Combinamos estar lá às dez e meia, para montarmos juntos.

— Hoje ele terá que montar apenas na companhia de Lionel. — insistiu William. — Você e eu vamos brincar de cabular a aula.

— Não estou entendendo.

— Vamos almoçar num lugar muito especial, que sei que vai interessá-la.

— Você avisou tio Roderick antes de sairmos?

— Deixei um bilhete sobre a escrivaninha dele.

— Então espero que ele o encontre antes de ficar nos esperando — comentou Astara. — Por que não pediu a algum criado para entregá-lo pessoalmente?

William não respondeu e Astara considerou que era muita petulância dele interferir nos planos de sir Roderick.

Como todas as pessoas idosas que organizam suas vidas até o último detalhe, sir Roderick ficava furioso quando tinha que mudar algum de seus planos no último momento.

Ele tinha dito que estaria em casa às dez e meia, e Astara tinha certeza de que o faria pontualmente, esperando que ela e os dois sobrinhos já estivessem à sua espera.

— Temos que voltar — ela decidiu, de repente. — Tenho certeza de que, se pedir desculpas, tio Roderick o perdoará. E se já tiver saído com Lionel, poderemos alcançá-los.

— Pela primeira vez na vida, hoje tio Roderick não vai ter as coisas como quer — teimou William, num tom de voz estranhamente agressivo. — Tem sido muito difícil ficar a sós com você, Astara, por isso, hoje, planejei tudo com muito cuidado.

— Gostaria de ter sido consultada.

— Se eu tivesse feito isso, você poderia recusar meu convite.

— Pode ter certeza de que eu insistiria em querer voltar na hora combinada.

— Então veja como fui inteligente em não arriscar uma discussão. Discussão aliás que eu sem dúvida acabaria ganhando.

— Como pode ter tanta certeza disso?

— Eu sempre ganho — respondeu William, arrogante.

“William é um convencido intolerável!”, pensou Astara, como já tinha tido a oportunidade de pensar muitas vezes.

Talvez quando sir Roderick soubesse como William estava se comportando, mudasse de idéia a respeito de seu sobrinho favorito.

De repente Astara lembrou como sir Roderick tinha ficado feliz ao ver Vulcan em sua casa na noite anterior. Pensou também em como tinha ficado surpresa com o fato de seu tio aparentemente saber tudo o que ele tinha feito e os lugares que visitara, parecendo orgulhar-se de sua coragem e ousadia.

Mas o simples fato de lhe ocorrer novamente o nome de Vulcan fez com que voltasse a se angustiar, e, com firmeza, resolveu que não pensaria mais nele.

— Para onde estamos indo, William?

— Vou levá-la para almoçar no The Kind Dragon. É uma taverna construída na beira de um lago, perto de uma cidadezinha chamada Elstree. No verão, costumo jantar lá freqüentemente.

Astara compreendeu que William estava mesmo decidido a levá-la a esse lugar, e concluiu que não adiantaria nada continuar discutindo. Assim, ficaram em silêncio durante mais ou menos trinta minutos, até que ele

exclamou:

— Aqui está o lago! Agora você vai ver que não exagerei ao dizer que era um lugar muito especial.

Tinham saído da estrada principal e estavam percorrendo um caminho estreito, ladeado de árvores que margeavam um imenso lago, que parecia ficar no centro de uma floresta.

O sol brilhava intensamente, e patos selvagens e outros pássaros levantaram vôo ao sentir sua aproximação.

A estradinha acompanhava uma boa parte do lago, e, depois de a percorrerem toda, Astara viu uma antiga estalagem construída à beira da água.

— Aqui está o The Kind Dragon! — disse William, apontando com o chicote.

— É muito pitoresco!

Astara pensou que tinha sido mesmo muita petulância de William trazê-la até aquela estalagem, sem antes lhe perguntar se gostaria de ir. Entretanto, deixara-o ir muito longe enquanto pensava em Vulcan, e agora era tarde demais para voltar para o almoço.

Só esperava que William tivesse dado uma explicação plausível no bilhete que deixara na escrivaninha de sir Roderick.

Pararam na frente da estalagem, que era muito antiga e pintada de branco e preto, o que fez Astara recordar-se novamente do Velho Moinho, pintado no mesmo estilo.

Os empregados da estrebaria correram para segurar os cavalos, e, depois de saltar, William estendeu a mão para ajudar Astara a descer do faetonte.

— Imagino que você queira se refrescar antes do almoço — disse ele.

— Vou pedir um quarto para você, e, como temos uma sala particular só para nós, pode tirar o chapéu e ficar à vontade.

— Obrigada — murmurou Astara.

Subiu por uma estreita escadaria de madeira e uma criada indicou-lhe um bonito quarto, com uma janela em arco que dava para o lago.

Astara ficou parada por um momento, admirando o brilho do sol refletido na água. Não conseguiu deixar de pensar que, se estivesse ali com Vulcan, tudo estaria maravilhoso e sua felicidade seria perfeita.

“Tenho que agir com muita calma, para não deixar que William

perceba que algo está errado comigo”, pensou.

Não suportaria que ele soubesse que estava sofrendo ou que Vulcan entrara em sua vida, fazendo-a descobrir o amor.

Tinha percebido o jeito como William falara com o primo na noite anterior, com o desprezo estampado abertamente no olhar. Para um homem como ele, seria impossível chegar a compreender os padrões e ideais de Vulcan, tão diferentes dos seus.

Com um ligeiro sobressalto, percebeu que ficara parada em frente à janela, ao invés de aprontar-se para almoçar.

Tirou o chapéu e, ao se olhar no espelho, surpreendeu-se por ver que seu rosto não estava marcado pelo sofrimento e nem um pouco transtornado.

A criada tinha colocado água morna numa bacia de porcelana, e, depois de lavar as mãos e o rosto, Astará desceu as escadas.

O proprietário da estalagem já estava à sua espera, e, depois de conduzi-la por um corredor estreito, abriu uma porta.

A sala particular de William era pequena e aconchegante, e a mesa para o almoço estava arrumada ao lado de uma janela, por onde se podia admirar o belo jardim.

— Espero que você esteja com fome — disse William. —

108

Pedi uma refeição deliciosa. Tenho certeza de que vai adorar. Astará pensou que seria quase impossível conseguir engolir uma só colherada, mas disse em voz alta:

— Esta estalagem parece um lugar muito luxuoso, apesar de tão distante.

— Eu lhe disse que costumo vir aqui nas noites de verão. Durante a temporada anual, isso aqui é um retiro em moda para os rapazes de St. James.

Astará desconfiou que as mulheres que eles levavam ao The Kind Dragon deviam ser de posição social muito diferente da sua e concluiu que, de certa forma, era insultante que William a tivesse trazido a uma estalagem sem uma dama de companhia.

Porém, não adiantaria nada dizer isso agora, e quando o proprietário entrou apressado, trazendo o almoço, Astará sentou-se à mesa.

A comida estava excelente e William pareceu satisfeito com o vinho.

Astará comeu muito pouco, mas ele fez justiça aos vários pratos deliciosos, dando a impressão de estar prolongando a refeição

propositadamente.

Quando, afinal, se recostou na cadeira, segurando um cálice de licor, e depois de os criados se retirarem da sala, Astara falou:

— Agora precisamos ir. Tenho certeza de que tio Roderick já deve estar bastante aborrecido conosco.

William colocou calmamente o cálice sobre a mesa, olhou para Astara e anunciou, com firmeza:

— Nós não vamos embora!

Astara pensou que não ouvira direito.

— O que você disse?

— Disse que não vamos embora... pelo menos, não até amanhã.

— O que você... está... dizendo?

— Pode ser uma grande surpresa para você, Astara, mas vamos nos casar daqui a uma hora.

Astara arregalou os olhos e ficou paralisada por um momento.

— Você ficou louco?

— Pelo contrário, estou absolutamente são — replicou William, irônico. — Você já brincou bastante comigo, Astara, e como parece que não consegue se decidir sozinha, resolvi decidir por você.

— Se pensa que estou querendo casar-me com você, está redondamente enganado! — ela gritou.

— Você não tem outra opção!

Astara prendeu a respiração, mas sua voz estava firme quando perguntou:

— O que quer dizer com isso?

— Mandeí meu valete para Londres esta manhã, para providenciar uma licença especial de casamento — retrucou William. — Ele deve estar para chegar, e já mandei um criado marcar nosso casamento com o pastor da igreja mais próxima daqui.

— Então vou deixar bem claro de uma vez por todas: não tenho nenhuma intenção de me casar com você — Astara retorquiu em tom categórico.

— Como já lhe disse, você não tem outra opção.

— Você pretende me arrastar até o altar, aos gritos? Imagino que nenhum pastor celebraria com a noiva dizendo “não”!

— Bem, se pretende fazer isso esta tarde, então o casamento poderá ser

adiado até amanhã de manhã...

A ameaça implícita nessas palavras fez com que Astara sentisse medo pela primeira vez.

Estava sozinha com um homem numa estalagem isolada.

Pelo modo como tinha sido cumprimentado ao chegar, e pelo tom da conversa do proprietário ao servir o almoço, dava para perceber claramente que William era um hóspede assíduo da estalagem, e considerado como uma pessoa muito importante.

Assim, mesmo que implorasse a ajuda do proprietário ou dos outros criados, eles não fariam nada em seu favor.

“Por outro lado, se William me forçar a passar a noite aqui com ele, amanhã não terei outra alternativa, a não ser o casamento”, pensou Astara, desesperada.

O pior de tudo é que não conseguia deixar de pensar que aquela atitude de William na verdade não deixaria seu tio, ou ninguém, horrorizado. Talvez apenas Lionel, porque ele a amava.

Todos considerariam um tal casamento perfeito e vantajoso, tanto para um quanto para outro. E este era, afinal, o desejo de sir Roderick.

“Tio Roderick só incluiu os outros dois sobrinhos nessa história toda para que eu a achasse mais interessante.” Já tinha pensado nisso várias vezes, e concluirá que sir Roderick realmente desejava que William fosse o herdeiro da Mansão Worfield. O fato de ele a estar coagindo ao casamento não teria, no final, a menor importância.

Astara queria gritar, sair correndo da sala e desaparecer daquela estalagem, mas sabia que William não a deixaria escapar. Qualquer tentativa nesse sentido se revelaria apenas humilhante.

— Imagino que para você não tem a menor importância o fato de eu estar apaixonada por outra pessoa, não é? — perguntou Astara, com a voz gelada e contida.

— Por Vulcan, imagino! — respondeu William. — Percebi muito bem o jeito como você o olhava, ontem à noite. Foi o que me fez perceber que ele era perigoso. — Ele riu de modo desagradável. — As mulheres ficam sempre fascinadas por esbanjadores e vagabundos, e você não é exceção à regra.

— Que crítica injusta! — exclamou Astara, inflamada.

— Injusta ou não, não vou permitir que a fortuna de meu tio e a propriedade da família caiam nas mãos de um aventureiro como meu primo

Vulcan.

— Seu comportamento é abominável! Vou deixar claro de uma vez por todas: odeio você! Prefiro morrer a me casar com você!

William riu de novo.

— Você não vai morrer, minha cara, e posso garantir que vai gostar de estar casada comigo. Como já lhe disse, posso lhe proporcionar uma posição social de muito destaque, e aos poucos você acabará descobrindo que o dinheiro compensa quase tudo.

— Todo o dinheiro do mundo não seria capaz de compensar o fato de ter você como marido! — retrucou Astará.

— Você acha isso agora, mas vai aprender a gostar de mim, talvez até depressa demais. Acho sua teimosia intrigante e muito excitante.

A expressão dos olhos de William a fez encolher-se.

Astará sabia que o fato de não ser complacente com ele, como a maioria das mulheres, servia apenas para excitá-lo.

William não queria somente o dinheiro que aquele casamento lhe traria. Ele a queria também.

Queria Astará não por amor, mas para triunfar sobre ela e satisfazer seu desejo de possuí-la.

Astará levantou-se da mesa e notou que ele a observava atentamente, como se temesse uma tentativa de fuga. Parou em frente à lareira, onde uma enorme tora ardia em brasas. Sentia muito frio, porque estava em estado de choque e com muito medo.

Como um animal preso em uma armadilha, tentava febrilmente imaginar um meio de escapar. Tinha que existir alguma coisa que pudesse fazer ou dizer, para impedir que William se casasse com ela!

Não sabia o que seria pior: casar com ele naquela mesma tarde ou esperar até a manhã seguinte.

Tinha certeza absoluta que de nada adiantaria tentar ganhar tempo. Sendo mantida como prisioneira na estalagem, por mais que se esforçasse, não conseguiria impedir que William a possuísse.

Poderia apelar para ele, implorar de joelhos até, que não adiantaria, pois tinha visto aquele brilho estranho em seus olhos e sabia que ele não teria piedade, nem lhe daria a menor chance de escapar.

William levantou-se e parou ao seu lado:

— Estou vendo que é muito sensível — disse. — Mas acredite, cenas

não podem nos ajudar em nada. Caso você não saiba, o proprietário dessa estalagem concordará com tudo o que eu vier a fazer e somos os únicos hóspedes aqui.

— Odeio você! — Astara falou em voz baixa. — Você é desprezível!

William sorriu.

— Como já disse, logo você mudará de idéia. Amanhã mesmo estará agradecendo a Deus por ter um homem tão excepcional como seu marido!

Pelo jeito como falou, Astara percebeu que tinha certeza de que, como as outras mulheres o haviam feito, ela o consideraria um amante tão fabuloso que toda a sua resistência e indignação desapareceriam aquela noite.

Tremia de repugnância só de pensar em ser tocada por William, sobretudo quando amava Vulcan tão profundamente.

Astara encarou-o com desdém, inconformada por ter chegado o achá-lo atraente e encantador quando o conhecera.

Agora preferia estar diante de uma serpente venenosa, e fora sincera ao dizer que preferia morrer a se tornar sua esposa.

De repente, movida talvez pelo mais puro instinto de sobrevivência, todo o seu medo e os últimos vestígios do amortecimento que dificultava seu pensar desde que deixara Vulcan desapareceram.

Sem nenhuma emoção, começou a refletir sobre o que faria.

Sabia que William observava cada movimento seu com atenção, e concluiu que o mais desagradável de tudo era o fato de ele se mostrar tão arrogante, tão seguro e confiante de que venceria.

Lembrou-se de Lionel dizendo que William sempre queria ser o primeiro em tudo, sempre queria ser o vencedor. Era exatamente o que estava tentando fazer agora.

— Imagino que não adiantaria fazer um ultimo apelo ao seu bom senso ou à sua decência, não é? — Astara perguntou com voz firme.

— Não!

— Sabe que tio Roderick ficará muito desapontado por não estar presente ao nosso casamento?

— Eu estava mesmo imaginando quando você iria usar esse argumento — ele retrucou com cinismo. — Não adianta, Astara. Já fiz meus planos, e não pretendo mudá-los. — William ficou em silêncio por um instante, e, como Astara não dissesse nada, continuou: — Sua única escolha é casar comigo; hoje ou amanhã de manhã.

— Como sou uma pessoa que respeita as convenções sociais, prefiro que esta farsa seja realizada agora! — replicou Astara, asperamente. — Será que permite que eu coloque meu chapéu? É comum usar chapéu numa igreja.

— Claro! — respondeu William. — Vou esperá-la na escadaria, e já vou avisando que não existe outro meio de sair da estalagem a não ser pela porta da frente.

— Obrigada por me poupar o trabalho de procurar outra saída — Astara retrucou com sarcasmo.

William abriu a porta da saleta e Astara saiu de cabeça erguida.

Achou que o sorriso dele revelava tanta ironia que teve vontade de avançar sobre ele, gritar e arranhá-lo de raiva, mas isso não adiantaria nada.

No momento, William era o vencedor, e ela, tão indefesa quanto qualquer escrava.

Foi para o quarto que usara antes e, ao fechar a porta, não se surpreendeu ao reparar que não havia chave na fechadura, nem trinco na porta. Já devia estar esperando por isso!

Ao ver a cama de casal, estremeceu violentamente e caminhou até a janela, tentando pensar no que poderia fazer para escapar daquela situação ignóbil.

Imaginava que William lhe daria cinco ou dez minutos para se preparar antes de subir e levá-la, arrastada, se necessário, para a igreja.

Ficou parada na frente da janela, olhando para as águas douradas pelo brilho do sol e pensando que aquilo tudo não podia ser verdade. Devia ser um pesadelo!

Uma semana antes, talvez não fosse tão terrível, mas agora tinha conhecido Vulcan. Sabia que William tinha razão quando dissera que, pela expressão com que o fitara, percebera que Vulcan tinha conquistado seu coração.

Astara ainda o amava, e amava-o com todas as forças do seu coração. A simples idéia de ser tocada por outro homem era um sacrilégio e uma ofensa a tudo o que existia de mais divino.

— Papai, ajude-me! Você, que passou por situações tão difíceis e perigosas, e sempre conseguiu escapar, mostre-me agora o que devo fazer. Ajude-me... por favor, salve-me!

Aquela prece foi feita com tanto fervor e intensidade que, assim que abriu os olhos, Astara percebeu que a resposta estava ali, tão clara como se

tivesse sido dita em voz alta!

Tirou imediatamente os sapatos e segurou a barra da saia. Felizmente os vestidos justos não estavam mais na moda, como durante os anos de guerra. Agora eram amplos, ajustando-se apenas na cintura, com corpetes também justos, bordados ou enfeitados com renda.

Sem perder mais tempo. Astara abriu a imensa janela de duas folhas e subiu ao parapeito.

Olhou para o lago imediatamente abaixo e calculou que devia ser fundo o suficiente para ela mergulhar sem bater no fundo.

Seria extremamente perigoso atolar-se na lama ou bater a cabeça em alguma pedra. Entretanto, como o prédio da estalagem não era muito alto, o salto não seria grande demais.

Astara equilibrou-se, apoiada numa das folhas da janela, e, sem hesitação, respirou fundo e mergulhou, com a graça de um cisne!

A água estava gelada, e ela quase perdeu a respiração ao voltar à superfície. Logo depois começou a se afastar da estalagem, com vigorosas braçadas bem ritmadas.

Resolveu que seria melhor alcançar logo a margem e correr, sob o abrigo das árvores da floresta, até a estrada principal.

Talvez conseguisse encontrar alguém que sentisse pena dela e concordasse em levá-la até a Mansão Worfield.

Ainda não tinha avançado muito no lago quando ouviu um grito. Sabia quem era antes de olhar para trás.

William a chamava da janela do quarto:

— Volte aqui, Astara! Volte imediatamente!

Astara continuou a nadar com redobrado vigor. William tinha descoberto sua fuga mais cedo do que esperava! Talvez tivesse tido o pressentimento de que ela encontraria um meio de fugir.

Astara nadava com esforço, sentindo o peso da saia que a atrapalhava, mas motivada a continuar até o fim, pois, se conseguisse chegar à floresta antes de William alcançá-la, teria boas chances de escapar.

De repente, consternada, ouviu um galope, e viu William montado num cavalo, procurando cercá-la pela margem.

Imaginou que devia ter pedido emprestado um cavalo para alguém da estalagem, ou então um dos seus cavalos tinha sido selado com incrível rapidez.

Astara parou de nadar e deixou-se ficar, boiando.

“Talvez seja melhor eu ir para o outro lado”, refletiu. “Lá não há estrada, e William levará bastante tempo para dar a volta inteira pela margem. Além disso, terá que cavalgar lentamente, entre as árvores.”

Se fizesse isso, no entanto, ficaria muito distante da estrada principal, isolada de qualquer possível ajuda.

— O que vou fazer, meu Deus?

De repente, sentiu seu coração acelerado. Dois cavaleiros se aproximavam pelo outro lado do lago, e não precisou fixar a vista para descobrir quem eram.

Astara mudou novamente de direção e voltou a nadar na direção da estradinha.

William parou e ficou olhando, perplexo, sem entender por que Astara resolvera nadar diretamente na sua direção. Mas, no momento seguinte, virou-se e viu os dois homens aproximando-se.

Também devia tê-los reconhecido, pois mesmo de longe Astara percebeu a raiva estampada em seu rosto.

Vulcan e Lionel alcançaram William e puxaram bruscamente rédeas de seus cavalos.

— Que diabos vocês estão fazendo aqui? — perguntou William, furioso.

As palavras pareciam sibilar em seus lábios.

— Foi o que viemos lhe perguntar — replicou Lionel. Sem dizer nada, Vulcan desceu do cavalo num salto. Lionel inclinou-se para a frente e segurou as rédeas.

— Desmonte, William! — ordenou Vulcan. — Vou lhe dar a lição que você merece há muito tempo!

— Você acredita mesmo que seja capaz? — O tom de voz de William ainda estava cheio de sarcasmo.

— Desmonte! — repetiu Vulcan, ferozmente.

William obedeceu. Sua expressão era irônica, como se acreditasse que Vulcan se arrependeria do que estava fazendo e que ele mesmo acabaria recebendo uma lição.

O cavalo em que estava montado era calmo e simplesmente baixou a cabeça, começando a mastigar a grama da margem do lago.

— Já que está me desafiando, Vulcan, aceito a briga. Porém, quero que

concorde em ir embora e deixar Astara para mim, quando eu sair vencedor.

— Não farei nenhum acordo com você — replicou Vulcan, aproximando-se.

— Espere um instante! — disse William. — Vamos lutar de maneira civilizada, como dois cavalheiros. Quero tirar o paletó!

Enquanto falava, William tirou o elegante paletó de montaria e colocou-o sobre a grama. Depois, virando-se rapidamente, atacou Vulcan, pegando-o de surpresa.

Lionel prendeu a respiração ao ver a ação de William, mas Vulcan amenizou o soco, saltando para o lado. Em seguida, golpeou o primo e foi a vez de William recuar, mantendo os punhos na defensiva.

— Obedeça às regras — disse asperamente.

— Freqüentei uma escola diferente da sua!

Vulcan golpeou William novamente, e o famoso pugilista, o celebrado visconde, que se enaltecia por ter enfrentado e nocauteado Jackson e Mendoza, foi para o chão com um ruído surdo.

“Vulcan pode não ter seguido as regras de Queensberry, mas usou uma técnica eficiente que eu nunca tinha visto”, pensou Lionel, satisfeito. “William bem que merecia uma lição como essa!”

Fosse qual fosse a técnica, William já estava fora da luta. Vulcan levantou-o como se ele fosse um saco de batatas e jogou-o na água.

Nesse mesmo momento, Astara alcançou a beira do lago, a alguns metros de distância dos rapazes.

Ergueu-se, e seu vestido ensopado revelou cada curva de seu corpo jovem e perfeito, fazendo-a parecer uma ninfa.

Astara teria caminhado os poucos passos que a separavam da margem, mas Vulcan foi mais rápido e chegou primeiro. Entrou no lago, abraçou-a e beijou seus lábios gelados.

CAPÍTULO VII

Alguém entrou na saleta, e Vulcan, parado diante da janela, perguntou, sem virar a cabeça:

— Como está a moça?

— Veja o senhor mesmo! — respondeu uma voz.

Vulcan virou-se rapidamente e viu Astara sorrindo no canto da sala. Usava um vestido de algodão listrado de uma das criadas e trazia uma toalha sobre os ombros, sobre a qual seus lindos cabelos, ainda molhados, caíam, formando uma cascata dourada.

— Você está bem? — A voz de Vulcan estava surpreendentemente ansiosa.

— Eu achei que... seria melhor terminar de... secar meus cabelos na... frente do... fogo — respondeu ela.

Astara estava olhando para Vulcan, mas falava como se as palavras não estivessem saindo de sua boca.

Estava pensando no prazer que ele lhe proporcionara ao carregá-la nos braços para fora do lago e ao beijá-la, fazendo-a esquecer tudo, a não ser a maravilha de estar ao seu lado novamente.

Depois de tirá-la do lago, Vulcan a pusera de pé na margem e, tirando o casaco, enrolara-o sobre seus ombros e a seguir a acomodara na sela do seu cavalo.

Depois montara atrás dela e, só quando já a segurava com firmeza, virara-se para dizer a Lionel:

— Siga-nos até a estalagem. É melhor deixar um cavalo para carregar esse porco.

— Tenho medo que ele se afogue — respondeu Lionel, olhando para William, que parecia boiar na água.

— É o que ele merece! — replicou Vulcan, incitando o cavalo a galopar.

Entretanto, antes de se afastar, pôde ver que William tinha recobrado a consciência e estava batendo as mãos na água.

Vulcan não falou nada durante a rápida cavalgada até a estalagem.

Astara estava tão grata por ter sido salva, e tão feliz por se encontrar

nos braços do homem que tanto amava, que apenas encostou a cabeça em seu peito e fechou os olhos, quase não conseguindo acreditar que aquele momento não era um delírio louco.

– Estou... molhando... você – murmurou, pouco depois.

– Não tem importância.

Quando chegaram ao jardim da estalagem, um rapaz correu para segurar o cavalo. Vulcan saltou para o chão e, com todo o cuidado, ajudou Astara a descer da sela.

– Mostre-me qual é o quarto desta dama! Reconhecendo o tom de autoridade daquele homem, o estalajadeiro subiu correndo a escadaria de madeira e abriu a porta do quarto.

– Mande duas criadas de quarto para cá imediatamente! – ordenou Vulcan.

– Sim, senhor! É para já, senhor! – respondeu o estalajadeiro, muito solícito.

Quase que no instante seguinte a esposa dele e uma jovem entraram no quarto.

Ajudaram Astara a tirar as roupas molhadas e secaram seus cabelos, mas ela estava impaciente e só conseguia ter um pensamento: descer ao encontro de Vulcan!

Agora que tinha descido, detectou uma expressão nos olhos dele que nunca tinha visto antes, e não sabia ao certo o que significava.

Teve vontade de abraçá-lo e implorar novamente que não a abandonasse. No entanto, estava envergonhada, e desviou o olhar para a lareira.

– Talvez seja... melhor eu sentar... no chão.

Sem esperar resposta, sentou no tapete felpudo, de costas para a lareira, e Vulcan colocou mais alguns pedaços de madeira no fogo.

– Você está bem mesmo? – ele perguntou novamente, sentando-se numa cadeira ao seu lado.

Ele parecia espantado ao ver que Astara não estava ferida nem inconsciente, depois da provação por que acabara de passar.

– Claro que estou! – respondeu Astara, bem-humorada. – Embora a água estivesse gelada, não senti frio enquanto estava nadando.

– Eu não imaginava que você nadasse tão bem – comentou Vulcan.
– Como você foi parar dentro do lago?

— Foi a única maneira de conseguir escapar. William pretendia se casar comigo imediatamente, e, como estava me esperando na escada, tive que mergulhar da janela do quarto.

— Meu Deus! — Vulcan ficou mais surpreso ainda.

— Já nadei em lugares muito piores — disse Astara, sorrindo. — Pelo menos, não havia nenhum crocodilo no lago!

— Crocodilo? — repetiu Vulcan, intrigado. Um segundo depois, exclamou: — Beverley! Não vá me dizer que você é a filha de Charles Beverley!

— Claro que sou! Você não sabia?

— Não fazia idéia! Tudo o que eu sabia era que tio Roderick estava oferecendo festas muito luxuosas para uma jovem em Paris.

Vulcan parou de falar. Ficou olhando para Astara, parecendo não acreditar no que via e precisando de algum tempo para assimilar aquela importante descoberta.

— A filha de Charles Beverley! Nunca desconfiei... nunca imaginei essa possibilidade! Então você era a criança que foi com ele para o Sião e atravessou o deserto da Líbia?

Astara riu.

— Não me lembro de muita coisa dessa época. Só sei que costumava dormir muito confortavelmente nas costas de um camelo, e seu movimento ritmado embalava meu sono. — Astara notou a expressão de Vulcan e acrescentou: — Eu adorava viajar com papai, e, desde que morreu, sinto muita saudade dele, mas também das aventuras emocionantes que vivíamos juntos.

Ficaram ambos em silêncio. Ela, perdida nas recordações da família, e ele ainda tentando se convencer de que não estava sonhando.

— Por isso eu queria tanto ler o seu livro. — Astara suspirou. — Eu sabia que me lembraria dos artigos que papai escreveu para a associação de Londres, e um dos fundadores da Société de Géographes me contou que adorava ouvir as preleções de papai.

— Eu ouvi duas em que ele mencionava você — disse Vulcan.

— Lembro delas. — Astara sorriu. — Levei horas passando-as a limpo, para que ficassem legíveis.

— Como é possível você ter enfrentado todas essas viagens exaustivas e perigosas e dar a impressão de ser tão frágil, como se um vento mais forte

pudesse derrubá-la?

— Sou muito mais forte do que você pensa.

— E extremamente decidida!

Astara fitou-o e voltaram a ficar em silêncio por alguns instantes.

— Antes de você entrar na sala eu estava pensando que teria que desistir da viagem para o Cáucaso que tinha planejado — disse Vulcan. — Prometi trazer um relatório no qual a Société de Géographes tem muito interesse.

— E... agora? — perguntou Astara, imóvel, quase não conseguindo articular as palavras.

— Vou cumprir minha obrigação e levá-la comigo!

Astara deu um gritinho de emoção e ficou de joelhos, com os braços erguidos para Vulcan.

— Você... está falando sério? Está mesmo... falando sério?

Vulcan fitou-a com imensa ternura e ela pensou que nunca tinha visto um rosto com uma expressão como a dele.

— Eu não poderia deixá-la correr o risco de ser raptada e forçada a se casar com um homem como meu primo.

— Ele ficou com ciúmes do jeito que eu... olhava para você.

— Então trapaceou, como fez a vida inteira — concluiu Vulcan, asperamente. — Isso nunca mais voltará a acontecer, pelo menos não com você. Você é minha, Astara. Fui louco em pensar que poderia viver sem você.

— Você achava que eu... poderia sufocá-lo e... impedir suas... descobertas — murmurou Astara.

— Eu achava que não tínhamos nada em comum, além do sentimento que nos unia. — Vulcan segurou carinhosamente a face de Astara e continuou: — Você precisa me perdoar, querida, mas como eu poderia adivinhar que, apesar da sua beleza de deusa e do luxo em que vive, você é filha de Charles Beverley e foi acostumada a um tipo de vida muito diferente?

— Eu cheguei a pensar que... contanto que estivéssemos juntos... não importaria se morássemos numa tenda no deserto ou numa caverna no meio das montanhas.

— Agora eu sei que fui um tolo.

Vulcan abraçou Astara e sentou-a sobre seus joelhos, começando a beijá-la com intensa paixão. Astara estremeceu do prazer que o toque daqueles lábios sempre lhe despertava.

E agora era ainda mais maravilhoso, mais perfeito, pois sabia que não precisava mais ter medo de perdê-lo.

— Minha pequena Afrodite! — disse ele, depois de alguns instantes.
— Como pude chegar a pensar em viver sem você?

— Nunca mais acontecerá isso — tranquilizou-o Astara. — Ficarei para sempre ao seu lado, e vou cuidar de você como mamãe cuidava de papai.

— Pensei que *eu* fosse cuidar de você! — Vulcan sorriu. Astara riu carinhosamente.

— Mamãe dizia que os homens sempre pensam assim, mas que papai esqueceria a bússola, os mapas, o compasso e até a comida, se não estivéssemos com ele.

— Estou vendo que você foi muito bem treinada para ser esposa de um explorador.

Astara fitou-o com ar sério e solene.

— Você não precisa... casar-se comigo... se não quiser.

— E viver sempre com medo de perdê-la? Vamos nos casar imediatamente! Temos que estar em Paris daqui a quatro dias!

— Oh... Vulcan!

Vulcan beijou-a novamente, colando seu corpo ao dela, e Astara pôde sentir as batidas do coração dele contra seu peito. Entregou-se ao ardor daqueles lábios, cada vez mais possessivos e apaixonados, estremecendo a cada toque das mãos de Vulcan em seu corpo.

— Eu excito você? — ele murmurou.

— Você... sabe que... sim. Eu o amo... oh, Vulcan... eu o amo!

— Não tanto quanto quero que me ame!

— Então... ensine-me a amá-lo ainda mais.

— É o que pretendo fazer, meu amor.

A voz grave de Vulcan e o fogo em seus olhos deixavam Astara louca de paixão.

— Isso tudo... é mesmo verdade? — ela o encarou. — Não estou... sonhando?

— Não, meu amor... é tudo verdade!

— Estou tão feliz! Tão loucamente feliz, depois de tanto desespero!

— Perdoe-me.

Vulcan beijou seus olhos e depois passou os lábios sensualmente pelas

maças de seu rosto, fazendo-a tremer. Excitado por sua reação, levantou-a um pouco mais e começou a beijar seu pescoço, até a respiração de Astara ficar acelerada e entrecortada.

— Eu... amo... você... eu... amo... você... — ela murmurava sem cessar, mal conseguindo articular as palavras.

A porta se abriu de repente e Lionel entrou na saleta.

Vulcan levantou a cabeça, mas não fez nenhum movimento para largar Astara, que escondeu o rosto ruborizado em seu ombro.

— O que você fez com aquele porco? — perguntou.

— Ele terá que ficar no quarto até suas roupas secarem — respondeu Lionel.

— Você disse a ele que vamos levar o faetonte?

— Sim, e também que você deixará seu cavalo.

— Ele não fez nenhuma objeção?

— Praguejou com uma fluência que me surpreendeu, mas não há nada que possa fazer.

— Realmente, nada! — Vulcan repetiu com firmeza. — E quanto antes voltarmos para tio Roderick, melhor!

— Tio Roderick! — exclamou Astara, como se tivesse acabado de lembrar de sua existência. — Por falar em tio Roderick, como vocês souberam onde me encontrar?

— Agradeça a Lionel — respondeu Vulcan.

— Contem, por favor — pediu Astara.

— Foi apenas uma questão de sorte — observou Lionel. Estava olhando para Astara no colo de Vulcan, e havia muita dor em seu olhar. Atravessou a saleta para pegar uma garrafa de vinho sobre uma mesa de canto e serviu-se de uma taça.

— Quando você e William partiram, resolvi ir até o estábulo inspecionar os cavalos, pois não tinha nada para fazer — começou Lionel, depois de tomar um gole do vinho. — Sam estava lá, e comentei que William possuía duas parelhas de baios fabulosas.

— São os melhores que vi em muitos anos, capitão! — ele respondeu.

— Mas como ficaram parados por mais de um dia, espero que o senhor visconde dirija hoje com cuidado.

— Foi exatamente o que eu disse a ele — comentei.

— Em todo caso, eles estavam mesmo precisando dar um longo

passeio — continuou Sam.

— Um longo passeio? — Eu fiquei muito surpreso. — Mas o senhor visconde e a srta. Beverley deverão estar de volta daqui a uma hora, para cavalgar com sir Roderick!

Foi a vez de Sam surpreender-se, pois logo me contou que William tinha dito que só voltaria no dia seguinte.

— Tem certeza? — perguntei, mal conseguindo acreditar no que ouvia.

— Certeza absoluta, capitão — foi a resposta de Sam.

— A princípio fiquei confuso, e voltei para a mansão, pensando no que iria fazer — continuou Lionel. — Foi aí que me lembrei de ter visto William entrando na biblioteca com alguma coisa na mão. — Lionel deu mais um gole no vinho. — Imaginei que deveria ser um bilhete e corri até lá, encontrando-o sobre a escrivaninha. Não tive o menor pudor em abri-lo.

— No que fez muito bem, Lionel — observou Vulcan.

— Na realidade, nem parei para pensar. Só tinha a sensação de que William devia estar armando mais uma de suas armadilhas.

— E o que ele dizia no bilhete? — perguntou Astara, interessada.

— Dizia que tinha resolvido fazer as coisas a seu modo e que, quando voltassem, você já seria sua esposa. E também que tinha certeza de que tio Roderick aprovaria seu procedimento.

— Tenho a triste impressão de que ele teria mesmo ficado satisfeito — Astara comentou em voz baixa.

— Duvido — replicou Vulcan. — Tio Roderick é uma pessoa muito honesta, e não acredito que aprecie trapaças ou covardias como essa.

— Era exatamente o que William estava fazendo — reforçou Lionel. — Ele sempre trapaceava em Eton, quando queria ganhar um prêmio.

— E o que você fez depois que leu o bilhete? — perguntou Astara.

— Voltei para o estábulo e mandei Sam selar dois cavalos, para mim e para ele, e fomos até Little Milden.

— Procurar Vulcan?

— Eu sabia que não tinha condições de enfrentar William sozinho. Ele sempre ganhou de mim em tudo. Se eu tentasse lutar com ele, seria nocauteado em poucos segundos. — Lionel terminou de beber o vinho e acrescentou, com o entusiasmo de um garotinho: — Como conseguiu essa proeza, Vulcan? Nunca vi uma luta tão rápida! Meu Deus, como gostaria de

lutar assim!

– Como William disse, não sigo as regras de Queensberry!

– Então que técnica usa?

– Kung Fu – respondeu Vulcan. – Aprendi quando estive na China.

– Eu devia ter imaginado!

– Eu também! – concordou Astara. – Mal pude acreditar quando vi William cair, quase que antes de a luta começar.

– Tive a oportunidade de receber “educação no exterior”! – Vulcan sorriu.

– Eu também – disse Astara.

– Só agora eu sei disso – respondeu ele.

Ficaram se olhando por um momento, embevecidos pelo amor que agora admitiam abertamente.

De repente, percebendo que estavam sendo indelicados com Lionel, Astara se levantou.

Lionel a amava ao seu modo, e ela podia imaginar muito bem o que sentiria se fosse obrigada a ver Vulcan com outra mulher nos braços.

– Meu vestido já deve ter secado – disse. – É melhor voltarmos logo para casa.

– Isso mesmo – concordou Vulcan. – Vamos para casa – completou, acentuando a última palavra.

– Obrigada – agradeceu Astara, aproximando-se de Lionel. – Obrigada por me salvar mas você ainda não me contou como soube aonde William tinha me trazido – lembrou-se de repente.

– Imaginei que ele viria para cá – respondeu Lionel. – É um dos lugares que costuma freqüentar com...

Lionel interrompeu-se, como se estivesse prestes a cometer uma indiscrição, e Astara compreendeu que não precisava dizer mais nada. Era o que tinha desconfiado do The Kind Dragon desde o começo.

– Obrigada, querido Lionel. Embora eu ame e admire Vulcan mais do que a qualquer outra pessoa no mundo, sempre haverá um lugar para você em meu coração.

Astara ficou na ponta dos pés e deu um beijo em seu rosto. E, sem esperar que ele respondesse, saiu correndo da sala.

– Adeus, querido tio! – disse Astara, abraçando-o. – Vamos

escrever para o senhor sempre que possível, e mandarei todos os artigos sobre as descobertas de Vulcan.

— Isso mesmo. Eu me encarregarei de mandar passá-los a limpo e enviá-los para a associação e para a *société*. — Sir Roderick virou-se para Vulcan. — Quando estive em Paris, fiquei muito impressionado com os últimos artigos que você escreveu.

— O senhor tinha lido artigos de Vulcan? — protestou Astara. — Por que nunca me contou?

— Eu tinha minhas razões para não falar muito a respeito de Vulcan — replicou sir Roderick.

— Mas agora está contente por termos nos casado? — perguntou Astara, um pouco ansiosa. — O senhor queria que eu fosse feliz, não é?

— Eu deixei a você o julgamento do amor, e prometi que não a impediria de oferecer a maçã dourada para aquele que escolhesse, Astara.

— E eu escolhi Vulcan. — Sorrindo, Astara olhou para o quadro sobre a lareira e, afastando-se de sir Roderick, comentou: — O senhor reparou que eu fiz a mesma escolha que Paris?

Sir Roderick franziu as sobrancelhas, sem entender.

— Hera, representada por William, tentou me conquistar oferecendo-me uma posição social de destaque — começou a explicar Astara. — Atena, que é Lionel, ofereceu-me o louro das batalhas. No entanto, Paris escolheu Afrodite. O senhor se lembra por quê? — Astara suspirou e não esperou que o tio respondesse: — Afrodite não ofereceu nada além do amor, e é isso o que Vulcan está... me dando.

Não conseguindo se conter, Astara aproximou-se do homem que agora era seu marido. Vulcan pegou sua mão e beijou-a.

— Vamos logo, querida. Temos que chegar a Dover antes do anoitecer.

— Estou pronta. — Astara virou-se novamente para sir Roderick. — Será maravilhoso voltar e descobrir todas as reformas que o senhor ainda fará na Mansão Worfield.

— Não esqueça que o faço para você, minha querida, e para seu marido.

— Mas só daqui a muitos anos, tio Roderick. Temos muitos países para explorar, muitos livros para escrever e muitas palestras para fazer. — Astara sorriu, radiante, e logo continuou, num tom de voz diferente: — Tem uma coisa sobre o que... gostaríamos de contar com o senhor.

– O quê? – perguntou sir Roderick.

– Gostaríamos de deixar nossos... filhos... se por acaso os tivermos... sob os seus cuidados... até terem idade suficiente para viajarem conosco.

Sir Roderick fitou-a por um momento, sem acreditar no que ouvia, e em seguida caiu na risada.

– Mas claro! Como Vulcan, eles agora serão responsabilidade minha. Bem, a casa é muito grande. Estou disposto a cuidar de quantos filhos vocês queiram ter!

– Eu sabia que o senhor concordaria! – Astara abraçou-o impetuosamente.

– Estou vendo que vocês ainda não me consideram um velho gagá... Ainda posso ser útil – comentou sir Roderick, com os olhos marejados de lágrimas.

– O senhor só vai nos deixar desapontados se fizer algo tão estúpido quanto morrer – observou Vulcan.

– Estou vendo também que meu futuro será muito diferente de tudo o que já fiz no passado: serei um idoso vovô! Bem, já fiz de tudo um pouco na minha vida. Posso tentar mais um papel!

Sir Roderick riu e, abraçando Astara, conduziu-os até o vestibulo.

Lá fora havia um faetonte com duas parelhas de baios tão esplêndidas quanto as de William.

– Vulcan ficou maravilhado com seu presente de casamento! – comentou Astara. – Porém, como de muitas outras coisas, o senhor terá que cuidar dos cavalos até voltarmos.

– Pode ficar sossegada. Pelo menos você terá algo em que pensar quando estiverem nas costas de uma mula sarnenta qualquer!

– Prometo que vou sonhar com esses cavalos todas as noites – disse Vulcan. – A não ser que Astara fique com ciúmes.

– Ficarei mesmo. Quero que sonhe só comigo!

Os dois se deram as mãos e desceram as escadas correndo. Vulcan ajudou Astara a subir no faetonte.

– Adeus, tio Roderick! – gritou ela. – Cuide-se!

– Vocês é que precisam de cuidado!

Vulcan fez um sinal para os criados largarem os cavalos, e partiram.

Ainda era muito cedo, mas o sol já brilhava no lago, nas árvores, nas rédeas reluzentes dos cavalos e no diamante do anel de Astara.

Sir Roderick seguiu-os com o olhar até a carruagem desaparecer de vista e, suspirando, entrou novamente na mansão. Atravessou o vestíbulo e foi para a biblioteca.

Sobre sua escrivaninha estava uma miniatura de Charlotte Beverley. Astara deixara sob seus cuidados esse e vários outros objetos que tinham pertencido à sua mãe.

Sir Roderick ficou a admirar sua imagem por alguns instantes, depois pegou a miniatura nas mãos.

— Está satisfeita, Charlotte? Eu sabia que Vulcan era exatamente o homem que você gostaria de ter como genro. Eu sabia também que Astara, como todas as outras mulheres, não conseguiria resistir a um homem que a ignorasse!

Sir Roderick sorriu com tristeza e colocou novamente a miniatura sobre a escrivaninha.

— Você deve saber como ainda sinto sua falta! Só que agora, vou dividir com você os seus netos, e isso será um grande consolo para mim!

Quando terminou de falar, Sir Roderick afastou-se da escrivaninha e foi para a janela olhar o lago.

As águas estavam totalmente douradas, como os cabelos de Astara, douradas como tinham sido também os cabelos de sua mãe.



QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de 350 milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora, que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.

Não perca a próxima edição!

PERDÃO, AMOR

*O majestoso castelo, lar da família
Rockbourne por mais de trezentos
anos, agora pertencia ao conde de
Stanbrook, o homem causador
da morte do pai de Christine.
Para mais aumentar sua dor, ameaçada
de despejo, Christine teve de ir
suplicar ao conde que a deixasse morar
em uma pequena casa de sua propriedade.
Mas o belo e cruel nobre não sentia
piedade: só parecia querer se
aproveitar de sua juventude e inocência!*